

CITAÇÕES DO PRESIDENTE MAO TSETUNG



O LIVRO VERMELHO

Mao Tsé-tung

Proletário de todos os países, uni-vos!



***Se possível, comprem a versão impressa na loja d'A
Nova Democracia!***

Digitalização: José Joaquim Paz

Sumário

Capítulo I. O Partido Comunista	4
Capítulo II. As classes e a luta de classes.....	6
Capítulo III. Socialismo e comunismo	10
Capítulo IV. A justa solução das contradições no seio do povo.....	16
Capítulo V. Guerra e paz	20
Capítulo VI. O imperialismo e todos os reacionários são tigres de papel	24
Capítulo VII. Ousar lutar e ousar vencer.....	27
Capítulo VIII. A guerra popular	29
Capítulo IX. O exército popular.....	33
Capítulo X. O papel dirigente dos comitês do Partido	34
Capítulo XI. A linha de massas.....	38
Capítulo XII. O trabalho político	42
Capítulo XIII. Relação entre oficiais e soldados.....	46
Capítulo XIV. Relações entre o exército e o povo	48
Capítulo XV. «As três grandes democracias»	49
Capítulo XVI. A educação e a instrução militar	51
Capítulo XVII. Servir ao povo.....	52
Capítulo XVIII. Patriotismo e internacionalismo	53
Capítulo XIX. Heroísmo revolucionário	55
Capítulo XX. Edificar o país como diligência e economia	57
Capítulo XXI. Apoiar-se em suas próprias forças e lutar arduamente	59
Capítulo XXII. Métodos de pensamento e de trabalho.....	62
Capítulo XXIII. Investigações e estudo	69
Capítulo XXIV. A eliminação das concepções errôneas	71
Capítulo XXV. A unidade	75
Capítulo XXVI. A disciplina	76
Capítulo XXVII. A crítica e a autocrítica	77
Capítulo XXVIII. Os comunistas.....	80
Capítulo XXIX. Os quadros.....	82
Capítulo XXX. Os jovens	85
Capítulo XXXI. As mulheres	87
Capítulo XXXII. A cultura e a arte	89
Capítulo XXXIII. O estudo.....	91

Capítulo I. O Partido Comunista

A força-núcleo que dirige a nossa causa é o Partido Comunista da China.

A base teórica que guia nosso pensamento é o marxismo-leninismo

Para fazermos a revolução precisamos de um partido revolucionário. Sem um partido revolucionário, sem um partido fundado na teoria revolucionária marxista-leninista e num estilo revolucionário marxista-leninista, é impossível dirigir a classe operária e as grandes massas do povo à vitória sobre o imperialismo e seus lacaios.

Sem os esforços do Partido Comunista da China, sem os comunistas chineses como pilar principal do povo chinês, a independência e a libertação não são possíveis, assim como não será possível a industrialização e a modernização da agricultura da China.

O Partido Comunista da China é o núcleo dirigente do povo chinês. Sem esse núcleo, as causas do socialismo não podem triunfar.

Um partido disciplinado, armado com a teoria marxista-leninista, usando o método da autocritica e ligado às massas do povo; um exército sob a direção de tal partido; uma frente única de todas as classes revolucionárias e todos os grupos revolucionários sob a direção desse partido – eis as três armas principais que temos derrotado o inimigo.

Devemos confiar nas massas e devemos confiar no Partido. Esses são dois princípios fundamentais. Se duvidarmos deles nada poderemos fazer.

Armado com a teoria e a ideologia marxista-leninista, o Partido Comunista da China formulou um novo estilo de trabalho para o povo chinês, estilo que consiste essencialmente na integração da teoria com a prática, na criação de apertados laços com as massas e na prática da autocritica.

Um partido político que dirige um grande movimento revolucionário não pode conquistar a vitória sem dominar a teoria revolucionária, sem possuir um conhecimento da história e sem compreender profundamente o movimento prático.

Como temos dito, o movimento de retificação é um «movimento geral de educação marxista». Retificação significa o Partido inteiro lançado no estudo do marxismo, através da crítica e da autocritica. Seguramente, aprofundaremos o nosso conhecimento do marxismo ao longo do movimento de retificação.

Constitui tarefa muito árdua assegurar uma vida melhor às várias centenas de milhões de chineses e fazer do nosso país, econômica e culturalmente atrasado, um país próspero, poderoso e com alto nível de cultura. É precisamente com o fim de nos tornarmos capazes de assumir com maior competência essa tarefa, e para trabalharmos melhor juntamente com todos os que, não pertencendo ao Partido, são movidos por altos ideais e estão decididos a promover transformações, que devemos proceder a movimento de retificação, tanto agora como no futuro, e corrigir constantemente aquilo que há de errado em nós.

A política é o ponto de partida de todas as ações práticas de um partido revolucionário e manifesta-se tanto no processo como no resultado final dessas ações. Cada ação de um partido revolucionário constitui a realização de uma política. Se um partido não aplica uma política correta, aplica uma política errada; se não realiza conscientemente uma política, realiza-a às cegas. Aquilo a que chamamos de experiência é o processo e o resultado final da realização de uma política. Só através da prática do povo, isto é, através da experiência, podemos verificar se uma política é certa ou errada, e determinar em que medida ela é correta ou incorreta. Mas a prática dos homens, especialmente a política e um partido revolucionário e das massas revolucionárias, não pode deixar de estar intimamente ligada ou a uma ou a outra política. Por consequência, antes de passarmos a qualquer ação, devemos explicar a política que formulamos à luz das circunstâncias dadas, tanto aos membros do Partido como às massas. De outro modo, os membros do Partido e as massas acabarão por afastar-se da direção da nossa política, atuarão cegamente e realizarão uma política errada.

O nosso Partido já definiu a linha e a política gerais da revolução chinesa, bem como as diversas linhas de trabalho e as medidas políticas específicas. Todavia, acontece que frequentes vezes muitos dos nossos camaradas retêm as linhas de trabalho e as medidas políticas específicas e esquecem a linha e a política gerais do Partido. Se na verdade esquecermos a linha e a política gerais do Partido passaremos a ser revolucionários cegos, incompletos, de ideias confusas, e, ao aplicarmos as linhas específicas de trabalho e as medidas políticas específicas perderemos o norte, vacilaremos ora à esquerda ora à direita, e prejudicaremos o nosso trabalho.

Política e tática, eis a própria vida do Partido; em todos os escalões, os camaradas dirigentes devem dispensar-lhes a mais completa atenção e nunca mostrar – negligente a esse respeito.

Capítulo II. As classes e a luta de classes

Luta de classes, umas classes triunfam e as outras são eliminadas. Assim é a história, assim é a história da civilização, desde há milhares de anos. Interpretar a partir desse ponto de visto é materialismo histórico; sustentar o ponto de vista contrário é idealismo histórico.

Numa sociedade de classes, cada indivíduo existe como membro de uma classe determinada e cada forma de pensamento está invariavelmente marcada com o selo de uma classe.

Na sociedade, as mudanças são devido principalmente ao desenvolvimento das contradições que existem no seu seio, isto é, a contradição entre as forças produtivas e as relações de produção, a contradição entre as classes e a contradição entre o velho e o novo; é o desenvolvimento dessas contradições que faz avançar a sociedade e determina a substituição da velha sociedade por uma nova.

A exploração econômica e a opressão política cruéis, exercidas pela classe dos senhores de terra sobre os camponeses, forçaram esses a desencadear inúmeras insurreições contra a dominação de tal classe (...). Na sociedade feudal chinesa, só as lutas de classe dos camponeses, as insurreições camponeses e as guerras camponesas forma as verdadeiras forças motrizes do desenvolvimento histórico.

Em última análise, a luta nacional é uma questão de luta de classes. Nos Estados Unidos, os brancos que oprimem os negros são apenas os que constituem os círculos dominantes reacionários. Eles não podem representar de maneira alguma os operários, os camponeses, os intelectuais revolucionários e as demais pessoas esclarecidas que constituem a esmagadora maioria da população branca.

A nós, compete-nos a organizar o povo. É a nós que cabe organizar o povo para abater os reacionários da China. Tudo o que é reacionário é sempre igual: se não os golpeias, não caem. É como quando se varre o chão: como é normal, ali onde a vassoura não passa, a poeira não desaparece por si mesma.

O inimigo não morrerá por si mesmo; nem os reacionários chineses nem as forças agressivas do imperialismo norte-americano na China se retirarão por si mesmos da cena histórica.

A revolução não é o convite para um jantar, a composição de uma obra literária, a pintura de um quadro ou a confecção de um bordado; ela não pode ser assim tão refinada, calma e delicada, tão branda, tão favorável e cortês, comedida generosa. A revolução é uma insurreição, é um ato de violência pelo qual uma classe derruba a outra.

Tchiang Kai-Chek procura sempre arrebatrar ao povo cada polegada de poder e cada centímetro de vantagem por essa conquista. E nós? A nossa política e responder-lhe taco a taco e lutar por cada palmo de terra. Nós agimos conforme ele age. A todo o momento procura impor guerra ao povo, uma espada na mão esquerda e a outra na direita. Nós seguimos o seu exemplo, também empunhamos

espadas (...). Como Tchiang Kai-Chek está agora afilando as suas espadas, nós devemos também afilar as nossas.

Quem são os nossos inimigos? Quem são os nossos amigos? Esse problema é de uma importância primordial para a revolução. A razão fundamental pela qual as passadas lutas revolucionárias na China obtiveram tão fracos resultados está em não se ter sabido fazer a união com os verdadeiros amigos para atacar os verdadeiros inimigos. Um partido revolucionário é o guia das massas, não podendo, portanto, uma revolução alcançar a vitória se esse as conduz pela via errada. Para não dirigirmos as massas pela falsa via, e a fim de estarmos seguros de alcançar definitivamente a vitória na revolução, devemos prestar atenção à unidade com os nossos verdadeiros amigos para atacarmos os nossos verdadeiros inimigos. Para distingui-los devemos proceder a uma análise geral da situação econômica das distintas classes da sociedade chinesa, bem como das respectivas atitudes frente à revolução.

Os nossos inimigos são todos os que estão conluiados com o imperialismo – os caudilhos militares, os burocratas, a classe dos compradores, a classe dos grandes senhores de terras e o setor reacionário dos intelectuais que lhes é anexo. A força dirigente da nossa revolução é o proletariado industrial. Os nossos mais chegados amigos são a totalidade dos semiproletários e a pequena burguesia. Quanto à média burguesia, sempre vacilante, a sua ala direita pode converter-se em nossa inimiga e a esquerda, em nossa amiga, devendo, no entanto, manter-nos constantemente em guarda e não permitir que venha criar confusões em nossas filas.

Todo aquele que se coloca ao lado do povo revolucionário é um revolucionário. Todo aquele que se coloca ao lado do imperialismo, do feudalismo e do capitalismo burocrático é um contrarrevolucionário. Todo aquele que, em palavras, se coloca ao lado do povo revolucionário, mas age de maneira diversa é um revolucionário de boca. Todo aquele que se coloca ao lado do povo revolucionário, tanto em palavras como em atos, é um verdadeiro revolucionário.

Eu sustento que, relativamente a nós, é mau se uma pessoa, partido político, exército ou escola, não é atacado pelo inimigo, pois, seguramente, significa que desceu ao nível do inimigo. É bom se somos atacados pelo inimigo, na medida em que isso prova que traçamos uma clara linha de demarcação entre nós e eles. E melhor ainda é se esse nos ataca furiosamente, na medida em que não só demonstra que traçamos uma clara linha de demarcação entre o inimigo e nós próprios, mas ainda que alcançamos um êxito nos nossos trabalhos.

Devemos poiar tudo que o inimigo combate e combater tudo o que o inimigo apoia.

A nossa posição é a do proletariado e das massas populares. Para os membros do Partido Comunista isso significa sustentar a posição do Partido, o espírito do Partido e a política do Partido.

Depois da eliminação dos inimigos armados, ficarão ainda os inimigos sem armas, os quais travarão inevitavelmente uma luta de morte contra nós, razão por

que jamais devemos subestimá-los. Se atualmente não formularmos nem compreendermos assim o problema, cometeremos os mais graves erros.

Os imperialistas e os reacionários do interior do país jamais se resignarão à derrota e bater-se-ão até a última. Depois de restabelecida a paz e a ordem em todo o país, eles ainda se entregarão, de distintas maneiras, à sabotagem e à provocação de desordens, tentando, diariamente e a cada momento, restabelecer a velha situação. Isso é inevitável e não admite dúvidas; em circunstâncias nenhum devemos relaxar a nossa vigilância.

Na China, embora no essencial se tenha concluído a transformação social quanto à propriedade, e tenham cessadas as lutas de classes tempestuosas e em grande escala realizadas pelas massas, típicas dos períodos revolucionários anteriores, subsiste ainda resíduos das classes derrubadas, dos senhores de terras, dos compradores e dos burgueses. A transformação da pequena burguesia apenas começou. De modo nenhum terminou a luta de classes. A luta de classes entre o proletariado e a burguesia, e a luta de classes entre as diferentes forças políticas, bem como a luta de classes no plano ideológico, entre o proletariado e a burguesia, serão ainda longas e sinuosas e, por vezes, tornar-se-ão encarniçadas. O proletariado procura transformar o mundo segundo a concepção de mundo que tem, o mesmo se passando com a burguesia. A esse respeito, a questão é saber quem vencerá, o socialismo ou o capitalismo, não está ainda decidido.

Passará ainda muito tempo até que se decida a questão de saber quem levará o melhor na luta ideológica entre o socialismo e o capitalismo dentro de nosso país. Isso é assim porque a influência da burguesia e dos intelectuais que vêm da velha sociedade permanecerá ainda por muito tempo em nosso país, o mesmo acontecendo com sua ideologia de classe. Se esse fato não for suficientemente compreendido, ou se não for compreendido de todo, cometer-se-ão os mais graves erros, e a necessidade dar combate no plano ideológico não será atendida.

Em nosso país, a ideologia burguesa e pequeno-burguesa e a ideologia antimarxista continuarão a existir por muito tempo. No essencial, o sistema socialista já está estabelecido entre nós. Nós conquistamos a vitória de base na transformação da propriedade dos meios de produção, mas ainda não alcançamos a vitória completa nas frentes política e ideológica. No campo ideológico, a questão de saber quem vencerá, se o proletariado ou a burguesia, ainda não está realmente decidida. Temos ainda que travar uma luta prolongada contra a ideologia burguesa e pequeno burguesa. É errôneo ignorar esse fato e abandonar a luta ideológica. Todas as ideias errôneas, todas as ervas venenosas e todos os monstros e gênios malfetores devem ser submetidos à crítica; em circunstância nenhum devemos deixá-los crescer livremente. Contudo, a crítica deve ser inteiramente fundada, analítica e convincente, e nunca grosseira, burocrática, metafísica ou dogmática.

Dogmatismo e revisionismo, ambos são contrários ao marxismo. Seguramente, o marxismo tem de avançar, desenvolver-se com o desenvolvimento da prática, não pode ficar parado. O marxismo deixaria de ter vida se ficasse estagnado, estereotipado. Contudo, os princípios básicos do marxismo não devem ser violados; violá-los seria cometer erros. Constitui dogmatismo abordar o marxismo de um ponto de vista metafísico e torná-lo como algo rígido. Constitui revisionismo

negar os princípios básicos do marxismo, negar a sua verdade universal. O revisionismo é uma forma ideológica burguesa. Os revisionistas apagam a diferença entre o socialismo e o capitalismo, entre a ditadura do proletariado e a ditadura da burguesia. Na realidade, o que eles propõem não é a linha socialista, mas sim a capitalista. Nas circunstâncias atuais, o revisionismo é mais pernicioso que o dogmatismo. Uma das nossas importantes tarefas atuais a frente ideológica é proceder à crítica ao revisionismo.

O revisionismo ou oportunismo de direita é uma corrente burguesa de pensamento ainda mais poderosa que o dogmatismo. Os revisionistas, os oportunistas de direita, defendem de boca o marxismo e atacam também o «dogmatismo». Na realidade, porém, o que eles atacam é a própria essência do marxismo. Eles combatem ou deturpam o materialismo e a dialética, combatem ou tentam enfraquecer a ditadura democrática política e o papel dirigente do Partido Comunista, tanto como combatem ou tentam enfraquecer a transformação e a construção socialistas. Mesmo depois da vitória de base da revolução socialista em nosso país, ainda existem pessoas que sonham em restaurar o sistema capitalista e combatem a classe operária em todas as frentes, incluída a frente ideológica. Nessa luta, os revisionistas são os seus melhores ajudantes.

Capítulo III. Socialismo e comunismo

O comunismo é simultaneamente um sistema completo de ideologias proletárias e um novo regime social. Esse sistema e esse regime diferem de qualquer outro ideológico ou regime social, e são os mais completos, progressistas, revolucionários e racionais da história da humanidade. O sistema ideológico e o regime social do feudalismo já entraram no museu da história. O sistema ideológico e o regime social do capitalismo também se converteram já numa peça de museu, em certa parte do mundo (na União Soviética), enquanto que nos demais países se assemelha a «um moribundo que declina rapidamente, tal como o Sol por trás das colinas do Ocidente». Em breve entrarão igualmente no museu. Só o sistema ideológico e o regime social do comunismo estão plenos de juventude e vitalidade, propagando-se pelo mundo inteiro com a impetuosidade da avalanche e a força do raio.

O sistema socialista acabará por substituir o sistema capitalista; essa é uma lei objetiva, independente da vontade do homem. Por muito que os reacionários tentem impedir o avanço da roda da história, tarde ou cedo a revolução se fará e conquistará inevitavelmente a vitória.

Nós, comunistas, jamais dissimulamos as nossas aspirações políticas. Está bem definido, não cabe a menor dúvida, que o nosso programa de futuro, o nosso programa máximo, é fazer avançar a China para o socialismo e para o comunismo. Tanto o nome de nosso Partido como nossa concepção marxista do mundo apontam inequivocamente para esse ideal supremo de futuro, para esse ideal incomparavelmente belo e radioso.

Visto no seu conjunto, na China, o movimento revolucionário dirigido pelo Partido Comunista é um movimento integral que abrange duas etapas, isto é, a revolução democrática e a revolução socialista, que são dois processos revolucionários essencialmente diferentes, sendo que o segundo processo só pode ser realizado depois que o primeiro tenha sido concluído. A revolução democrática é a preparação necessária para a revolução socialista e a revolução socialista é a tendência inevitável da revolução democrática. O objetivo último por que se batem todos os comunistas é a instauração definitiva de uma sociedade socialista e comunista.

A revolução socialista visa a libertação das forças produtivas. A transformação da propriedade individual em propriedade coletiva socialista na agricultura e no artesanato, e a transformação da propriedade capitalista em propriedade socialista na indústria e no comércio privados, provocarão inevitavelmente uma libertação, considerável das forças produtivas. Assim, ter-se-ão criado as condições sociais para uma tremenda expansão da produção agrícola e industrial.

Atualmente, nós realizamos uma revolução não apenas no sistema social, transformação da propriedade privada em propriedade pública, mas também na técnica, transformação da produção artesanal em grande produção mecanizada moderna. Essas duas revoluções estão ligadas entre si. Na agricultura, dadas as condições de nosso país, a cooperativização deve preceder o emprego das grandes máquinas (nos países capitalistas a agricultura desenvolve-se numa via capitalista).

Assim, em nenhum caso devemos tratar a indústria e a agricultura, a industrialização socialista e a transformação socialista da agricultura, como duas coisas separadas e isoladas, e de nenhuma maneira devemos destacar uma e rebaixar a outra.

O novo sistema social acaba apenas de ser estabelecido e requer certo tempo para que se consolide. Não se deve pensar que o novo sistema pode ser completamente consolidado logo após a sua instauração, pois não é possível. Há que consolidá-lo passo a passo. Para se concluir a consolidação definitiva é necessário não somente realizar a industrialização socialista do país e preservar na revolução socialista sobre a frente econômica, mas também realizar uma luta revolucionária e uma educação socialistas constantes e árduas quer na frente política quer na frente ideológica. Além disso, torna-se necessária ainda a contribuição de diversos fatores internacionais.

No nosso país, a luta para consolidar o sistema socialista, a luta que decidirá a vitória do socialismo ou do capitalismo, há de estender-se ainda por um longo período histórico. Contudo, é preciso que todos compreendamos que o novo sistema socialista há de indubitavelmente consolidar-se. Nós poderemos seguramente construir um Estado socialista indústria, agricultura, ciência e cultura modernas.

São muito poucos os intelectuais hostis ao nosso Estado. Eles não gostam do nosso Estado de ditadura do proletariado e suspiram pela velha sociedade. Sempre que surge uma oportunidade, fomentam desordens, tentam derrubar o Partido Comunista e restaurar a velha China. Entre a vida proletária e a burguesa, entre a via socialista e a capitalista, esses indivíduos obstinam-se em querer seguir as últimas. Como na realidade tal caminho é impossível, eles estão efetivamente prontos a capitular frente ao imperialismo, feudalismo e capitalismo burocrático. Tais indivíduos encontram-se nos círculos políticos, industriais, comerciais, culturais, educacionais, científicos, tecnológicos e religiosos, e são reacionários ao extremo.

O problema sério é a educação dos camponeses. A economia camponesa é dispersa e a socialização da agricultura, a julgar pela experiência da União Soviética, requererá muito tempo e um trabalho minucioso. Sem socialização da agricultura não pode haver socialismo completo, consolidado.

Nós devemos ter confiança em que, primeiro, as grandes massas camponesas estão dispostas a avançar passo a passo, sob a direção do Partido, pela via do socialismo; segundo, o Partido é capaz de dirigir os camponeses ao longo dessa via. Esses dois pontos constituem a essência da questão e a corrente principal.

Nas cooperativas, os órgãos dirigentes devem assegurar, no seu seio, a predominância dos camponeses pobres atuais e dos novos camponeses médios da camada inferior, tendo como força auxiliar os antigos camponeses médios da camada inferior e os antigos ou novos camponeses médios da camada superior. Só assim se poderá em conformidade com a política do Partido, alcançar a unidade entre os camponeses pobres e médios, consolidar as cooperativas, expandir a produção e realizar corretamente a transformação socialista de toda a zona rural. De outro modo, a unidade entre os camponeses médios e pobres é impossível, assim

como é igualmente impossível a consolidação das cooperativas, a expansão da produção e a transformação socialista da totalidade das regiões rurais.

É essencial unirmo-nos aos camponeses médios. Seria um erro não agir assim. Em que deve apoiar-se a classe operária e o Partido Comunista nas regiões rural, para conseguir-se a unidade com os camponeses médios para realizar-se a transformação socialista da totalidade do campo? Seguramente em mais ninguém a não ser nos camponeses pobres. Foi o que passou quando se desencadeou a luta contra os senhores de terras e se realizou a reforma agrária, sendo igualmente esse o caso de hoje, ao travarmos a luta contra os camponeses médios que vacilaram na fase inicial. Só depois de verem claramente a tendência geral dos acontecimentos e a aproximação do triunfo da revolução é que os camponeses médios se colocaram do lado dessa. Os camponeses pobres devem agir entre os camponeses médios e conquistá-los, de maneira que a revolução possa ampliar-se dia a dia, até a vitória final.

Existe uma séria tendência para o capitalismo entre os camponeses abastados. Essa tendência alargar-se-á se relaxarmos num mínimo que seja o nosso trabalho político entre os camponeses, durante o movimento de cooperativização ou mesmo durante um longo período depois disso.

O movimento de cooperativização agrícola tem sido, desde o início, uma séria luta ideológica e política. Nenhuma cooperativa pode ser estabelecida sem que se passe por essa luta. Antes que um sistema socialmente completamente novo possa ser construído no lugar de um velho, é preciso limpar primeiramente o terreno. Invariavelmente, os resíduos das velhas ideias que refletem o velho sistema permanecem no espírito dos homens durante muito tempo e não desaparecem facilmente. Depois de estabelecida, uma cooperativa tem ainda que passar por muitas lutas antes que possa consolidar-se. E mesmo depois dessa consolidação ainda pode fracassar caso relaxe seus esforços por um momento.

Nos últimos anos, no campo, a tendência espontânea para o capitalismo tem estado a desenvolver-se diariamente, com os nossos camponeses ricos a surgirem por toda a parte e muitos camponeses médios abastados a esforçarem-se por transformarem-se em camponeses ricos. Por outro lado, muitos camponeses pobres ainda continuam a viver na miséria por falta de suficientes médios de produção, endividados uns e outros vendendo ou arrendando a terra de que dispõem. Se essa tendência continuar sem reparo, a polarização nas regiões rurais agravar-se-á inevitavelmente, dia a dia. Os camponeses que perderam a terra e os que ainda continuam na pobreza queixar-se-ão de nada termos feito para salvá-los da ruína ou para ajudá-los a vencerem as dificuldades; e nem os camponeses médios abastados que estão a avançar na direção capitalista ficarão contentes conosco, já que em nenhum caso poderemos satisfazer seus pedidos, a não ser quer queiramos seguir a vida capitalista. Poderá então, nessas circunstâncias, continuar a manter-se firme a aliança operário-camponesa? Claro que não. Não há solução para tal problema a não ser uma nova base, isto é, realizar passo a passo a transformação socialista do conjunto da agricultura, juntamente com a realização gradual da industrialização socialista e da transformação socialista do artesanato, do comércio e da indústria capitalista. Por outras palavras, isso significa realizar a cooperativização, eliminar a economia dos camponeses ricos e a economia individual nas regiões rurais, de tal

maneira que toda a população do campo se sinta conjuntamente mais desafogada. Nós sustentamos que essa é a única via para consolidar a aliança dos operários e camponeses.

Por planificação geral nós entendemos uma planificação que toma em considerações os interesses dos nossos seiscentos milhões de habitantes. Ao elaborarmos os planos, gerirmos os negócios ou pensarmos nos problemas, devemos partir sempre do fato de que a China tem uma população de seiscentos milhões de indivíduos; em caso nenhum devemos nos esquecer desse ponto.

Além da direção do Partido, há um fator decisivo que é a nossa população de seiscentos milhões. A maior população significa um maior fermento de ideias, maior entusiasmo e maior energia. Nunca as massas populares estiveram tão inspiradas, tão combatidas e ousadas como hoje.

Entre as características dos seiscentos milhões de chineses destaca-se o fato de estarem na pobreza e «em branco». Aparentemente isso é uma coisa má, mas na realidade é uma coisa boa. A pobreza provoca o desejo de mudança, de ação e revolução, e de uma folha de papel «em branco» é possível pintar os mais frescos e belos caracteres, os mais frescos e belos quadros.

Na China, depois da vitória da revolução à escala nacional e depois da solução do problema da terra, continuarão ainda a existirem duas contradições fundamentais. A primeira, de ordem interna, é a contradição entre a classe operária e a burguesia; a segunda, de ordem externa, é a contradição entre a China e os países imperialistas. Assim, depois da vitória da revolução democrático-popular, o poder de Estado da República Popular dirigida pela classe operária não deve ser enfraquecido, mas reforçado.

«Então eles não querem abolir o poder do Estado?»

Sim, queremos, mas não precisamos agora. Agora ainda não podemos fazê-lo. Por quê? Porque o imperialismo ainda existe, porque a reação interior ainda existem e porque as classes ainda existem no nosso país. A nossa tarefa atual é reforçar o aparelho de Estado do povo – sobretudo o exército popular, a polícia popular e os tribunais populares – a fim de consolidar a defesa nacional e proteger os interesses do nosso povo.

O nosso Estado é uma ditadura democrático-popular dirigida pela classe operária e baseada na aliança operário-camponesa. Para que essa ditadura? A sua primeira função é reprimir as classes e os elementos reacionários, bem como os exploradores que em nosso país resistem à revolução socialista; reprimir aqueles que tentam sabotar nossa construção socialista, quer dizer, resolver as contradições internas, entre nós e nossos inimigos. Por exemplo, prender, julgar e condenar certos contrarrevolucionários, bem como privar por cedo tempo os senhores de terras e os capitalistas burocráticos do direito a votos e liberdade de palavra – tudo isso entra na esfera de nossa ditadura. Para manter a ordem pública e salvaguardar os interesses do povo, é igualmente necessário exercer a ditadura sobre os ladrões, burlões, assassinos, incendiários, bandas de malfeitores e outros elementos perniciosos que alteram seriamente a ordem pública. A segunda função dessa ditadura é proteger nosso país da subversão e da possível agressão pelos inimigos

exteriores. Nesse caso a tarefa da ditadura é resolver a contradição externa entre nós e o inimigo. O objetivo de tal ditadura é proteger todo o nosso povo de maneira que esse possa dedicar-se ao trabalho pacífico e à transformação da China num país socialista dotado de indústria, agricultura, ciência e cultura modernas.

A ditadura democrático-popular necessita da direção da classe operária porque essa é a classe que possui a visão mais ampla e a mais desinteressada, e conseqüentemente mais revolucionária. Toda a história da revolução prova que sem a direção da classe operária a revolução fracassa, enquanto que com tal direção triunfa.

A ditadura democrático-popular baseia-se na aliança entre a classe operária, a classe camponesa e a pequena burguesia urbana, mas, sobretudo, na aliança operário-camponesa, pois essas duas classes constituem oitenta a noventa por cento da população chinesa. Essas duas classes são a força principal para a derrocada do imperialismo e dos reacionários do Kuomintang. A transição da nova democracia a socialismo depende em especial da aliança dessas duas classes.

A luta de classes, a luta pela produção e a experimentação científica são os três grandes movimentos revolucionários para a construção de um poderoso país socialista. Esses movimentos constituem a garantia segura de que os comunistas se livrarão da burocracia, evitarão o revisionismo e o dogmatismo e permanecerão para sempre invencíveis. Eles são uma garantia segura de que o proletariado será capaz de unir-se às grandes massas trabalhadoras e realizar uma ditadura democrática. Se, na falta desses movimentos, os senhores de terras, os camponeses ricos, os contrarrevolucionários, os maus elementos e os mais diversos gênios do mal ficassem com liberdade de ação, e nossos quadros fechassem os olhos a tudo e se muitos deles falhassem na distinção entre inimigo e nós próprios, colaborando com o inimigo e deixando-se corromper, dividir e desmoralizar por ele; se nossos quadros fossem arrastados dessa maneira para o campo inimigo ou se esse conseguisse infiltrar-se em nossas fileiras, e grande número de nossos operários, camponeses e intelectuais fosse deixado sem defesa contra as táticas sutis e violentas do inimigo, não se passaria muito tempo, apenas alguns anos ou uma década, ou quando muito algumas décadas, sem que produzisse fatalmente uma restauração contrarrevolucionária à escola nacional, transformando-se o Partido, marxista-leninista, em fascista ou revisionista, e o conjunto da China mudaria de cor.

A ditadura democrático-popular implica dois métodos. Com relação aos inimigos, usa o método ditatorial, isto é, durante o tempo que seja necessário não lhe permitem que tomem parte em atividades políticas e compele-os a obedecer às leis do governo popular e entregar-se ao trabalho, de maneira que, por meio do trabalho, se transformem em homens novos. Com relação ao povo, pelo contrário, não usa o método de compulsão, mas sim o da democracia, quer dizer, há que deixá-lo participar nas atividades políticas, sem compeli-lo a fazer isto ou aquilo, mas antes o educando e o persuadindo.

Dirigido pelo Partido Comunista, o povo chinês está realizando um vigoroso movimento de retificação a fim de, sobre uma base mais firme, fazer avançar rapidamente o socialismo na China. Trata-se de um movimento para a realização de um debate à escala nacional simultaneamente guiado e livre, tanto nas cidades

como no campo, e recaindo sobre questões tais como a via socialista e a capitalista, o sistema de base do Estado e suas medidas políticas importantes, o estilo de trabalho dos quadros do Partido e do governo e a questão do bem-estar do povo; um debate apoiado em fatos e argumentos, de maneira que se resolvam de forma correta as contradições efetivamente existentes no seio do povo e que requerem uma solução imediata. Trata-se de um movimento socialista para a autoeducação e a autotransformação do povo.

O grandioso trabalho de edificação põe diante de nós uma tarefa extremamente árdua. Embora existam mais de dez milhões de membro em nosso Partido, eles não constituem mais do que uma parte muito reduzida da população total do país. Nos organismos de Estado e no conjunto das atividades da nossa sociedade, muito do trabalho tem de ser feito por indivíduos que não são membros do Partido. É impossível realizar bem esse trabalho enquanto não soubermos apoiar-nos nas massas populares e cooperar com os não-membros do Partido. Ao mesmo tempo em que vamos reforçando a unidade do Partido, devemos continuar a reforçar a unidade entre todas as nacionalidades, classes democráticas, partidos democráticos e organizações populares, para fortalecer e ampliar a frente única democrático-popular, assim como devemos, em todos os setores do nosso trabalho, corrigir conscienciosamente qualquer manifestação negativa prejudicial à unidade entre o Partido e o povo.

Capítulo IV. A justa solução das contradições no seio do povo

Nós estamos confrontados com dois tipos de contradições sociais – as que existem entre nós e o inimigo e as existentes no seio do próprio povo. Esses dois tipos de contradições são de natureza totalmente diferente.

Para compreender corretamente esses dois tipos diferentes de contradições nós devemos começar por ser claros a respeito do significado de «povo» e «inimigo» (...). Na etapa atual, período da construção do socialismo, todas as classes, camadas e grupos sociais que aprovam, apoiam e trabalham pela causa da construção socialista entram na categoria de povo, enquanto que todas as forças e grupos sociais que resistem à revolução socialista e hostilizam ou sabotam a edificação socialista são o inimigo do povo.

Nas condições atuais da China, as contradições no seio do povo abrangem as contradições no interior da classe operária, as contradições no seio da classe camponesa, as contradições entre os intelectuais, as contradições entre a classe operária e a classe camponesa, contradições entre os operários e os camponeses de um lado e os intelectuais de outro, as condições entre a classe operária e outras seções do povo trabalhador de um lado e a burguesia nacional, etc. O Nosso Governo Popular é um governo que representa genuinamente os interesses do povo, mas existem também certas contradições. É o caso das contradições entre os interesses do Estado, os interesses coletivos e os interesses individuais, entre a democracia e o centralismo; entre a direção e os dirigidos; e a contradição surgida do estilo burocrático de trabalho de certos trabalhadores do governo em suas relações com as massas. São igualmente contradições no seio do povo. De um modo geral, a identidade fundamental dos interesses populares está na base das contradições existentes no seio do povo.

As contradições entre nós e o inimigo são contradições antagônicas. No seio do povo, as contradições entre os trabalhadores são não-antagônicas e as que existem entre as classes exploradas e as classes exploradoras, além do aspecto antagônico que apresentam, têm um aspecto não antagônico.

Como determinar, na vida política de nosso povo, se as nossas palavras e atos são ou não corretos? Nós pensamos que na base dos princípios de nossa Constituição, de nossa vontade esmagadora maioria do nosso povo e das posições políticas comuns proclamadas em várias ocasiões pelos nossos partidos e grupos políticos, é possível formular, em termos gerais, os seguintes critérios:

1. As palavras e os atos devem ajudar a unir e não a dividir o povo das nossas distintas nacionalidades;
2. Devem beneficiar e não prejudicar a transformação e construção socialistas;
3. Devem ajudar a consolidar e não a minar ou enfraquecer a ditadura democrático-popular;
4. Devem ajudar a consolidar e não a minar ou enfraquecer o centralismo democrático;
5. Devem ajudar a reforçar e não a rejeitar ou enfraquecer a direção do Partido Comunista; e

6. Devem favorecer e não prejudicar a unidade socialista internacional e a unidade internacional entre os povos amantes da paz no mundo inteiro.

Dentre esses seis critérios, os mais importantes são o da via socialista e o do papel dirigente do Partido.

A questão da eliminação dos contrarrevolucionários é uma questão de luta entre nós e o inimigo, uma contradição entre nós e o inimigo. No seio do povo, algumas pessoas veem essa questão de maneira um tanto diferente. Dois tipos de pessoas defendem pontos de vista diferentes do nosso: os que têm uma mentalidade direitista que não fazem distinção entre nós e o inimigo e tomam o inimigo pela nossa própria gente. Eles consideram como amigos justamente aquelas pessoas que as grandes massas consideram como inimigas; e os que têm uma mentalidade «esquerdista» e que exageram as contradições entre nós e o inimigo, de tal maneira que consideram certas contradições no seio do povo como contradições com o inimigo e olham como contrarrevolucionárias pessoas que na realidade não o são. Esses dois pontos de vista são errados. Nenhum deles pode conduzir a um correto tratamento da questão da eliminação dos contrarrevolucionários nem a uma correta apreciação de nosso trabalho a esse respeito.

As contradições qualitativamente distintas só podem ser resolvidas por métodos qualitativamente distintos. Por exemplo, a contradição entre o proletariado e a burguesia resolve-se pelo método da revolução socialista; a contradição entre as grandes massas populares e o sistema feudal resolve-se pelo método da revolução democrática; a contradição entre as colônias e o imperialismo resolve-se pelo método da guerra de revolucionária nacional; a contradição entre a classe operária e a classe camponesa na sociedade socialista resolve-se pelo método da coletivização e mecanização da agricultura; as contradições nos seios do Partido Comunista resolvem-se pelo método da crítica e autocritica; a contradição entre a sociedade e a natureza resolve-se pelo método do desenvolvimento das forças produtivas (...). O princípio de usar métodos distintos para resolver contradições distintas é um princípio que os marxistas-leninistas devem observar rigorosamente.

Dado que são diferentes em sua natureza, as contradições entre nós e o inimigo e as contradições no seio do povo devem ser resolvidas por métodos diferentes. Em poucas palavras, no primeiro caso é questão de estabelecer uma nítida distinção entre nós e o inimigo, é também um caso de verdade ou erro; contudo, trata-se de uma categoria diferente por natureza da questão da verdade e do erro no seio do povo.

A única via para resolver as questões de natureza ideológica ou as controvérsias no seio do povo é o uso do método democrático, da discussão, da crítica, da persuasão e educação, e nunca o uso de métodos de coerção ou repressão.

Para poder dedicar-se com eficácia à produção e ao estudo, e a fim de ordenar de forma correta a sua vida, o povo exige que o seu governo e os responsáveis pela produção e pelas organizações de cultura e educação formulem disposições administrativas adequadas com caráter obrigatório. O bom senso diz que a manutenção da ordem pública seria impossível sem tais disposições. As

disposições administrativas e o método de persuasão e educação complementam-se mutuamente na resolução das contradições existentes no seio do povo. As disposições administrativas para a manutenção da ordem pública devem ser acompanhadas de uma persuasão e educação, pois, em muitos casos, por si sós, elas não são eficazes.

Fatalmente, a burguesia e a pequena burguesia hão de manifestar sua ideologia. Inevitavelmente elas obstinar-se-ão em afirmar-se, por todos os meios do domínio político e ideológico. Não se deve esperar que atuem de outro modo. Não devemos usar o método da repressão para impedi-las de manifestar-se; pelo contrário, devemos dar-lhes essa possibilidade e, ao mesmo tempo, argumentar e criticá-las apropriadamente. Não há dúvida que temos que criticar todos os tipos de ideias errôneas. Claro que é inadmissível renunciar à crítica, ficar indiferentes enquanto as ideias errôneas se propagam por toda a parte, permitir-lhes que dominem a situação. Os erros devem ser criticados e as ervas venenosas arrancadas onde quer que cresçam. Contudo, tal crítica não deve ser dogmática, há que não usar o método metafísico, mas sim fazer esforços para aplicar o método dialético. O que se necessita é uma análise científica e argumentação convincente.

É necessário criticar os defeitos do povo, (...) mas, ao fazê-lo, é preciso partir verdadeiramente da posição do povo e agir inspirado pelo desejo ardente de defendê-lo e educá-lo. Tratar os camaradas como inimigos é assumir a posição do inimigo.

As contradições e a luta são universais, absolutas, mas os métodos para resolver as contradições, isto é, as formas de luta, diferem segundo as diferentes naturezas dessas contradições. Algumas contradições caracterizam-se por um antagonismo aberto, outras não. De harmonia com o desenvolvimento concreto das coisas e fenômenos, algumas contradições, que originalmente eram não-antagônicas, desenvolvem-se e passam a antagônicas, enquanto que outras, originalmente antagônicas, transformam-se em não-antagônicas.

Nas circunstâncias gerais, as contradições no seio do povo não são antagônicas. Todavia, põem chegar a sê-lo, se não forem tratadas adequadamente, ou se relaxarmos a vigilância e abaixarmos a guarda. Nos países socialistas, um tal desenvolvimento constitui geralmente um fenômeno parcial e temporário. Isso é assim porque, nesses países, o sistema de exploração do homem pelo homem já foi abolido e os interesses do povo são fundamentalmente os mesmos.

No nosso país, a contradição entre a classe operária e a burguesia nacional pertence à categoria das contradições no seio do povo. De um modo geral, a luta de classes entre a classe operária e a burguesia nacional é uma luta no interior das fileiras do povo, pois, no nosso país, a burguesia nacional tem duplo caráter. No período da revolução democrático-burguesa, seu caráter apresentava ao mesmo tempo um aspecto conciliador. No período socialista, a busca do lucro através da exploração da classe operária constitui um aspecto do caráter da burguesia nacional, enquanto que o seu apoio à Constituição e a sua disposição de aceitar a transformação socialista constitui outro aspecto. A burguesia nacional difere dos imperialistas, dos senhores de terras e dos capitalistas burocráticos. A contradição entre a burguesia nacional e a classe operária é uma contradição entre o explorador

e o explorado, por certo, originalmente antagônica. Todavia, nas condições concretas da China, essa contradição não-antagônica deve ser resolvida por métodos pacíficos. Essa contradição transformar-se-á numa contradição entre nós e o inimigo se não a tratarmos corretamente e se não seguirmos, com relação à burguesia nacional, a política de nos unirmos a ela, de a criticarmos e a educarmos, ou se ela rejeita essa nossa política.

[A rebelião contrarrevolucionária na Hungria, em 1956, foi um caso em que] os reacionários, dentro de um país socialista, conluiados com os imperialistas e explorando as contradições no seio do povo, fomentaram a dissensão e criaram desordens, tentando atingir seus objetivos conspirativos. Essa lição dos acontecimentos na Hungria merece nossa atenção.

Capítulo V. Guerra e paz

A guerra, que existe desde que surgiram a propriedade privada e as classes é a forma suprema de luta para resolver as contradições, em determinada etapa do seu desenvolvimento, entre classes, nações, Estados ou grupos políticos.

«A guerra é a continuação da política». Nesse sentido, a guerra é política e é, em si mesma, um ato político; desde os tempos mais antigos, nunca houve uma guerra que não tivesse caráter político (...).

Todavia, a guerra tem características que lhe são próprias e, nesse sentido, não é idêntica a política em geral. «A guerra é uma continuação da política por outros meios». Quando a política se desenvolve até certa etapa para além da qual já não pode prosseguir segundo os meios habituais, a guerra estala para remover da estrada os obstáculos (...). Quando os obstáculos são removidos e o objetivo político atingindo, a guerra termina. Mas, se os obstáculos não são completamente removidos, a guerra tem ainda que continuar, até que o objetivo seja completamente realizado (...). Pode, portanto, dizer-se que a política é guerra sem derramamento de sangue e a guerra, política sangrenta.

A história mostra que as guerras se dividem em duas categorias: justas e injustas. Todas as guerras progressistas são justas e todas as guerras que impedem o progresso são injustas. Nós, os comunistas, opomo-nos a todas as guerras injustas que impedem o progresso, mas não nos opomos às guerras justas, como ainda tomamos ativamente parte nelas. Como exemplo de guerra injusta temos a Primeira Guerra Mundial, onde as duas partes lutaram por interesses imperialistas, razão por que os comunistas do mundo inteiro se opuseram firmemente a ela. O modo de opor-se a uma guerra desse tipo é fazer todo o possível por impedir que estale, mas se chega a estalar, o modo de opor-se a ela é combater a guerra com a guerra, contrapor a guerra justa à injusta, tanto quanto possível.

As revoluções e as guerras revolucionárias são inevitáveis numa sociedade de classes. Sem elas é impossível realizar um salto no desenvolvimento social, é impossível derrubar as classes dominantes reacionárias, ficando o povo impossibilitado de conquistar o poder político.

A guerra revolucionária é um antitóxico que não só eliminará o veneno inimigo, mas também nos purga daquilo que temos de malsão. Toda a guerra justa, revolucionária, contém uma força imensa e pode transformar muitas coisas ou abrir caminho para tal transformação. A guerra sino-japonesa transformará tanto a China como o Japão. Desde que a China persevere na Guerra de Resistência e Fnrrete única, o velho Japão será seguramente transformado num Japão novo e a velha China, numa China nova, assim como o povo e todas as coisas, quer na China quer no Japão, se transformarão também durante e após a guerra.

Todos comunistas devem compreender a seguinte verdade: «O poder político nasce do fuzil».

A tarefa central e a forma suprema da revolução é a conquista do poder político pelas armas, é a solução desse problema pela guerra. Esse princípio

revolucionário do marxismo-leninismo é válido universalmente, tanto na China como em todos outros países.

Na China, sem luta armada, não há lugar para o proletariado nem para o povo nem para o Partido Comunista, e não há vitória da revolução. Foi através das guerras revolucionárias dos últimos dezoito anos que o nosso Partido se desenvolveu, consolidou e bolchevizou; sem essa luta armada não existiria o Partido Comunista que existe hoje. Os camaradas do Partido não devem de modo algum esquecer essa experiência paga com o nosso próprio sangue.

Do ponto de vista da teoria marxista sobre o Estado, o exército é o principal componente do poder do Estado. Todo aquele que quiser conquistar e manter o poder de Estado deverá possuir um forte exército. Algumas pessoas ironizam a nosso respeito, tratando-nos de partidários da «teoria da onipotência da guerra». Sim, nós somos defensores da teoria da onipotência da guerra revolucionária; isso não é mau, é bom, isso é marxista. As armas do Partido Comunista Russo criaram o socialismo. Nós criaremos a república democrática. A experiência da luta de classes na era do imperialismo ensina-nos que só pela força das armas a classe operária e as massas trabalhadoras podem derrotar a burguesia e os senhores de terras que estão, ambos, armados. Nesse sentido é correto dizer-se que só com as armas se pode transformar o mundo.

Nós somos partidários da abolição da guerra; nós não queremos a guerra. A guerra, porém, só pode abolir-se por meio da guerra. Para acabar com as armas há que pegar em armas.

A guerra, esse monstro de mútuo massacre entre os homens, acabará por ser eliminada pelo progresso da sociedade humana, e sê-lo-á num futuro que não vem longe. Para eliminar a guerra, porém, só existe um caminho: opor-se à guerra com a guerra revolucionária, opor-se à guerra nacional contrarrevolucionária de classe com a guerra revolucionária de classe (...). Quando a sociedade humana avançar até o ponto em que as classes e os Estados desapareçam, não haverá mais guerras, nem contrarrevolucionários nem revolucionários, nem injustas nem justas – será a era da paz eterna para a humanidade. Nos últimos das leis da guerra revolucionária nós parimos da aspiração de eliminar todas as guerras. Nisso está a linha divisória entre nós, os comunistas, e todas as classes exploradoras.

O nosso país e todos os outros países socialistas querem a paz. O mesmo acontece com os povos de todos os países do mundo. Os únicos que aspiram à guerra e não querem a paz são certos grupos capitalistas monopolistas que, nuns quantos países imperialistas, enriquecem por meio da agressão.

Para estabelecer uma paz durável no mundo, nós devemos desenvolver ainda mais nossa amizade e cooperação com todos os países irmãos do campo socialista e reforçar nossa solidariedade com todos os países amantes da paz. Devemos esforçar-nos por estabelecer relações diplomáticas normais, na base do respeito mútuo pela integridade territorial e soberania, e na base da igualdade de mútuo-benefício, com todos os países que queiram viver em paz conosco. Devemos apoiar ativamente o movimento de independência e libertação nacional nos países

da Ásia, da África e América Latina, assim como o movimento pela paz e pelas justas lutas em todos os países do mundo.

Com relação aos países imperialistas, devemos igualmente unir-nos aos seus povos e lutar por coexistir pacificamente com tais países, comerciar com eles e impedir uma possível guerra. Todavia, em nenhuma circunstância devemos alimentar a seu respeito ideias que não correspondem à realidade.

Nós desejamos a paz. Contudo, se o imperialismo insistir em fazer a guerra, nós não teremos alternativa senão tomar a firme resolução de lutar a fim de avançarmos na edificação de nosso país.

Se se receia diariamente a guerra, como agir então, no dia em que ela vier realmente a estalar? Primeiramente, eu afirmei que o vento de Leste predominava sobre o vento de Oeste e que a guerra não estalaria, mas agora acrescento esses esclarecimentos sobre a situação para o caso de a guerra estalar. Assim ficarão consideradas as duas possibilidades

Atualmente, em todos os países do mundo as pessoas discutem sobre se estalará ou não uma Terceira Guerra Mundial. A esse respeito nós devemos estar também preparados mentalmente e proceder a uma análise. Nós somos firmemente pela paz e contra a guerra. Contudo, se os imperialistas insistem em desencadear uma guerra, não há que ter medo. Nossa atitude a esse respeito é a mesma com relação a qualquer «desordem»: primeiro, estamos contra e, segundo, não a tememos. A Primeira Guerra Mundial foi seguida do nascimento da União Soviética com uma população de duzentos milhões de habitantes. A Segunda Guerra Mundial foi seguida pela formação de um campo socialista com uma população que atinge um total de novecentos milhões de indivíduos. Se os imperialistas insistem em desencadear uma terceira guerra, com toda certeza várias centenas de milhões de homens mais passarão ao socialismo, não ficando, então, muito espaço na Terra para os imperialistas, e sendo até possível que a estrutura imperialista se desmorone completamente.

Provocar desordens, fracassar e voltar a provocar desordens, fracassar de novo (...) até a sua própria ruína – eis a lógica dos imperialistas e de todos os reacionários do mundo com relação à causa do povo; jamais marcharão contra tal lógica. Essa é uma lei do marxismo. Quando dizemos que «o imperialismo é feroz», nós queremos dizer que a sua natureza nunca mudará, que os imperialistas jamais abandonarão o seu facalhão de carnicheiros, jamais se transformarão em budas, e seguirão assim até sua própria ruína.

Lutar, fracassar, voltar a lutar, fracassar outra vez, lutar de novo (...) até sua vitória – eis a lógica do povo, contra qual, igualmente, jamais marchará. Essa é outra lei marxista; lei seguida pela revolução do povo russo e que tem sido também seguida pela revolução do povo chinês.

Precisamente por termos conquistado a vitória, não devemos relaxar em membro algum nossa vigilância contra as maquinacões frenéticas dos imperialistas e seus lacaios que procuram vingar-se. Todo aquele que relaxe a vigilância desarma-se a si próprio politicamente, e acaba por ser reduzido a uma posição passiva.

Os imperialistas e seus lacaios, os reacionários chineses, não se resignarão à derrota sobre esta terra da China. Continuarão a conluir-se por todos os meios possíveis contra o povo chinês. Por exemplo, hão de infiltrar seus agentes na China para semear discórdias e provocar desordens. É indubitável que jamais renunciarão a tais atividades. Outro exemplo é o de os imperialistas instigarem os reacionários chineses a bloquear os portos da China, oferecendo a esses o concurso de suas próprias forças. Eles procederão assim sempre que lhes seja possível. Além disso, se ainda quiserem mais aventuras, poderão usar uma parte de suas tropas para invasões e hostilização de nossas fronteiras. Isso tampouco é impossível. Há, pois, que tomar tudo em uma boa conta.

O mundo está progredindo, o futuro é brilhante e ninguém pode mudar essa tendência geral da história. Nós devemos realizar uma propaganda constante, entre o povo, sobre os fatores representativos do progresso do mundo e de seu brilhante futuro, de modo que possa ganhar confiança na vitória.

Em momento nenhum os comandantes e os combatentes do Exército Popular de Libertação da China devem relaxar, mesmo num mínimo, sua vontade de combate. Todo o pensamento que conduza ao relaxamento da vontade de combate ou à subestimação do inimigo é errôneo.

Capítulo VI. O imperialismo e todos os reacionários são tigres de papel

Todos os reacionários são tigres de papel. Na aparência, os reacionários são terríveis, mas na realidade não são assim tão poderosos. Vendo em longo prazo, não são os reacionários, mas sim o povo quem realmente é poderoso.

Assim como não existe uma só coisa ou fenômeno no mundo que não tenha uma natureza dupla (tal é a lei da unidade dos contrários), também o imperialismo e todos os reacionários têm uma dupla natureza – simultaneamente, eles são tigres verdadeiros e tigres de papel. No passado, quando ainda não tinham conquistado o poder, e algum tempo depois dessa conquista, a classe dos proprietários de escravos, a classe feudal dos senhores de terras e a burguesia eram vigorosas, revolucionárias e progressistas, eram tigres verdadeiros. Todavia, com o decorrer do tempo, e em virtude de os seus contrários – a classe dos escravos, a classe camponesa e o proletariado – cresceram gradualmente em força e lutaram cada vez com mais encarniçamento contra elas, essas classes dominantes foram se transformando passo a passo no seu contrário, convertendo-se em reacionárias, retrógradas, em tigres de papel. Em conclusão, tais classes foram derrubadas ou hão de sê-lo um dia, pelo povo. As classes reacionárias, retrógradas e decadentes, conservaram essa natureza dupla mesmo durante os últimos combates de vida ou morte contra o povo. Por um lado, elas eram tigres verdadeiros e devoravam as pessoas, devoravam-nas por milhões e dezenas de milhões. A causa da luta popular atravessou um período de dificuldades e provocações, registrando-se muitas curvas e contracurvas em seu caminho. A liquidação do domínio do imperialismo, feudalismo e capitalismo burocrático na China levou ao povo chinês mais de cem anos e custou-lhe dezenas de milhões de vidas, antes que alcançasse a vitória em 1949. Digam, acaso não eram tigres vivos, tigres de ferro, verdadeiros tigres? No entanto, finalmente, acabaram por transformar-se em tigres de papel, em tigres mortos, em tigres de massa de feijão. Esse é um fato histórico. Acaso o povo não viu ou ouviu falar disso? Na realidade houve milhares e dezenas de milhar de fatos semelhantes! Milhares e dezenas de milhar! Portanto, vistos na sua essência, de um ponto de vista futuro, estrategicamente, o imperialismo e todos os reacionários devem ser considerados tal como são – tigres de papel. É nessa base que devemos assentar o nosso pensamento estratégico. Por outro lado, porém, eles são também tigres vivos, tigres de ferro, verdadeiros tigres capazes de devorar as pessoas. É nessa base que devemos assentar nosso pensamento tático.

Eu afirmei que todos os reacionários, reputados possantes, não são mais do que tigres de papel. Isso é assim porque eles estão desligados do povo. Vejam! Hitler era ou não um tigre de papel? Hitler foi ou não foi derrubado? Eu afirmei igualmente que o czar da Rússia, o imperador da China e o imperialismo japonês eram todos tigres de papel e, como vocês bem sabem, eles foram todos derrubados. O imperialismo norte-americano ainda não foi derrubado e possui a bomba atômica, no entanto, eu penso que ele será igualmente derrubado. Trata-se também de um tigre de papel.

«Levanta uma pedra para deixá-la cair depois sobre seus próprios pés» é um ditado chinês que descreve o comportamento de certos tontos. Os reacionários de todos os países são tontos desse tipo. No fim das contas, as várias perseguições que movem contra o povo revolucionário apenas servem para acelerar a revolução

popular numa escala ainda maior e mais intensa. Acaso não desempenharam precisamente esse papel nas grandes revoluções russa e chinesa, as diversas perseguições movidas por Tchiang Kai-Chek e o czar da Rússia contra o povo revolucionário?

O imperialismo norte-americano invadiu o território chinês de Taiwan e continua a ocupá-lo, já lá vão nove anos. Recentemente enviou forças armadas para uma invasão e ocupação no Líbano. No mundo inteiro os Estados Unidos estabeleceram centenas de bases militares distribuídas por inúmeros países. O território chinês de Taiwan, o Líbano e todas as bases militares em territórios estrangeiros representam outras tantas cordas amarradas ao pescoço do imperialismo norte-americano. Essas cordas foram fabricadas pelos próprios norte-americanos e não por outro, assim como foram eles próprio que as amarraram à volta de seu pescoço, entregando as pontas ao povo chinês, aos povos dos países árabes e a todos os povos do mundo que amam a paz e se opõem à agressão. Quanto mais tempo os agressores norte-americanos permanecerem nessas regiões, tanto mais se apertarão essas coisas que os estrangulam.

O imperialismo não pode durar muito precisamente porque a pratica, a todo o momento, toda espécie de atos infames. Ele persiste em proteger e ajudar os reacionários que, nos distintos países, estão contra o povo; domina pela força muitas colônias, semicolônias e bases militares, bem como ameaça a paz com a guerra atômica. Assim, forças pelo imperialismo, mais de noventa por cento dos povos do mundo estão de pé ou hão de levantar-se em massa numa luta contra ele. Contudo, o imperialismo ainda está vivo, e ainda continua a praticar desmandos na Ásia, África e América Latina. No Ocidente, os imperialistas ainda continuam a oprimir as massas populares de seus próprios países. Essa situação tem que mudar. Constitui tarefa dos povos de todo o mundo pôr um fim à agressão e opressão perpetradas pelo imperialismo, sobretudo pelo imperialismo norte-americano.

Atuando despoticamente por toda parte, o imperialismo norte-americano colocou-se numa posição de hostilidade frente aos povos do mundo inteiro e isola-se cada vez mais. Aqueles que não aceitam ser escravos jamais se deixarão amedrontar pelas bombas atômicas e de hidrogênio que possuem os imperialistas norte-americanos. A corrente de cólera dos povos do mundo inteiro contra o imperialismo norte-americano e seus lacaios conquistará seguramente maiores vitórias.

Se os grupos capitalistas monopolistas norte-americanos persistem em sua política de agressão e guerra, um dia inevitavelmente virá em que serão enforcados pelos povos de todo o mundo. O mesmo destino os cúmplices dos Estados Unidos.

Para combater o inimigo, nós formulamos, no decorrer de um longo período, o conceito seguinte: estrategicamente, desprezar todos os inimigos e, taticamente, tê-los em muito boa conta. Isso significa que devemos desprezar o inimigo com respeito ao todo, mas considerá-lo muito seriamente com respeito a cada questão concreta. Se não desprezamos o inimigo com respeito ao todo, cometemos o erro de oportunidade. Marx e Engels eram apenas dois homens e, no entanto, já naquela altura declaravam que o capitalismo seria derrubado em todo o mundo. Contudo, ao tratarmos de cada problema concreto e de cada inimigo em particular nós

cometeremos o erro de aventureirismo todas as vezes que os não considerarmos seriamente. Na guerra, as batalhas só podem ser travadas uma a uma e as forças inimigas só podem ser destruídas uma por uma. Os camponeses só podem lavrar a terra parcela por parcela. O mesmo é verdade quando se come. Estrategicamente, não temos medo de tomar uma refeição: nós sabemos que podemos comê-la toda. Na prática, porém, nós só comemos bocado a bocado. Seria impossível tragar de uma só vez o banquete inteiro. A isso se chama uma solução de um a um. Em linguagem militar diz-se esmagar o inimigo unidade por unidade.

Em minha opinião, a situação internacional atingiu agora um novo ponto de viragem. No mundo de hoje há dois ventos: o vento de Leste e o vento de Oeste. Há um ditado chinês que diz: «Ou o vento de Leste predomina sobre o de Oeste, ou o vento de Oeste predomina sobre o de Leste». Eu penso que a característica da situação atual é que o vento de Leste predomina sobre o vento de Oeste. O mesmo é dizer que as forças do socialismo ganharam uma superioridade esmagadora sobre as forças do imperialismo.

Capítulo VII. Ousar lutar e ousar vencer

Povos de todo o mundo, uni-vos e derrotai os agressores norte-americanos e todos os seus lacaios! Que os povos de todo o mundo sejam corajosos, ousem travar combate, desafiem as dificuldades e avancem por vagas sucessivas, pois desse modo o mundo inteiro lhes pertencerá. Todos os monstros serão liquidados.

Após uma lúcida apreciação, na base da ciência do marxismo-leninismo, da situação internacional e interna, o Partido Comunista da China concluiu que todos os ataques lançados pelos reacionários do interior e do exterior não só deve, mas também podem ser esmagados. Quando as nuvens sombrias apareceram no céu, nós assinalamos que eram apenas temporárias, que a escuridão passaria depressa e o Sol voltaria a brilhar.

Na história da humanidade, toda a força reacionária no limiar da morte lança-se, invariavelmente, numa última e desesperada luta contra as forças revolucionárias; muitas vezes certos revolucionários deixam-se temporariamente enganar por esse fenômeno de força aparente, dissimulador de uma fraqueza interior, não vendo o fato essencial que consiste em o inimigo estar próximo do fim, enquanto que eles próprios estão a cerca da vitória.

Se eles [o Kuomintang] insistem em lutar, nós aniquilá-los-emos completamente. As coisas apresentam-se assim: se nos atacam e nós os aniquilamos, ficam satisfeito em parte, se os aniquilamos ainda mais, maior é a satisfação; e se os aniquilamos completamente, a satisfação é completa. Os problemas da China são complexos, e os nossos cérebros precisam também de serem um pouco complexos. Se iniciarem o combate nós repostaremos e combateremos para conquistar a paz.

Em caso de ataque pelo inimigo, e se as condições forem favoráveis para combatê-lo, o nosso Partido agirá seguramente em legítima defesa, de maneira a aniquilá-lo resoluta, radical, integral e totalmente (nós não combatemos com leviandade; só golpeamos quando estamos seguros de vencer). Nunca devemos amedrontar-nos com o ar terrível dos reacionários.

Pelo respeito aos desejos, não estaríamos interessados em lutar ainda que fosse por um só dia. Contudo, se as circunstâncias nos forcarmos a lutar, poderemos lutar até o fim.

Nós somos pela paz. Mas enquanto o imperialismo norte-americano não renunciar às suas exigências arrogantes e não razoáveis, e às suas maquinações para alargar a agressão, a única decisão possível ao povo chinês é a de continuar resolutamente o combate ao lado do povo coreano. Não é que sejamos belicosos. Nós estamos dispostos a cessar imediatamente a guerra e a resolver mais tarde as restantes questões. Mas o imperialismo norte-americano não quer assim. Então, deixemos a guerra seguir. Nós estamos prontos a lutar contra o imperialismo norte-americano por tantos anos quanto ele pretenda, até ao momento em que ele se disponha a parar, até a vitória completa dos povos chinês e coreano.

Nós devemos banir das nossas fileiras toda a ideologia feita de fraqueza e impotência. São errados todos os pontos de vista que superestimam a força do inimigo e subestimam a força do povo.

Os povos e as nações oprimidas não devem de modo algum depositar suas esperanças de libertação na «sensatez» do imperialismo e seus lacaios. Eles só poderão triunfar se reforçarem sua unidade e perseverarem na luta.

Nós devemos estar bem preparados, seja qual for o momento em que venha a estalar a guerra civil à escala nacional. E para o caso de ela vir a produzir-se bem cedo, digamos amanhã de manhã, igualmente devemos estar bem preparados. Eis o primeiro ponto. Na atual situação internacional e interna é possível que, durante certo tempo, a guerra civil se mantenha limitada e com caráter local. Esse é o segundo ponto. O primeiro ponto é aquilo para que devemos estar preparados, e o segundo é aquilo que tem existido desde há muito tempo. Numa palavra, devemos estar preparados. Com preparação, nós poderemos fazer adequadamente em face de todos os tipos de situações complexas.

Capítulo VIII. A guerra popular

A guerra revolucionária é uma guerra de massas; ela só pode realizar-se se mobilizando as massas e apoiando-se nelas.

Qual é a verdadeira muralha de ferro? São as massas, os milhões e milhões de homens que genuína e sinceramente apoiam a revolução. Essa é a verdadeira muralha de ferro que nenhuma força pode em caso algum romper. A contrarrevolução não pode esmagar-nos; pelo contrário, somos nós quem pode esmagá-la. Unindo milhões e milhões de homens em torno do governo revolucionário, e desenvolvendo a guerra revolucionária, nós liquidaremos a contrarrevolução e ganharemos a China inteira.

A maior fonte de energia para a guerra está nas massas populares. É principalmente por causa do estado de desorganização das massas populares chinesas que o Japão ousa violentar-nos. Assim que essa falha for eliminada, o agressor japonês, tal como um búfalo selvagem caído num anel de fogo, ver-se-á cercado pelas centenas de milhões de homens que constituem nosso povo em pé, bastando que gritemos para que se lance em pânico na fogueira, e seguramente morrerá queimado.

Os imperialistas violentam-nos de tal maneira que tomar de tomar medidas sérias para enfrentá-los. E não é que apenas precisemos dispor de um poderoso exército regular, nós necessitamos também de organizar em grande escala contingentes de milícias populares. Desse modo, se o imperialismo nos agredir, encontrará dificuldades em dar um passo no interior de nosso país.

Considerada a guerra revolucionária em seu conjunto, as operações das guerrilhas populares e as operações do Exército Vermelho como força principal, completam-se mutuamente como as duas mãos do homem. Se tivéssemos apenas a força principal que é o Exército Vermelho e não dispuséssemos das guerrilhas populares, seríamos como um guerreiro que só tivesse um braço. Em termos concretos, e especialmente com relação às operações militares, quando, nós falamos das populações das bases de apoio como um fator, queremos dizer que dispomos de um povo amado. Essa é a principal razão por que o inimigo receia aproximar-se de nossas bases de apoio.

Não há dúvida de que a vitória ou a derrota na guerra são determinadas principalmente pelas condições militares, políticas, econômicas e naturais em que se encontram ambas as partes. Mas isso não é tudo; o resultado da guerra é igualmente determinado pela capacidade subjetiva de cada parte na condução da guerra. No seu esforço para ganhar a guerra, um estrategista não pode ultrapassar os limites impostos pelas condições materiais. Todavia, dentro desses limites, pode e deve fazer o máximo para conquistar a vitória. A cena em que se desenrola sua ação é constituída pelas condições materiais objetivas, mas, nessa cena, pode dirigir a representação de muito drama vivo, cheio de som e cor, de poder e grandeza.

O objetivo da guerra não é outro senão «conservar as próprias forças e destruir o inimigo» (destruir o inimigo significa desarmá-lo ou «privá-lo de capacidade de resistir», e não destruir fisicamente todas suas forças). Nas guerras antigas, usava-se a lança e o escudo: a primeira, para atacar e destruir o inimigo, e

o segundo, para defender e conservar as próprias forças. Até hoje, todas as armas continuam ainda a ser uma extensão da lança e do escudo. Os bombardeiros, as metralhadoras, os canhões de longo alcance e os gases tóxicos são desenvolvimentos da lança, enquanto que os abrigos antiaéreos, os capacetes de aço, as fortificações em betão e as máscaras de gás são desenvolvimentos do escudo. Os tanques são uma arma nova que combina as funções da lança e do escudo. O ataque é o meio principal para destruir o inimigo, mas a defesa não pode ser posta de lado. O ataque tem como objetivo imediato a destruição do inimigo, mas, ao mesmo tempo, representa uma autoconservação, na medida em que se o inimigo não for destruído, seremos nós. A defesa tem como objetivo imediato a conservação das próprias forças, mas, ao mesmo tempo, ela é um meio complementar do ataque ou uma preparação para o ataque. A retirada respeita a defesa e é uma continuação dessa, enquanto que a perseguição é uma continuação do ataque. Contudo, deve salientar-se que a destruição do inimigo é o objetivo primordial da guerra, enquanto que a conservação das próprias forças é o objetivo secundário, pois só destruindo em massa o inimigo se pode, efetivamente, conservar as próprias forças. Por consequência, o ataque, como meio fundamental para a destruição do inimigo, desempenha o papel principal, enquanto que a defesa, como meio suplementar para a destruição do inimigo e um dos meios de conservação das próprias forças, desempenha o papel secundário. Na prática da guerra, o papel principal é desempenhado pela defesa em muitas ocasiões e pelo ataque no resto do tempo. Contudo, se tomarmos a guerra como um todo, o ataque continua sendo o primordial.

Todos os princípios que comandam a ação militar derivam de um só princípio fundamental: fazer os maiores esforços para conservar as próprias forças e destruir as do inimigo (...). Como se justifica, então, o encorajamento ao sacrifício heroico na guerra? Cada guerra tem um preço que, por vezes, é extremamente elevado. Acaso estará isso em contradição com o princípio de «conservar as próprias forças»? Em rigor, não há qualquer contradição. Para falar mais exatamente, o sacrifício e a autoconservação opõem-se e complementam-se mutuamente. É que o sacrifício é necessário, não apenas para a destruição do inimigo, mas também para a própria conservação, na medida em que uma «não-conservação» parcial e temporária de si próprio (sacrifício, preço a pagar) se torna necessária para garantir uma conservação permanente do conjunto das forças próprias. Desse princípio fundamental resulta toda a série de princípios que comandam a ação militar, a começar pelos do tiro (cobrir-se para conservar-se e fazer o melhor uso possível do poder de fogo, a fim de destruir o inimigo) até aos princípios de estratégia; todos são inspirados por esse princípio fundamental, e todos se destinam a garantir a respectiva aplicação, quer se trate de princípios de ordem técnica, quer se trate de princípios relativos à tática, às companhias ou à estratégia. O princípio da conservação das próprias forças e destruição das do inimigo é a base de todos os princípios militares.

Os nossos princípios militares são os seguintes:

1. Atacar primeiramente as forças dispersas e isoladas do inimigo, e atacar depois suas forças concentradas e poderosas;
2. Tomar primeiramente as cidades pequenas e médias, bem como as grandes regiões rurais e tomar depois as grandes cidades;

3. Ter como objetivo principal o aniquilamento das forças vivas do inimigo e não a conservação ou tomada de uma cidade ou território. A conservação ou tomada de uma cidade ou território é uma consequência do aniquilamento das forças vivas do inimigo; frequentemente, uma cidade ou território só pode ser conservada ou tomada, de modo definitivo, depois de ter mudado várias vezes de mãos;

4. Em cada batalha, concentrar uma superioridade absoluta de forças (duas, três, quatro e em alguns casos até cinco ou seis vezes a força do inimigo), cercar totalmente as forças inimigas e esforçar-se por aniquilá-las por completo, sem dar-lhes uma possibilidade de que se escape da rede. Em circunstâncias especiais, utilizar o método de desferir golpes demolidores sobre o inimigo, isto é, concentrar toda nossa força para fazer-lhe um ataque frontal e um ataque contra um ou ambos os flancos, a fim de lhe aniquilar uma parte das tropas e derrotar a outra parte, de tal maneira que nosso exército possa deslocar rapidamente suas forças para esmagar outras tropas do inimigo. Esforçar-se por evitar batalhas de desgaste em que se perde mais do que se ganha ou que se ganha tanto quanto se perde. Assim, embora inferiores no todo (numericamente), nós seremos absolutamente superiores na parte, em cada batalha concreta, o que nos assegurará a vitória no plano operacional. Com o andar do tempo, nós conseguiremos uma superioridade no conjunto e aniquilaremos finalmente todas as forças do inimigo;

5. Não travar combate sem que se esteja preparado, não trabalhar combate que não se esteja seguro de vencer. Fazer todos os esforços para estar bem preparado para cada batalha, fazer todos os esforços para assegurar a vitória na correlação existe entre as condições do inimigo e as nossas;

6. Pôr plenamente em jogo nosso estilo de combate – coragem, espírito de sacrifício, desprezo pela fadiga, tenacidade nos combates contínuos (combates sucessivos travados num curto espaço de tempo e sem descanso);

7. Esforçar-se por aniquilar o inimigo enquanto ele está em movimento. Ao mesmo tempo, prestar atenção às táticas de ataque a posições e captura de pontos fortificados e cidades em mão do inimigo;

8. Com respeito ao ataque das cidades, tomar resolutamente todos os pontos fortificados e cidades fracamente defendidas pelo inimigo. Tomar, no momento oportuno e sempre que as circunstâncias o permitam, todos os pontos fortificados e cidades moderadamente defendidas pelo inimigo. Com relação aos pontos fortificados e cidades fortemente defendidas pelo inimigo, esperar até que as condições estejam maduras e tomá-los nessa altura;

9. Recompletar nossas forças com todas as armas e a maior parte dos efetivos capturados do inimigo. As fontes principais de homens e material para nosso exército estão na própria frente; e

10. Aproveitar plenamente os intervalos entre duas campanhas para o repouso, instrução e consolidação de nossas tropas. Os períodos de repouso, instrução e consolidação não devem, em princípio, ser muito longos, devendo-se tanto quanto possível evitar que o inimigo ganhe novo fôlego.

Tais são os principais métodos que o Exército Popular de Libertação tem empregado para derrotar Tchiang Kai-Chek. Esses métodos foram forjados pelo Exército Popular de Libertação durante um longo combate contra os inimigos internos e externos e estão perfeitamente adequados à nossa situação atual (...). Nossa estratégia e nossas táticas baseiam-se na guerra popular e nenhum exército oposto ao povo pode utilizá-las.

Sem preparação, a superioridade não é realmente superioridade e não pode haver iniciativa. Uma vez que compreendido esse ponto, uma forma inferior, mas preparada, pode muitas vezes derrotar, num ataque surpresa, forças inimigas superiores.

Capítulo IX. O exército popular

Sem o exército popular, o povo nada teria.

Esse exército é forte porque todos seus homens possuem uma disciplina consciente; eles uniram-se e lutam não por interesses privados dum punhado de indivíduos ou duma camarilha reduzida, mas, sim, impulsionados pelos interesses das grandes massas populares e da totalidade da nação. A única aspiração de tal exército é manter-se firme ao lado do povo chinês e servi-lo de todo o coração.

O Exército Vermelho chinês é um corpo armado destinado a cumprir as tarefas políticas da revolução. Especialmente no momento atual, o Exército Vermelho não deve de maneira alguma limitar-se apenas a combater; além de combater para destruir o poder militar do inimigo, deve ainda assumir tarefas tão importantes como a de fazer propaganda no seio das massas, organizá-las, armá-las, ajudá-las a instaurar o poder político revolucionário, e criar organizações do Partido Comunista. O Exército Vermelho não combate só por combater, mas sim para fazer propaganda entre as massas, organizá-las, armá-las e ajudá-las a instaurar o poder político revolucionário. Sem esses objetivos, o combate perde seu sentido e o Exército Vermelho deixa de ter razão de existir.

O Exército Popular de Libertação será sempre uma força combatente. Mesmo depois da vitória à escala nacional, ao longo do período em que as classes não tenham sido ainda abolidas em nosso país e o sistema imperialista continue ainda a existir no mundo, nosso exército será sempre uma força combatente. A esse respeito não deve haver qualquer equívoco nem hesitação.

Nós dispomos de um exército para combater assim como dispomos de um exército para trabalhar. Para o combate, dispomos do VIII Exército e do Novo IV Exército. E mesmo esse exército de combate deve também realizar uma dupla tarefa: combater e produzir. Com essas duas espécies de exército, e com um exército de combate competente naquelas duas tarefas e ainda no trabalho de massas, poderemos vencer as dificuldades e derrotar o imperialismo japonês.

Nossa defesa nacional será consolidada e não permitiremos aos imperialistas, sejam quais forem, que voltem a invadir nosso território. As nossas forças armadas populares devem conservar-se e desenvolver-se com base no heroico e já comprovado Exército Popular de Libertação. Nós não teremos apenas um poderoso exército, nós disporemos igualmente de uma força aérea e de uma marinha poderosa.

O nosso princípio é o seguinte: O Partido comanda o fuzil e jamais permitiremos que o fuzil comande o Partido.

Todos os oficiais e soldados devem lembrar-se a todo o momento de que nós constituímos o grande Exército Popular de Libertação, e somos uma força dirigida pelo grande Partido Comunista da China. Desde que observemos constantemente as diretivas do Partido, estaremos sempre seguros da vitória.

Capítulo X. O papel dirigente dos comitês do Partido

O sistema de comitês do Partido é uma importante instituição do Partido para assegurar a direção coletiva e evitar que um só indivíduo monopolize a condução dos trabalhos. Averiguou-se recentemente, porém, que em alguns órgãos dirigentes (não em todos, evidentemente), é prática habitual que um só indivíduo monopolize a condução dos trabalhos e resolva os problemas importantes. As decisões sobre problemas importantes não são tomadas pela reunião do comitê do Partido, mas, sim, por um único indivíduo, e os membros do comitê estão ali apenas por formalidade. Se divergências de opinião entre os membros de um comitê não podem ser resolvidas e são deixadas em suspenso durante um longo período. Os membros do comitê do Partido mantêm entre si uma unidade apenas formal, não real. Há que mudar essa situação. Daqui para o futuro, há que instituir um bom sistema de reuniões nos comitês do Partido em todos os órgãos de direção, desde os comitês do Partido frente aos comitês do Partido nas brigadas e nas regiões militares (subcomissão da comissão militar revolucionária ou grupos dirigentes); assim como nos grupos dirigentes do Partido dentro dos organismos governamentais, organizações populares, agências de notícias e jornais. Todos os problemas importantes (evidentemente, não os problemas insignificantes, triviais, nem os problemas cuja solução tenha já sido decidida após a discussão em reuniões, necessitando apenas da respectiva execução) devem ser submetidos aos comitês para discussão, devendo os membros presentes apresentar seus pontos de vista, e chegar a uma decisão precisa, a qual deverá, então, ser executada pelos membros interessados (...). As reuniões de um comitê do Partido devem ser classificadas em duas categorias que importa não confundir: reuniões do comitê permanente e sessões plenárias. Além disso, devemos velar para que nem a direção coletiva nem a responsabilidade individual sejam realçadas em termos de haver exagero com uma negligência com outra. No exército, os chefes têm o direito de tomar decisões de emergência durante os combates e sempre que as circunstâncias o exigiam.

O secretário de um comitê do Partido deve saber atuar como um bom «chefe de esquadra». Um comitê do Partido tem dez a vinte membros; é comparável a uma esquadra do exército, e seu secretário é como o «chefe de esquadra». Na verdade, não é fácil dirigir bem essa esquadra. Atualmente, cada birô do sub-birô do Comitê Central dirige uma grande região e assume tarefas muito pesadas. Dirigir não significa apenas decidir sobre a orientação geral e as medidas políticas específicas, mas também definir os métodos de trabalho corretos. Embora a orientação geral e as medidas políticas específicas sejam corretas, podem surgir ainda problemas se se descurem os métodos de trabalho. Para cumprir suas tarefas de direção, os comitês do Partido devem apoiar-se nos «homens da esquadra» e habilitá-los a desempenhar-se inteiramente de seu papel. Para ser um bom «chefe de esquadra», o secretário deve estudar com afinco e investigar profundamente, um secretário ou vice-secretário só achará difícil dirigir bem os homens de sua «esquadra» se não cuidar da propaganda e do trabalho de organização entre esses, se não souber manter boas relações com os membros do comitê ou se não estudar a maneira de realizar reuniões com sucesso. Se os «homens da esquadra» não marcharem à mesma cadência, então será melhor nem pensarem em dirigir as dezenas de milhões de homens no combate e na edificação. É claro que as relações entre o secretário e os membros do comitê são tais que a minoria deve obedecer à maioria, e diferente, portanto, das relações entre um chefe de esquadra e seus homens. Tudo que dissemos foi apenas por analogia.

«Pôr os problemas na mesa». Isso é o que devem fazer tanto o «chefe de esquadra» como os membros do comitê. Não falar pelas costas, seja de quem for. Assim surge um problema, convoque-se uma reunião, ponham-se os problemas na mesa para que sejam discutidos, tomem-se as decisões, e os problemas ficarão resolvidos. Se os problemas e não são postos na mesa, eles ficam durante muito tempo sem solução, podendo mesmo arrastar-se por vários anos. Entre o «chefe de esquadra» e os membros do comitê deve haver mútua compreensão. Nada é mais importante do que a compreensão, o apoio e a amizade entre o secretário e os membros de um comitê, entre o Comitê Central e seus birôs, bem como entre os birôs do Comitê Central e os Comitês Regionais do Partido.

«Trocar informações». Isso significa que os membros do comitê do Partido devem manter-se mutuamente informados e trocar pontos de vista a respeito das matérias que vão chegando ao seu conhecimento. Isso é de grande importância para que se consiga uma linguagem comum. Alguns não proceder assim; como os vizinhos de que fala Lao-Tze, «não se visitam durante toda a vida, embora cada um ouça o cantor dos galos e o ladrar dos cães do outro». O resultado é não terem uma linguagem comum.

Consultar os camaradas dos escalões inferiores não sobre aquilo que não se compreende ou não conhece, e não expressar com leviandade um acordo ou desaprovação (...). Nunca devemos fingir que conhecemos aquilo que não conhecemos, «nem ter vergonha de consultar os nossos subordinados», pelo contrário, devemos escutar cuidadosamente os pontos de vista dos quadros dos escalões inferiores. Há que ser aluno antes de chegar a ser professor; antes de dar ordens há que aprender com os quadros dos escalões inferiores (...). Aquilo que os quadros dos escalões inferiores dizem pode ou não ser correto; depois de escutar há que analisar. Nós devemos escutar os pontos de vista corretos e agir de acordo com eles. Também devemos escutar os pontos de vista errados vindos de baixo. Seria incorreto não os escutarmos completamente; contudo, esses pontos de vista não devem ser seguidos, mas, sim, criticados.

Aprender a «tocar piano». Quando se toca piano, os dez dedos mover-se; não se pode tocar apenas com alguns dedos, deixando os outros parados. Mas se os dedos fazem pressão ao mesmo tempo, também não se consegue qualquer melodia. Para produzir boa música, os dez dedos devem mover-se com ritmo e ordenamento. Os comitês do Partido devem agarrar bem nas mãos a tarefa central e, ao mesmo tempo, à volta dessa tarefa central, devem desenvolver um trabalho noutros domínios. Atualmente temos de nos ocupar de muitos setores: devemos ocupar-nos do trabalho em todas as regiões, unidades militares e departamentos, e não dispensar toda a atenção apenas a uns quantos problemas, excluindo os demais. Onde quer que exista um problema, nós devemos tocar na tecla correspondente; esse é um método que precisamos dominar. Alguns tocam bem piano, outros tocam mal, existindo uma grande diferença nas melodias que produzem. Os camaradas dos comitês do Partido devem bem a «tocar piano».

«Agarrar com firmeza». Isso significa que o comitê do Partido deve não somente «agarrar» a sua tarefa principal, mas ainda «agarrá-la com firmeza». Só se pode dominar uma coisa se a agarrarmos solidamente nas mãos, sem afrouxar um pouco que seja os dedos. Não agarrar com firmeza equivale a não agarrar coisa

alguma. Naturalmente, ninguém pode agarrar seja o que for com a mão aberta. Quando fechamos a mão, mas não a fechamos com firmeza, temos o ar de agarrar alguma coisa, mas tampouco conseguimos agarrar coisa alguma. Alguns de nossos camaradas agarram, é certo, as tarefas principais, mas como não agarram com firmeza, não podem fazer bom trabalho. Sem agarrar, nada feito; sem agarrar com firmeza, também nada feito.

«Ter os números na cabeça». Isso significa que devemos atender ao aspecto quantitativo das situações ou problemas e fazer uma análise quantitativa básica. Toda a qualidade se manifesta numa quantidade determinada; sem quantidade, não pode haver qualidade. Até à data, muitos dos nossos camaradas ainda não compreenderam que devem atender ao aspecto quantitativo das coisas – as às estatísticas de base, às percentagens principais e aos limites quantitativos que determinam a qualidade das coisas. Eles não têm «número na cabeça», e por isso não podem deixar de cometer erros.

«Aviso à população». As reuniões devem ser anunciadas com antecedência. É como se fizesse um aviso à população, de maneira que cada um fique a saber o que se vai discutir, os problemas que há para resolver, e possa preparar-se a tempo. Em algumas localidades, as reuniões de quadros são convocadas sem que os relatórios e os projetos de resolução estejam prontos, sendo melhor ou pior improvisados quando os participantes já estão presente, o que lembra o ditado que diz: «As tropas e os cavalos chegaram, mas os víveres e a forragem ainda não estão prontos». Isso não é bom. Sem preparativos, não se deve convocar apressadamente uma reunião.

«Menos tropas, mas melhores, e uma administração mais simples». Intervenções, discursos, artigos e resoluções, tudo deve ser claro e conciso. As reuniões também não devem ser demasiado longas.

Prestar atenção à unidade e colaboração com os camaradas que têm pontos de vista diferentes dos nossos. Há que atender a esse princípio, tanto nos organismos locais como no exército. O mesmo é válido para nossas relações com os indivíduos que não pertencem ao Partido. Nós viemos dos mais distintos cantos do país e, no nosso trabalho, devemos saber unir-nos não só com os camaradas que compartilham nossas opiniões como também com os que defendem pontos de vista distintos.

«Guardar-se da arrogância». Isso constitui uma questão de princípio para os dirigentes, mas é também importante condição para manter a unidade. Nem mesmo aqueles que não cometeram erros graves e conseguiram grandes êxitos no trabalho devem ser arrogantes.

«Traçar duas linhas de demarcação». Primeiro, entre a revolução e a contrarrevolução, entre lenam e Siam. Alguns não compreendem a necessidade de traçar tais linhas de demarcação. Por exemplo, quando combatem a burocracia, falam de lenam como se em lenam «nada estivesse certo», e não fazem nem comparação nem distinção entre a burocracia de lenam e a burocracia de Siam, comentando, assim, um erro fundamental. Segundo, no seio das fileiras revolucionárias, é necessário proceder a uma clara demarcação entre a verdade e o

erro, entre os êxitos e as falhas, e aclarar qual dos dois aspectos é o primeiro e qual o secundário. Por exemplo, dentro do conjunto, os êxitos são da ordem dos trinta ou dos setenta por cento? Há que não subestimar nem superestimar, Há que avaliar globalmente o trabalho de cada pessoa e determinar se seus êxitos são de trinta por cento e os erros de setenta, ou vice-versa. Se os seus êxitos chegam a setenta por cento do conjunto, então o trabalho deve ser aprovado no essencial. Seria inteiramente errado considerar como primário os erros de um trabalho quando, na realidade, os êxitos é que são o primário. Ao examinarmos os problemas nunca devemos esquecer-nos de traçar essas duas linhas de demarcação: entre a revolução e a contrarrevolução e entre os êxitos e as falhas. AS coisas marcharão corretamente se gravarmos bem no espírito essas duas linhas de demarcação; ao contrário, nós confundiremos a natureza dos problemas. Como é evidente, para traçar corretamente essas linhas, é indispensável proceder a um estudo e a uma análise minuciosos. Há que adotar uma atitude de análise e estudo com relação a cada pessoa e a cada questão.

No plano orgânico é necessário assegurar uma democracia sob direção centralizada. Isso deve fazer-se conforme às linhas seguintes:

1. Os órgãos dirigentes do Partido devem definir uma linha diretriz correta e encontrar soluções para os problemas que surgem, de modo a erigirem-se em autênticos centros de direção;
2. Os órgãos superiores devem conhecer bem a situação existente nos órgãos inferiores, assim como a vida das massas, de modo a disporem duma base objetiva para dirigir corretamente;
3. Seja em que escalão for, nenhum órgão do Partido deve resolver levemente os problemas. Uma vez que se toma uma decisão, deve ser firmemente aplicada;
4. Todas as decisões de certa importância tomadas pelos órgãos superiores do Partido devem ser prontamente transmitidas aos órgãos inferiores, bem como à massa dos membros do Partido (...); e
5. Os órgãos inferiores e a massa dos membros do Partido devem discutir em detalhe as diretivas dos órgãos superiores, de maneira a compreenderem completamente o respectivo significado e decidirem sobre os métodos a seguir na sua execução.

Capítulo XI. A linha de massas

O povo, e só o povo, constitui a força motriz na criação da história universal.

As massas são os verdadeiros heróis, enquanto que frequentes vezes nós somos de uma ingenuidade ridícula. Se não compreendermos isso, ser-nos-á impossível adquirir até os conhecimentos mais elementares.

As massas populares dispõem de um poder criador ilimitado. Elas podem organizar-se e marchar para todos os lugares e setores de trabalho onde possam dar livre curso à sua energia. Elas podem orientar-se para a produção, tanto em profundidade como em extensão, criando para si próprias um número crescente de obras de bem-estar.

A expansão atual do movimento camponês constitui um acontecimento colossal. Em muito pouco tempo, as províncias do Centro, Sul e Norte da China, várias centenas de milhões de camponeses hão de levantar-se como um poderoso furacão, uma tempestade, uma força tão vertiginosa e violenta que nenhum poder, por mais que seja, poderá deter. Eles quebrarão todas as correntes que os acorrentam e lançar-se-ão no caminho da libertação. Sepultarão todos os imperialistas, caudilhos militares, funcionários corrompidos, déspotas locais e maus nobres. Todos os partidos revolucionários e todos os camaradas revolucionários serão postos à prova pelos camponeses, sendo aceites ou rejeitados segundo a escolha que tiverem feito. Há três alternativas: marchar à frente dos camponeses e dirigi-los? Ficar atrás deles, gesticulando e criticando? Erguer-se diante deles para combatê-los? Cada chinês está livre para escolher dentre essas três alternativas, e os acontecimentos forçarão toda a gente a fazer rapidamente a escolha.

Atualmente, o auge da transformação social no campo, o auge da cooperativização, atingiu já algumas localidades e abarcará em breve o conjunto do país. Trata-se de um vasto movimento revolucionário socialista que envolve uma população rural de mais de quinhentos milhões de indivíduos, e que tem um enorme significado à escala mundial. Nós devemos dirigir esse movimento de maneira ativa, entusiástica e planificada, e nunca fazê-lo voltar atrás, seja por esse ou por aquele processo. Certos desvios são inevitáveis no decurso desse movimento; isso é compreensível, e não constituirá coisa difícil de corrigir. Os defeitos ou erros dos quadros e dos camponeses podem ser superados ou corrigidos desde que os ajudemos ativamente.

As massas têm um entusiasmo potencial inesgotável pelo socialismo. Aqueles que, mesmo num período revolucionário, não sabem mais do que seguir a velha rotina, são absolutamente incapazes de perceber tal entusiasmo. Estão cegos, tudo é escuridão para eles. Por vezes, chegam a ir tão longe que confundem o certo com o errado e apresentam aquilo que é preto como branco. Acaso são poucas as pessoas desse tipo com que nos temos encontrado? Os que apenas seguem a velha rotina subestimam invariavelmente o entusiasmo popular. Assim que aparecer uma coisa nova eles precipitam-se a desaprová-la e a fazer-lhe oposição. Mas tarde, têm de dar-se por vencidos e fazem um pouco de autocritica. Contudo, na vez seguinte, logo que alguma coisa nova volta a aparecer, eles tornam a recorrer ao mesmo processo. Esse é o seu modo de agir frente a tudo quanto seja novo. Os indivíduos assim permanecem sempre passivos, nunca avançam no momento crítico

e necessitam sempre que se lhes dê uma forte palmada nas costas para que deem um passo em frente.

Durante mais de vinte anos o nosso Partido vem realizando um trabalho de massas diário, e desde há mais de dez anos que vem falando cotidianamente na linha de massas. Nós temos sempre sustentado que a revolução deve apoiar-se nas massas populares, contar com a participação de todos, e temos sempre combatido a simples confiança num punhado de indivíduos que ditam ordens. Contudo, no trabalho de alguns camaradas, a linha de massas não está ainda a ser aplicada integralmente; eles ainda confiam apenas num punhado de indivíduos que trabalham num frio e quieto isolamento. Uma das razões disso é que, façam o que fizerem, eles têm sempre relutância em dar explicações que dirigem e não sabem como dar livre curso à iniciativa e energia criadora dessas. Subjetivamente, eles também desejam que todos participem no trabalho, mas não dizem que todos participem no trabalho, mas não dizem aos outros o que se deve e como se deve fazer. Sendo assim, como pode esperar-se que todos se ponham em movimento e as coisas sejam bem feitas? Para resolver esse problema, o essencial é, naturalmente, dar uma educação ideológica sobre a linha de massas, devendo-se, ao mesmo tempo, ensinar a esses camaradas muito dos métodos concretos de trabalho.

A experiência dos últimos vinte e quatro anos mostra-nos que toda a tarefa, toda a política e estilo de trabalho corretos correspondem invariavelmente às exigências das massas num momento e num lugar dados, e reforçam nossos laços com essas; ao passo que as tarefas, as políticas e os estilos de trabalho incorretos nunca correspondem às exigências das massas do dado momento e lugar, afastando-nos invariavelmente delas. A razão por que os males como o dogmatismo, empirismo, dirigismo, seguidismo, sectarismo, burocratismo e atitude arrogante no trabalho são absolutamente nocivos e intoleráveis, e os que disso sofrem devem fazer tudo para eliminá-los, está no fato de tais males nos afastarem das massas.

Para ligar-se às massas importa agir de acordo com as necessidades e aspirações das massas. Todo o trabalho para as massas deve partir das necessidades dessas, e não do desejo deste ou daquele indivíduo, ainda que bem-intencionado. Acontecem frequentes vezes que, objetivamente, as massas necessitam de certa mudança, mas, subjetivamente, não estão ainda conscientes dessa necessidade, não a desejam ou ainda não estão determinada realizá-la. Nesse caso devemos esperar pacientemente. Não devemos realizar tal mudança senão quando, em virtude de nosso trabalho, a maioria das massas se tenha tornado consciente dessa necessidade e esteja desejosa e determinada a realizá-la. Doutro modo, isolamo-nos das massas. Enquanto as massas não estão conscientes e desejosas, toda a espécie de trabalho que requer a sua participação resulta em mera formalidade e termina num fracasso (...). Há dois princípios aqui: um, é o das necessidades reais das massas, e não aquilo que imaginamos serem suas necessidades; o outro, é o do desejo livremente expresso pelas massas, as decisões que essas tomam por si próprias, e não as decisões que nós tomamos em seu lugar.

O nosso congresso deve apelar para que o Partido inteiro seja vigilante e vele para que nunca camarada, em qualquer posto de trabalho, se aparte das massas

populares. É necessário ensinar cada camarada a amar as massas populares e a ouvir-lhes atentamente a voz; a identificar-se com as massas onde quer que se encontre e, em vez de colocar-se acima delas, penetrar profundamente em seu seio, despertá-las, elevar-lhes a consciência política de acordo com seu nível atual e ajudá-las, passo a passo e segundo o princípio da plena voluntariedade, a organizar-se e a travar todos os combates essenciais permitidos pelas circunstâncias internas e externas de cada momento e lugar.

Se tentássemos passar à ofensiva quando as massas ainda não estivessem despertadas, isso seria aventureirismo. Se insistíssemos em levar as massas a fazer alguma coisa contra sua própria vontade, o resultado seria, inevitavelmente, um fracasso. Se nós não avançássemos quando as massas pedissem que se avançasse, isso seria oportunismo de direita.

O autoritarismo é errôneo, seja em que tipo de trabalho for, porque ultrapassa o nível de consciência política das massas e viola o princípio de ação voluntária dessas; é uma manifestação daquele mal chamado precipitação. Os nossos camaradas não devem pensar que tudo o que eles compreendem é também compreendido pelas grandes massas. Só penetrando no seio das massas, e fazendo investigações, se pode descobrir se essas compreendem ou não um assunto e estão ou não prontas a passar à ação. Se procedermos assim, poderemos evitar o autoritarismo. Seja em que tipo de trabalho for, o seguidismo é igualmente errôneo, já que se mantém abaixo do nível de consciência política das massas e viola o princípios de dirigi-las em seu avanço; é uma manifestação daquele outro mal chamado lentidão. Os nossos camaradas não devem pensar que as massas não compreendem aquilo que eles próprios ainda não compreendam. Frequentes vezes acontecem que as grandes massas nos ultrapassam e estão ansiosas por avançar um passo, enquanto os nossos camaradas são incapazes de atuar como dirigentes dessas, refletem as opiniões de certos elementos atrasados, e tomam-nas erradamente pelas opiniões das grandes massas, e põem-se assim a reboque desses elementos atrasados.

Recolher as ideias das massas, concentrá-las e levá-las de novo às massas a fim de que essas as apliquem firmemente, e chegar assim a elaborar ideias justas de direção. Tal é o método fundamental de direção.

Em todo o trabalho prático de nosso Partido, toda a direção correta é necessariamente «das massas para as massas». Isso significa recolher as ideias das massas (ideias dispersas, não sistemáticas), concentrá-las (transformá-las por meio do estudo em ideias sintetizadas e sistematizadas), ir de novo às massas para propagá-las e explicá-las de maneira que as massas as tomem como suas, persistam nelas e as traduzam em ação; e ainda verificar a justeza dessas ideias no decorrer da própria ação das massas. Depois é preciso voltar a concentrar as ideias das massas e levá-las outra vez às massas, para que essas persistam nelas e as apliquem firmemente. Sucessivamente, repetindo-se infinitamente esse processo, as ideias vão se tornando cada vez mais corretas, mais vivas e mais ricas. Tal é a teoria marxista do conhecimento.

Devemos ir ao seio das massas, aprender com elas, sintetizar suas experiências e deduzir dessas princípios e métodos ainda melhores e sistemáticos,

explicá-los às massas (fazer propaganda) e chamá-las a pô-los em prática, de maneira que resolvam seus problemas e alcancem a libertação e felicidade.

Em certas localidades, em nossos órgãos de direção há pessoas que pensam ser suficiente que apenas os dirigentes conheçam a política do Partido, não se tornando necessário dá-la a conhecer às massas. Essa é uma das razões fundamentais de porquê de uma parte de nosso trabalho não ter podido realizar-se bem.

Em todos os movimentos de massas devemos proceder a uma investigação e análise básica do número de partidários ativos, de opositores e dos que se mantêm numa posição intermédia, e não decidir sobre os problemas de uma maneira subjetiva e sem fundamento.

Em qualquer lugar, as massas compõem-se geralmente de três categorias de indivíduos: os que são relativamente ativos, os intermediários e os que são relativamente atrasados. Assim, os dirigentes devem saber unir à volta da direção o pequeno número de elementos ativos e apoiar-se neles para elevar o nível dos elementos intermédios e conquistar os elementos atrasados.

Saber converter a política do Partido em ação das massas, saber conseguir que os quadros dirigentes e também as grandes massas compreendam e dominem cada movimento e cada luta que fazemos, isso é arte de direção marxista-leninista. Ela é também a linha divisória que permite determinar se cometemos ou não erros em nosso trabalho.

Por muito ativo que seja o grupo dirigente, sua atividade reduzir-se-á a esforço infrutífero dum punhado de indivíduos se não for combinada com a atividade das grandes massas. Por outro lado, se apenas as grandes massas são ativas, e não há um forte núcleo dirigente que organize adequadamente essa atividade, ela não poderá ser mantida por muito tempo, não poderá avançar na justa direção nem atingir nível mais elevado.

Produção pelas massas, interesses das massas, experiência e estado de ânimo das massas – eis ao que os quadros dirigentes devem prestar uma constante atenção.

Devemos prestar uma profunda atenção aos problemas da vida das massas, desde os problemas da terra e do trabalho aos problemas dos combustíveis, do arroz, dos óleos de cozinha e do sal (...). Todos esses problemas que dizem respeito à vida das massas devem ser postos em nossa ordem do dia. Devemos discuti-los, tomar decisões e aplicá-las, controlando os respectivos resultados. Devemos fazer com que as grandes massas compreendam que nós representamos seus interesses, que respiramos o mesmo ar que elas. Devemos ajudá-las a, partindo dessas realidades, chegar à compreensão das tarefas mais elevadas que temos proposto, as tarefas da guerra revolucionária, de maneira que apoiem a revolução, a estendam pelo o país inteiro, respondam aos nossos apelos políticos e lutem até o fim pela vitória da revolução.

Capítulo XII. O trabalho político

Naquele tempo [durante a Primeira Guerra Civil Revolucionária de 1924-1927] foi instituído no exército o sistema de representantes do Partido e de departamentos políticos, sistema desconhecido até então na história da China e que mudou totalmente a fisionomia do exército. Tanto o Exército Vermelho, a partir de 1927, como o atual VIII Exército herdaram e desenvolveram esse sistema.

Foi na base da guerra popular e dos princípios de unidade entre o exército e o povo, de unidade entre os comandantes e os combatentes, e de desintegração das forças inimigas que o Exército Popular de Libertação realizou um vigoroso trabalho político revolucionário, o qual constitui um fator importante na conquista da vitória sobre o inimigo.

Esse exército elaborou um sistema de trabalho político indispensável à guerra popular e que visa a realizar a unidade dentro das suas próprias fileiras, a unidade com os exércitos amigos, a unidade com o povo, a desagregação das forças inimigas e a garantir a vitória nos combates.

O trabalho político é vital para todo o nosso trabalho econômico. Isto é particularmente verdadeiro num período em que o sistema social e econômico estão registrando uma mudança fundamental.

«As células do Partido são organizadas na base da companhia»; essa é uma das razões importantes pelas quais o Exército Vermelho tem sido capaz de manter-se indestrutível num combate tão árduo.

O trabalho político do VIII Exército guia-se por três princípios fundamentais:

1. O princípio de unidade entre oficiais e soldados, significando liquidação das práticas feudais no exército, proibição de bater e insultar, instauração duma disciplina consciente e adoção dum tipo de vida em que os oficiais e soldados compartilham alegrias e penas, em resultado de que o exército inteiro se encontra estreitamente unido;

2. O princípio de unidade entre exército e povo, o que significa a observação duma disciplina que não tolera a menor violação dos interesses populares, a realização duma propaganda entre as massas, a organização e o armamento das massas, a diminuição das cargas econômicas dessas e a repressão dos traidores da pátria, que prejudicam o exército e o povo, em resultado de que o exército se encontra estreitamente unido ao povo e é bem recebido por esse em toda a parte; e

3. O princípio de desintegração das forças inimigas e tratamento clemente aos prisioneiros de guerra. A nossa vitória não depende apenas das operações militares, depende também da desintegração das forças do inimigo.

As nossas tropas devem observar os princípios corretos que comandam as relações entre o exército e o povo, entre o exército e o governo, entre o exército e o Partido, entre os oficiais e os soldados, entre o trabalho militar e o trabalho político, bem como a relação entre os quadros, em caso nenhum devendo cair nos vícios do caudilhismo militar. Os oficiais devem preocupar-se pelos soldados, não ser indiferentes com relação a esses nem recorrer a ofensas corporais. O exército deve amar o povo e nunca violar seus interesses. O exército deve respeitar o governo e o Partido e nunca «reclamar independência» com relação a esse.

A nossa política com relação aos prisioneiros, que provenham das forças japonesas, fantoches ou anticomunistas, é pô-los em liberdade, excetuando-se os que incorreram no ódio profundo das massas e devem sofrer a pena capital, uma vez que as respectivas sentenças de morte tenham sido ratificadas pelas instâncias superiores. Entre os prisioneiros, aqueles que foram obrigados a integrar-se nas forças reacionárias, mas que se inclinam mais ou menos em favor da revolução, devem ser ganhos em massa para o serviço de nosso exército; todos os demais prisioneiros devem ser postos em liberdade; e se, voltando a combater-nos, tonar a cair prisioneiros, devemos pô-los mais uma vez em liberdade. Nós não devemos insultá-los, apoderar-nos de seus bens pessoais ou tentar arrancar-lhes retratações, mas antes tratá-los com sinceridade, com afabilidade, e isso sem qualquer exceção. Essa deve ser nossa política, por mais reacionários que eles sejam. Isso constitui um meio muito eficaz para isolar o campo reacionário.

As armas são um fator importante na guerra, mas não são o fator decisivo. A correlação de forças não é apenas uma correlação de poder militar e econômico, é também uma correlação de recursos humanos e força moral. O poder militar e econômico está necessariamente dominado pelo homem.

A bomba atômica é um tigre de papel que os reacionários norte-americanos utilizam para amedrontar as pessoas. Parece terrível, mas na realidade não o é. Claro que a bomba atômica é uma arma de matança em grande escala, mas o resultado de uma guerra é decidido pelo povo e não por uma ou duas armas de novo tipo.

Os soldados são a base de um exército. Enquanto eles não estiverem imbuídos de um espírito político progressista, e enquanto esse espírito não lhes for inculcado através de um trabalho político progressivo, torna-se impossível alcançar uma autêntica unidade entre oficiais e soldados, despertar-lhes um máximo de entusiasmo pela Guerra de Resistência, assim como se torna impossível garantir uma boa base para obter a máxima eficácia de nossa técnica e de nossas táticas.

O ponto de vista puramente militar está muito difundido entre uma parte dos camaradas do Exército Vermelho. Esse ponto de vista manifesta-se do seguinte modo:

Veem como opostos os assuntos militares e os assuntos políticos e não se reconhecem que os assuntos militares são apenas um dos meios para a realização das tarefas políticas. Alguns chegam mesmo ao ponto de dizer que «se as coisas vão bem no plano militar, necessariamente vão bem no plano político, e que se vão mal no plano militar, não podem ir bem no plano político», o que é ir ainda mais longe, dando aos assuntos militares uma posição de comando sobre a política.

A educação ideológica é a chave que importa dominar na realização da unidade do conjunto do Partido com vista às grandes lutas políticas. Enquanto não se consegue isso, o Partido não pode cumprir nenhum de suas tarefas políticas.

Nos últimos tempos, tem-se verificado uma quebra no trabalho ideológico e político entre os intelectuais e os jovens estudantes, e surgiram certos desvios. Para algumas pessoas parece que já não é necessária a preocupação pela política, pelo futuro da Pátria e pelos ideais da humanidade. Parece-lhes que o marxismo, tão na

moda em certas épocas, já não o está tanto agora. Para enfrentar tal situação é necessário reforçar o nosso trabalho ideológico e político. Tanto os intelectuais como os jovens estudantes devem aplicar-se a fundo. Além do estudo de suas especialidades, devem fazer progressos, tanto ideológica como politicamente, isto é, devem estudar o marxismo, os problemas da atualidade e as questões políticas. Não possuir um ponto de vista político correto é como não ter alma (...). Todos os departamentos e organizações devem assumir suas responsabilidades de trabalho ideológico e político. Isso aplica-se ao Partido Comunista, à Liga da Juventude, aos departamentos governamentais encarregados desse trabalho e, em especial, aos diretores e professores dos estabelecimentos de ensino.

Depois que receberam uma educação política, todos os soldados do Exército Vermelho ganharam consciência de classe e adquiriram noções gerais a respeito da distribuição das terras, estabelecimento do poder político, armamento dos operários e camponeses etc., e sabem que estão lutando para si mesmos, para a classe operária e a classe camponesa. Cada companhia, cada batalhão ou regimento tem o seu comitê de soldados, o qual representa os interesses desse e executa o trabalho político e o trabalho no seio das massas populares.

O desenrolar correto do movimento de apresentação das queixas (denúncia dos sofrimentos impostos ao povo trabalhador pela velha sociedade e pelos reacionários) e do movimento das três verificações (verificação da origem de classe, cumprimento das tarefas e vontade de luta) elevou consideravelmente a consciência política dos comandantes e combatentes de todo o exército na luta pela emancipação das massas trabalhadoras exploradas, pela reforma agrária em todo o país e pela destruição do inimigo comum do povo, a quadrilha de Tchiang Kai-Chek. Ao mesmo tempo, esse movimento reforçou consideravelmente a já firme unidade existente entre os comandantes e combatentes sob a direção do Partido Comunista. Nessa base, o exército conseguiu uma maior pureza nas suas unidades, reforçou a disciplina, expandiu o movimento de massas para a instrução militar e desenvolveu ainda mais a democracia política, econômica e militar, segundo uma via bem orientada e ordenada. Desse modo, o exército uniu-se como um só homem, contribuindo cada membro com suas ideias e sua energia; é um exército que não teme sacrifícios, sabe vencer as dificuldades materiais e dá provas de intrepidez e heroísmo coletivos na destruição do inimigo. Um exército assim é invencível.

Nos últimos meses, quase todas as unidades do Exército Popular de Libertação utilizaram os intervalos entre as batalhas para um vasto trabalho de instrução e consolidação. Esse trabalho tem sido realizado com orientação perfeita e de maneira ordenada e democrática. Com isso estimulou-se o fervor revolucionário da grande massa de comandantes e combatentes, habilitando-os a compreender claramente o objetivo da guerra, eliminaram-se certas tendências ideológicas incorretas e certas manifestações indesejáveis no seio do exército, educaram-se os quadros e os combatentes, e elevou-se enormemente a capacidade de combate do exército. Daqui em diante, temos de continuar a realizar esse novo tipo de movimento de educação ideológica no exército, um movimento que apresenta um caráter democrático e de massas.

A política de ensino, da Academia Militar e Política Antijaponesa, consiste em cultivar a firmeza e a correção da orientação política, a tenacidade e simplicidade do

estilo de trabalho e a flexibilidade e agilidade da estratégia e da tática. Esses são os três princípios indispensáveis à formação de um combatente revolucionário antijaponês. É de acordo com esses três princípios que o pessoal administrativo e os professores prosseguem seu trabalho e os alunos, seus estudos.

A nossa nação teve sempre um estilo de luta dura que nós devemos desenvolver (...). O Partido Comunista preconizou sempre uma orientação política firme e correta (...). Tal orientação está inseparavelmente ligada a um estilo de dura luta. Sem uma orientação política firme e correta é impossível promover esse estilo de luta. E sem um estilo de luta dura é impossível manter uma orientação política firme e correta.

Unidade, dinamismo, seriedade e vivacidade.

O que conta realmente no mundo é ser consciente; é nesse sentido que se esforça particularmente o Partido Comunista.

Capítulo XIII. Relação entre oficiais e soldados

O nosso exército seguiu sempre dois princípios: primeiro, devemos ser implacáveis para com os inimigos devemos esmagá-los e aniquilá-los; segundo, devemos ser bons para com os nossos – para com o povo, para com nossos camaradas, superiores e subordinados – e velar pela unidade, com todos eles.

Nós viemos de todos os cantos do país, une-nos um objetivo revolucionário comum (...). Os nossos quadros devem preocupar-se por cada um dos soldados, e, nas filas de revolução, todos devem cuidar um dos outros, amar-se e ajudar-se mutuamente.

Em todas as unidades do exército há que lançar um movimento de apoio aos quadros e preocupação pelos soldados, apelando-se para que os quadros se preocupem com os soldados e esses apoiem os quadros. Uns e outros devem pronunciar-se abertamente sobre as falhas e os erros de cada um e corrigi-los rapidamente. Dessa maneira será possível obter-se uma unidade interna excelente.

Muitos pensam que são os métodos errados que fazem com que não haja boas relações entre oficiais e soldados e entre exército e povo; quanto a mim, eu tenho sempre afirmado que se trata duma questão de atitude fundamental (de princípio fundamental), a qual consiste em ter respeito pelos soldados e pelo povo. É dessa atitude que decorrem as várias políticas, métodos e formas adequadas. Se nos afastamos de tal atitude, as políticas, os métodos e as formas serão seguramente errados e as relações entre os oficiais e soldados e entre o exército e o povo não poderão de modo algum ser boas. Os três grandes princípios para o trabalho político no exército são: primeiro, a unidade entre oficiais e soldados, segundo, a unidade entre o exército e o povo e, terceiro, a desintegração das forças inimigas. Para aplicar com eficácia esses princípios, devemos começar por essa atitude fundamental de respeito pelos soldados e pelo povo, e de respeito pela dignidade humana dos prisioneiros de guerra que tenham deposto as armas. Os que tomam tudo isso como sendo uma questão técnica e não como uma atitude fundamental estão efetivamente enganados e devem corrigir o seu erro.

Os comunistas devem usar o método democrático de persuasão e educação na sua atividade entre o povo trabalhador, sendo absolutamente inadmissível que adotem uma atitude autoritária ou meios de coerção. O Partido Comunista da China é fiel a esse princípio marxista-leninista.

Os nossos camaradas devem compreender que a reeducação ideológica é um trabalho em longo prazo, paciente e minucioso. Não se deve esperar que, com tantas conferências ou reuniões, se pode mudar a ideologia das pessoas, ideologia formada ao longo de uma vida de vários decênios. Só se pode convencer pela persuasão e nunca pela coerção. O único resultado de coerção seria submeter sem convencer. É inadmissível tentar submeter pela força. Esse é um método que se pode empregar com relação ao inimigo, mas nunca com relação aos camaradas e amigos.

Devemos fazer uma distinção entre o inimigo e nós próprios, e não adotar uma posição de antagonismo com relação aos camaradas, tratando-os como se fossem inimigos. Quando falamos, devemos fazê-lo partindo do desejo ardente de

defender a causa do povo e de elevar sua consciência política, e nunca ridicularizá-la ou atacá-la.

Capítulo XIV. Relações entre o exército e o povo

O exército deve fundir-se com o povo, de maneira que esse o veja como sendo seu próprio exército. Um exército assim é invencível, e não será um país imperialista como o Japão que poderá medir-se com ele.

Há que ajudar cada um dos camaradas a compreender que, enquanto estivermos apoiados no povo, enquanto acreditarmos firmemente no inesgotável poder criador das massas populares e, por consequência, confiarmos no povo e nos identificarmos com ele, poderemos vencer quaisquer dificuldades, nenhum inimigo poderá esmagar-nos, podendo nós esmagar a todo e qualquer inimigo.

Para onde quer que se desloquem, nossos camaradas devem estabelecer boas relações com as massas, preocupar-se com elas e ajudá-las a vencer as dificuldades. Devemos unir-nos às grandes massas populares, e, quanto mais numerosas forem, melhor.

Nas regiões libertadas, o exército deve apoiar o governo e preocupar-se pelo povo, enquanto que os órgãos do governo democrático devem dirigir o povo em seu esforço de apoio ao exército e tratamento preferencial às famílias dos soldados que resistem ao Japão. Desse modo, as relações entre o exército e o povo tornar-se-ão ainda melhores.

No exército, devemos efetuar um trabalho de educação ideológica, entre os comandantes e os combatentes, de maneira que compreendam integralmente a importância que há em apoiar o governo e preocupar-se com o povo. Desde que o exército cumpra bem esse dever, os órgãos locais de poder e o povo melhorarão necessariamente suas relações com o exército.

No decorrer das campanhas de «apoio ao governo e preocupação pelo povo» e «apoio ao exército e tratamento preferencial às famílias dos soldados que resistem ao Japão», as unidades do exército e os organismos do Partido e do governo devem examinar a fundo as falhas e os erros de 1943, para corrigi-los resolutamente em 1944. A partir de agora, essas campanhas devem ser desencadeadas por toda a parte no primeiro mês de cada ano lunar. Durante as campanhas, o compromisso de «apoio ao governo e preocupação pelo povo» e «apoio ao exército e tratamento preferencial às famílias dos soldados que resistem ao Japão» deve ser lido e relido, havendo que fazer-se, repetidas vezes e em grande escala, uma autocrítica pública de todas as arbitrariedades cometidas pelas tropas, nas bases de apoio, com relação aos elementos do Partido, do governo e da população civil, o mesmo havendo que fazer relativamente às falhas e erros desses na assistência às tropas (cada parte criticando-se apenas a si própria e não à outra) de tal maneira que todas as falhas e erros podem ser completamente corrigidos.

Capítulo XV. «As três grandes democracias»

É necessário realizar certa democratização no exército; o essencial é abolir a prática feudal de bater e insultar, e conseguir que os oficiais e soldados compartilhem as mesmas penas e as alegrias na vida diária. Assim conseguir-se-á a unidade entre os oficiais e soldados, elevar-se-á extraordinariamente a capacidade de combate do exército e não haverá a menor dúvida quanto a possibilidade de sustentarmos uma guerra longa e cruel.

Além do papel desempenhado pelo Partido, a aplicação da democracia no Exército Vermelho constitui a razão por que esse exército se tem mantido tão firme como no passado, não obstante as duras condições materiais e a frequência dos combates. Os oficiais não batem nos soldados; os oficiais e os soldados recebem um mesmo tratamento; os soldados gozam de liberdade de reunião e expressão; o formalismo e as cerimônias inúteis estão abolidos, as contas são abertas à inspeção de todos (...). Na China, não é só o povo que necessita de democracia; o exército também tem necessidade de democracia. O sistema democrático de nosso exército constitui uma arma importante para destruir o exército mercenário feudal.

A orientação do trabalho político nas unidades de nosso exército consiste em mobilizar sem reservas os soldados, os comandantes e o restante do pessoal, a fim de conseguir, através de um movimento democrático sob direção centralizada, três objetivos principais: alto grau de unidade política, melhores condições de vida e maior elevação técnica e tática no plano militar. As «três verificações» e as «três retificações», que atualmente se realizam com entusiasmo nas unidades de nosso exército, destinam-se a atingir os dois primeiros objetivos através da prática da democracia no plano político e econômico. A democracia no plano econômico consiste em assegurar aos representantes eleitos pelos soldados o direito de se ocuparem do abastecimento de víveres e da messe, prestando assistência ao comando da companhia (e sem passar por cima das autoridades desse). No plano militar, a democracia consiste em aplicar, durante a instrução, o método de ensino mútuo entre oficiais e soldados e entre os próprios soldados, e, durante o combate, em fazer com que as companhias realizem reuniões, quer grandes quer pequenas, na própria frente. Sob a direção do comando da companhia, os soldados devem ser estimulados a discutir a maneira de atacar e conquistar as posições inimigas, e o modo de cumprir as demais tarefas de combate. Quando as operações se desenrolam ao longo de vários dias, há que realizar várias reuniões desse tipo. Essa forma de democracia militar foi praticada com grande sucesso durante a Batalha de Panlum no Norte do Xensi e durante a Batalha de Chequiatchuam na região do Xanxi-Tchahar-Hopei. Ficou provado que tal prática só acarreta benefícios e não é de modo algum prejudicial.

Na grande luta atual, o Partido Comunista da China exige que todos seus órgãos dirigentes, todos seus membros e quadros desenvolvam ao máximo a iniciativa própria, pois só assim se tornará possível a vitória. Concretamente, essa iniciativa há de manifestar-se em atividade criadora dos órgãos dirigentes, quadros e membros do Partido, em espírito de responsabilidade, em ardor no trabalho, audácia e capacidade de levantar problemas, expressar opiniões próprias, criticar falhas e em controle, exercido com toda a camaradagem, sobre os órgãos e quadros dirigentes. Doutro modo a palavra iniciativa não tem sentido. O desenvolvimento dessa iniciativa, porém, depende do grau de democracia existente na vida do Partido. Em caso nenhum a iniciativa poderia desenvolver-se sem uma suficiente

democracia na vida do Partido. A formação de grande número de homens capazes só é possível em ambiente democrático.

Ainda que se engane, qualquer pessoa, desde que não se trate de um elemento hostil nem se lance em pérfidos ataques, deve poder dar sua opinião. Os dirigentes, em todos os calões, têm o dever de escutar o que dizer os outros. Há dois princípios que importa aplicar: não calem o que sabes nem guarde para ti aquilo que tens a dizer; ninguém tem culpa pelo fato de ter falado, é ao que escuta que incube tirar proveito disso. Não é possível fazer respeitar o primeiro princípio se não se admite realmente, e não apenas na forma, o princípio de que «ninguém tem culpa pelo fato de ter falado».

Dentro do próprio Partido, importa realizar uma educação em matéria de democracia, de modo que cada militante possa entender o que é uma vida democrática, qual a relação entre democracia e o centralismo, bem como a maneira de pôr em prática o centralismo-democrático. Só assim poderemos realmente ampliar a democracia no interior do Partido e, ao mesmo tempo, evitar a ultrademocracia e o «deixa-andar» que destrói a disciplina.

Quer no exército quer nas organizações locais, a democracia interna do Partido deve ser para reforçar a disciplina, para elevar a capacidade de combate, e nunca para enfraquecê-la.

No campo da teoria, é necessário arrancar as raízes da ultrademocracia. Primeiro, há que assinalar que o perigo da ultrademocracia está em prejudicar e mesmo destruir completamente a organização do Partido, em enfraquecer e mesmo minar inteiramente a capacidade combativa do Partido, tornando-o incapaz de cumprir suas tarefas de luta e arrastando, por consequência, a derrota da revolução. Por último, há também que assinalar que a origem da ultrademocracia está na aversão individualista da pequena burguesia pela disciplina. Essa aversão, uma vez introduzida no Partido, traduz-se em ideias ultrademocráticas nos planos políticos e de organização, ideias absolutamente incompatíveis com as tarefas de luta do proletariado.

Capítulo XVI. A educação e a instrução militar

A nossa política, no domínio da educação, deve permitir que todos os que a recebam se desenvolvam moral, intelectual e fisicamente, e se convertam em trabalhadores cultos e de consciência socialista.

No que respeita à educação dos quadros em exercícios ou nas escolas de quadros, há que estabelecer uma política de tomar como centro o estudo dos problemas práticos da Revolução Chinesa e adotar como guia os princípios fundamentais do marxismo-leninismo, devendo, portanto, rejeitar-se o método de estudar o marxismo-leninismo de maneira estática e isolada.

Para uma academia militar, a questão mais importante é a escolha do diretor e dos instrutores, e a definição dos princípios de ensino.

Uma escola de uma centena de pessoas jamais poderá ser bem dirigida se não dispuser dum centro dirigente de vários indivíduos, mesmo uma dezena ou mais, formado de acordo com as circunstâncias reais (não para fazer número) e composto pelos mais ativos, integrados e capazes dentre os professores, empregados e alunos.

Todos os oficiais e soldados de nosso exército devem aperfeiçoar-se na arte militar, avançar com intrepidez nessa guerra em que nossa vitória é segura, e liquidar resoluta, integral e totalmente nossos inimigos.

É necessário atribuir uma importância igual aos aspectos militar e político do programa de um ano de consolidação e instrução que acaba de iniciar-se, e combinar esses dois aspectos. No começo, importa acentuar o aspecto político, a melhora das relações entre oficiais e soldados, o reforço da unidade interna e a promoção de um elevado entusiasmo entre os quadros e a massa dos combatentes. Só então poderá empreender, facilmente e com o melhor resultado, a consolidação e a instrução no plano militar.

Quanto aos métodos de instrução, devemos desenvolver o movimento de instrução de massas em que os oficiais instruem os soldados, os soldados instruem os oficiais e os soldados instruem-se uns aos outros.

A nossa palavra de ordem na instrução das tropas é que «os oficiais instruem os soldados, os soldados instruem os oficiais e os soldados instruem-se uns aos outros». Os soldados têm muita experiência prática de combate. Os oficiais devem aprender com os soldados, assimilar a experiência alheia, pois assim sua capacidade será maior.

Quanto ao programa de instrução, o objetivo principal continua a ser a elevação das técnicas de tiro, combate à baioneta, lançamento de granadas etc., e o objetivo secundário, a elevação do nível tático, devendo-se ainda dispensar uma atenção especial ao combate noturno.

Capítulo XVII. Servir ao povo

Nós devemos ser modestos e prudentes, prevenir-nos contra toda a presunção e precipitação, e servir de todo o coração ao povo chinês (...).

Servir de todo o coração ao povo, sem nos apartarmos um só instante das massas; em tudo, partir dos interesses do povo e não dos interesses de um indivíduo ou de um grupo pequeno; identificar nossa responsabilidade frente aos órgãos dirigentes do Partido – eis o nosso ponto de partida.

Os organismos do Estado praticam o centralismo-democrático, devem apoiar-se nas massas populares e seu pessoal deve servir ao povo.

O espírito de camaradagem, esquecimento total de si próprio e devoção pelos outros, manifestava-se num profundo sentido das responsabilidades em relação ao trabalho e num ilimitado afeto pelos camaradas e pelo povo. Todos os comunistas devem tomá-lo como exemplo

Todos devemos aprender dele o espírito perfeito de abnegação. Assim cada um poderá vir a ser de grande utilidade para o povo. Seja qual for a capacidade dum indivíduo, basta-lhe que possua esse espírito para ser um homem de nobres sentimentos, um homem íntegro, de alta moral, destituído de interesses vulgares, um homem útil ao povo.

O nosso Partido Comunista, o VIII Exército e o Novo IV Exército dirigidos pelo Partido Comunista são batalhões da revolução. Tais batalhões são totalmente devotados à libertação do povo e trabalham inteiramente no interesse desse.

Todos os quadros, seja qual for se posto, são servidores do povo. Tudo o que fazemos é um serviço do povo. Então, de que defeito não poderíamos desembaraçar-nos sem pena?

O nosso dever é sermos responsáveis perante o povo. Cada uma de nossas palavras, cada um dos atos e cada uma das nossas medidas políticas devem concordar com os interesses do povo, e se se cometem erros, esses devem ser corrigidos. É a isso que se chama ser responsável perante o povo.

Onde há luta há sacrifício e a morte é coisa frequente. Mas nós trazemos no peito os interesses do povo e os sofrimentos da grande maioria do povo, morrer por esse é dar, pois, à morte toda sua dignidade. Contudo, há que reduzir ao mínimo os sacrifícios desnecessários.

Todo o homem tem de morrer um dia, mas nem todas as mortes têm o mesmo significado. Sema Tsien, escritor da China Antiga, dizia: «Embora a morte colha a todos igualmente, a morte de uns tem mais peso que o monte Tai, enquanto que a de outros pesa menos que uma pena».

Morrer pelos interesses do povo tem mais peso que o monte Tai, mas empenhar-se ao serviço dos fascistas e morrer pelos exploradores e opressores do povo pesa menos que uma pena.

Capítulo XVIII. Patriotismo e internacionalismo

Os comunistas, sendo internacionalistas, podem ser ao mesmo tempo patriotas? Pensamos que não só podem, mas também devem. São as condições históricas que determinam o conteúdo concreto do patriotismo. Existe o «patriotismo» dos agressores japoneses e o de Hitler e há o nosso próprio patriotismo. No que refere ao «patriotismo» dos agressores japoneses e de Hitler, os comunistas devem opor-se resolutamente. Os comunistas japoneses e alemães são pela derrota de seus próprios países na guerra. É do interesse de seus povos contribuírem, por todos os meios, para a derrota dos agressores japoneses e Hitler, sendo que quanto mais completa for essa derrota, melhor (...). As guerras desencadeadas pelos agressores japoneses e agressores alemães são tão nefastas ao restante dos povos do mundo como aos povos do Japão e da Alemanha. Mas as coisas são distintas para a China, que é vítima da agressão. Por isso é que os comunistas chineses têm de unir o patriotismo ao internacionalismo. Nós somos ao mesmo tempo internacionalistas e patriotas, nossa palavra de ordem é combater o invasor para defender a Pátria. Em relação a nós, o derrotismo constitui um crime e a luta pela vitória na resistência Antijaponesa um dever a que não podemos fugir. Só o combate pela defesa da Pátria permite que vençamos os agressores e libertemos a nação, e só essa libertação tornará possível a emancipação do proletariado e do povo trabalhador. A vitória na China e a derrota do imperialismo que a agride constituirão exatamente uma ajuda para os povos dos demais países. Por consequência, o patriotismo constitui uma aplicação do internacionalismo na guerra de libertação nacional.

Que espírito leva um estrangeiro a tomar desinteressadamente a causa de libertação do povo chinês como sua própria causa? Do espírito do internacionalismo, do comunismo, o espírito que todo e qualquer comunista chinês deve assimilar. (...) Nós devemos unir-nos ao proletariado de todos os países capitalistas, ao proletariado do Japão, da Inglaterra, dos Estados Unidos, da Alemanha, da Itália e dos demais países capitalistas; só assim será possível abater o imperialismo, a libertar-se a nossa nação e nosso povo e libertarem-se as demais nações e povos do mundo. Tal é nosso internacionalismo, o internacionalismo que opomos ao nacionalismo e patriotismo estreitos.

Para chegar à libertação completa, os povos oprimidos devem apoiar-se, em primeiro lugar, em sua própria luta, e só depois na ajuda internacional. Os povos cujas revoluções já triunfaram devem ajudar os que ainda lutam pela libertação. Esse é o nosso dever internacionalista.

Os países socialistas são Estados de tipo completamente novo, onde as classes exploradoras já foram derrubadas e o povo trabalhador já tomou o poder. Nas relações entre esses países, o princípio que se aplica é o da integração do internacionalismo com o patriotismo. Nós estamos estreitamente ligados por interesses e ideias comuns.

Os povos dos países do campo socialista devem unir-se os povos dos países da Ásia, África e América Latina devem unir-se, os povos de todos os continentes devem unir-se, todos os países amantes da paz devem unir-se, todos os países vítimas da agressão, controle, intervenção e abusos por parte dos Estados Unidos da América devem unir-se, de maneira a formarem a mais ampla frente única contra

a política de agressão e guerra do imperialismo norte-americano e defenderem a paz mundial.

As coisas, os fenômenos, desenvolvem-se sem cessar. Não correram mais do que quarenta e cinco anos após a Revolução de 1911, e já o aspecto da China é totalmente diferente. Mais quarenta e cinco anos, isto é, no ano de 2001, que marcará a entrada do século XXI, e a China terá registrado modificações ainda maiores. A China tornar-se-á num poderoso país socialista industrializado. E é bem preciso que isso aconteça, já que, com uma superfície de 9,6 milhões de quilômetros quadrados e 600 milhões de habitantes, a China deve dar uma maior contribuição à humanidade. Durante longo período, nossa contribuição foi demasiado pequena, o que é de lamentar. Entretanto, nós devemos ser modestos, e isso não somente agora, mas também dentro de quarenta e cinco anos, para sempre, nas relações internacionais, nós, os chineses, devemos liquidar o chauvinismo de grande potência de maneira resoluta, radical, integral e total.

Nunca devemos tomar uma atitude arrogante de chauvinismo de grande potência, nem tornarmo-nos preguiçosos, inchados com nosso triunfo na revolução e com certos êxitos obtidos no domínio da edificação. Grande ou pequeno, cada país tem seus pontos fortes e pontos fracos.

Capítulo XIX. Heroísmo revolucionário

Dotado de um espírito indomável, este exército está decidido a esmagar seja que inimigo for; ele jamais se deixará subjugar. Sejam quais forem as circunstâncias, por mais difíceis que se apresentem, este exército bater-se-á sempre até o último homem.

Pôr completamente em jogo nosso estilo de combate: coragem, espírito de sacrifício, desprezo pela fadiga e tenacidade nos combates contínuos (combates sucessos travados num curto espaço de tempo e espaço)

Milhares e milhares de mártires deram heroicamente a vida pela defesa dos interesses do povo. Levantemos, pois, bem alto sua bandeira e avancemos pela via traçada por seu sangue.

Ser resoluto, não temer sacrifícios, vencer todas as dificuldades, tudo para a vitória.

No momento crítico do avanço da Expedição do Norte, porém, fins da primavera e começo do verão de 1927, a Frente única Nacional e toda sua política revolucionária – frente formada pelo Partido Comunista e diversos setores da população e que encarnava a causa da libertação do povo chinês – foram eliminadas pela política antipovo e traidora das autoridades kuomintanistas, política de «depuração do Partido» e de massacre (...). A partir daí, a união cedeu lugar à guerra civil, a democracia cedeu lugar à ditadura e a China radiosa foi substituída por uma China mergulhada na escuridão. Não obstante, nem o Partido Comunista da China nem o povo chinês se deixaram de modo algum amedrontar, subjugar ou exterminar. Eles reergueram-se, limparam o sangue, enterraram os companheiros caídos e prosseguiram no combate. Levantando bem alto a grande bandeira da revolução, lançaram-se na resistência armada e, em extensas regiões do país, instituíram órgãos do governo popular, procederam à reforma do sistema agrário, criaram um exército popular, o Exército Vermelho da China e conservaram e desenvolveram as forças revolucionárias do povo chinês.

Vocês têm muitas qualidades, vocês prestaram grandes serviços, mas guardem-se de toda a presunção. É justo que sejam respeitados por toda a gente, mas isso pode conduzir-vos facilmente à presunção. Se se tornarem orgulhosos, se vos faltar modéstia, se não fizerem mais esforços, se não respeitarem os outros nem respeitarem os quadros e as massas, deixarão de serem heróis, deixarão de ser modelo. Houve casos assim no passado, mas espero que não sigam tal exemplo.

Na luta para liquidar o inimigo, na luta para restaurar e desenvolver a produção industrial e agrícola, vocês venceram muitas dificuldades e suportaram muitas privações, dando mostrar de uma coragem, de uma sabedoria e de um entusiasmo admiráveis. Vocês constituem um modelo para toda a nação chinesa, a coluna que nos diferentes domínios faz avançar vitoriosamente a causa do povo, um apoio seguro do governo popular, e uma ponte que liga esse governo às grandes massas.

Nós, a nação chinesa, temos moral para combater o inimigo até a última gota de nosso sangue; estamos determinados a recuperar pelos nossos próprios esforços aquilo que perdemos, e somos capazes de ocupar nosso lugar entre as nações.

Capítulo XX. Edificar o país como diligência e economia

É preciso que a totalidade dos quadros e do povo tenha sempre presente no espírito que a China é um grande país socialista, mas ainda pobre e economicamente atrasado – eis aí uma grande contradição. Para que nosso país se torne próspero são necessárias várias dezenas de anos de esforços intensos e, entre tais esforços, é necessária a aplicação duma política de diligência e economia na edificação do país, uma política que implica uma rigorosa economia e uma luta contra o esbanjamento.

A diligência e a economia devem praticar-se tanto na gestão das fábricas, casas de comércio, empresas de Estado e cooperativas como em qualquer outro estabelecimento. O princípio de diligência e economia deve ser observado em todos os domínios. Esse princípio de rigorosa economia é um dos princípios fundamentais da economia socialista. A China é um grande país, mas ainda muito pobre, faltando-lhe várias dezenas de anos para que se torne um país próspero. E mesmo nessa altura o princípio de diligência e economia deverá continuar a ser aplicado. Todavia, é durante essas quantas dezena de anos mais próximos, e durante os primeiros planos quinquenais, que importa especialmente preconizar a diligência e a economia e, sobretudo, praticar uma economia rigorosa.

Seja onde for que nos encontremos, devemos fazer o melhor uso possível de nossos recursos humanos e materiais. Em nenhum caso devemos considerar apenas o momento presente e tolerar a má utilização e o esbanjamento. Seja onde for, logo a partir do primeiro ano de trabalho devemos estabelecer nossos cálculos em previsão dos muitos anos que hão de vir, da guerra que teremos de sustentar por muito tempo, e da contraofensiva que vai registrar-se, assim como do trabalho de edificação que se seguirá após a expulsão do inimigo. Por um lado, devemos evitar em absoluto a má utilização e o esbanjamento, mas, por outro lado, devemos esforçar-nos por desenvolver a produção. No passado, certas regiões pagaram muito caro o fato de não terem feito previsões em longo prazo nem terem prestado atenção à economia dos recursos humanos e materiais, bem como ao desenvolvimento da produção. Essa é uma lição que deve reter nossa atenção.

Durante nossa luta para liquidarmos o sistema feudal, e com o fim de restaurarmos e desenvolvermos rapidamente a produção agrícola e a produção industrial nas vilas, devemos fazer todos os esforços para preservar tanto quanto possível os meios de produção e os bens de consumo utilizáveis, tomando medidas enérgicas contra quem quer que os destrua ou esbanje, opondo-nos aos excessos de comida e bebida, e observando uma rigorosa economia.

No que se refere às nossas despesas orçamentais, devemos observar o princípio de economia. É necessário que todo o pessoal dos organismos governamentais compreenda que a corrupção e o esbanjamento constituem crimes extremamente graves. A luta contra esses males já deu resultados, mas não necessariamente ainda novos esforços. Economizar cada centavo para a guerra, para a causa da revolução e para a edificação de nossa economia, tal é o princípio que deve orientar nossa contabilidade.

Em muitos de nossos quadros está surgindo e desenvolvendo-se atualmente uma tendência perigosa que se manifesta na relutância em partilhar com as massas as alegrias e as penas, bem como na preocupação de ganhar fama e proveitosos do movimento para aumentar a produção e fazer economias. Nós devemos simplificar nossos órgãos e transferir quadros para os escalões inferiores, de maneira que um grande número de nossos quadros regresse à produção. Eis um dos métodos para vencer essa tendência perigosa.

O fato de o exército se abastecer através de sua atividade produtiva não somente melhora as condições de vida desse, aligeira a carga do povo e permite, portanto, um aumento dos efetivos, como ainda determina uma série doutros fatores imediatos, a saber:

1. Melhorias nas relações entre oficiais e soldados. Trabalhando lado a lado na produção, eles passam a entender-se como irmãos;
2. Maior amor pelo trabalho (...). Desde que o exército se lançou na produção para abastecer-se a si próprio, o amor pelo trabalho desenvolveu-se em suas fileiras e foram eliminados os maus hábitos característicos dos ociosos;
3. Fortalecimento da disciplina. A disciplina do trabalho na atividade de produção não enfraquece a disciplina dos soldados durante os combates e na vida cotidiana, pelo contrário, reforça-a;
4. Melhoria de relação entre o exército e o povo. Na medida em que as tropas se ocupam da produção de seus próprios bens, as violações contra os bens do povo diminuem ou até desaparecem completamente. Na produção, o povo e o exército trocam trabalho e ajudam-se mutuamente, o que reforça ainda mais a amizade entre eles;
5. As tropas têm menos queixas a apresentar com relação ao governo, o que melhora as relações entre eles; e
6. Estimula-se o grande movimento popular para a produção. Quando o próprio exército participar da produção, os organismos governamentais e outros veem mais claramente a necessidade de agir da mesma maneira, e consagraram-se a isso com maior energia. Como é evidente, com isso o povo passa a ver melhor a necessidade do movimento geral para desenvolver a produção, e lança-se também ao trabalho com maior energia.

Alguns dizem que se as tropas participam na produção já não podem combater nem treinar-se, e se os organismos tomam parte na produção já não podem realizar seu trabalho. Tais afirmações são incorretas. Durante os últimos anos, nossas tropas da região de fronteira entregaram-se à atividade de produção em grande escala, satisfizeram amplamente suas necessidades em alimentação e vestuário e, no entanto, consagraram-se paralelamente e com maior sucesso ainda no treino e ao estudo político, bem como à instrução em geral, reforçando mais a unidade interior do exército e a unidade entre esse e o povo. No decorrer do último ano, nas regiões da frente, conseguiram-se grandes êxitos no plano das operações militares e começou-se por toda a parte um movimento de instrução das tropas enquanto se realizava um movimento de produção em grande escala. Graças à sua atividade produtiva, o pessoal nos organismos vive em melhores condições e trabalha com maior dedicação e eficácia. Isso é assim tanto na região de fronteira como nas regiões da frente.

Capítulo XXI. Apoiar-se em suas próprias forças e lutar arduamente

Em que base deve assentar nossa política? Sobre nossa própria força. A isso se chama apoiar-se em suas próprias forças. Evidentemente, nós não estamos sós; todos os países e povos do mundo que lutam contra o imperialismo são nossos amigos. Contudo, nós insistimos na necessidade de apoiar-nos em nossas próprias forças. Apoiando-nos nas forças que nós próprios organizemos poderemos derrotar todos os reacionários chineses e estrangeiros.

Nós sustentamos que devemos apoiar-nos em nossas próprias forças. Nós esperamos obter uma ajuda exterior, mas não devemos depender dela. Nós contamos com nossos próprios esforços, com a força criadora de todo nosso exército e de todo nosso povo.

A conquista de vitória em todo o país não é mais do que o primeiro passo de uma grande marcha de mil lis (...). A revolução chinesa é uma grande revolução, mas após a vitória, a estrada a percorrer será ainda mais longa, a nossa tarefa será ainda mais grandiosa e mais árdua. Esse é um ponto que importa esclarecer desde agora no seio do Partido de maneira que os camaradas continuem modestos e prudentes, não sejam presunçosos nem precipitados no estilo de trabalho, e perseverem em seu estilo de vida simples e luta árdua.

Devemos eliminar completamente a ideia, existente entre nossos quadros, de que é possível conquistar vitórias fáceis graças a acasos felizes, sem luta dura, sem suor e sem sangue.

Nós devemos fazer constantemente uma propaganda no seio do povo sobre os progressos do mundo e seu futuro luminoso, de forma que ele ganhe confiança na vitória. Ao mesmo tempo, devemos dizer ao povo e aos camaradas que haverá curvas e contracurvas em nosso caminho. Ainda há muitos obstáculos e dificuldades no caminho da revolução. O VII Congresso de nosso Partido supôs que encontraríamos muitas dificuldades, pois preferimos pensá-las mais numerosas do que são. Certos camaradas preferem não pensar nisso seriamente. No entanto, elas são uma realidade. Há que reconhecer tantas dificuldades quantas existem e não adotar, a esse respeito, uma atitude de «não reconhecimento». É preciso reconhecê-las, analisá-las e vencê-las. No mundo não existem caminhos sem curvas. Devemos estar preparados a seguir um caminho sinuoso, e não tentar obter as coisas a baixo preço. Não devemos imaginar que, de sua livre iniciativa, um belo dia todos os reacionários cairão de joelhos a nossos pés. Numa palavra, as perspectivas são brilhantes, mas nosso caminho é sinuoso. Temos ainda diante de nós muitas dificuldades que não devem descurar. Unindo-nos num esforço comum com a totalidade do povo, poderemos seguramente vencer todas as dificuldades e alcançar a vitória.

Aquele que só vê o lado radioso das coisas e não as dificuldades não pode lutar com sucesso para o cumprimento das tarefas que se põem o Partido.

As riquezas da sociedade são criadas pelos operários, camponeses e intelectuais-trabalhadores. Se eles tomam em mãos seu próprio destino, se seguem uma linha marxista-leninista e se, em vez de fugirem aos problemas, adotam uma

atitude ativa para resolvê-los, não haverá no mundo dificuldades que não sejam capazes de resolver.

Os camaradas do Partido devem ter plenamente em conta todas as dificuldades e estar prontos a vencê-las com vontade indomável e de maneira planificada. As forças reacionárias têm suas dificuldades e as dificuldades das forças reacionárias são invencíveis, porque essas são forças moribundas, não têm qualquer futuro. Nossas dificuldades podem ser vencidas porque nós somos uma força nascente, e temos um brilhante futuro.

Que nos momentos difíceis os camaradas não percam de vista nossos sucessos, olhem para nosso futuro luminoso e redobrem a coragem.

É através de dificuldade e vicissitudes que cresce tudo quanto é novo. Na causa do socialismo, tentar ir sempre de vento em popa, tentar obter facilmente os sucessos sem passar por dificuldades nem vicissitudes e sem fazer o máximo esforço, constitui pura ilusão.

Em certos momentos da luta revolucionária, as dificuldades superam as condições favoráveis, nesse caso as dificuldades constituem o aspecto principal da contradição e as condições favoráveis, o aspecto secundário. Contudo, os revolucionários podem, mediante seus próprios esforços, vencer progressivamente as dificuldades e criar uma nova situação, que seja favorável.

O que é trabalhar? Trabalhar é lutar. Ali, existem dificuldades e problemas que devemos resolver. É para vencer essas dificuldades que nós iremos para lá trabalhar e lutar. Um bom camarada é aquele que tanto mais insiste em ir para um lugar quanto maiores são as dificuldades que nesse lugar existem.

Na China Antiga contava-se uma fábula intitulada «Como Yukong removeu as montanhas». Nessa fábula dizia-se que, em tempos que já lá vão, viveu na China setentrional um velho chamando Yukong das Montanhas do Norte. Frente à sua casa, havia, no lado sul, duas grandes montanhas, Taiham e Van-vu, que lhe impediam a passagem. Junto a seus filhos, Yuong decidiu-se arrastar tais montanhas a golpes de picareta. Vendo-os nesse trabalho, um outro velho, Tchi-sou, desatou a rir e disse-lhes:

- «Que tolice! Sozinhos vocês nunca conseguirão arrasar essas duas montanhas!»

Respondeu o velho:

- «Quando eu morrer, ficarão meus filhos; quando por sua vez eles morrerem ficarão meus netos e assim se sucederão, infinitamente, as gerações. Quanto a essas duas montanhas, são muito altas, mas já não podem crescer e, a cada golpe de picareta, tornam-se cada vez menores. Por que razão, pois, não acabaremos por arrasá-las?»

Refutados os pontos de vista errados de Tchi-sou, Yukong continuou, inabalável, a escavar dia após dia, o que comoveu os Céus que enviaram, então, dois anjos à Terra, para que carregassem às costas as duas montanhas. Hoje, há também duas grandes montanhas que pesam sobre o povo chinês: uma é o imperialismo e a outra, o feudalismo. Desde há muito que o Partido Comunista da China se decidiu a arrasá-las. Precisamos ser perseverantes e trabalhar sem descansos, pois também podemos chegar a comover os Céus. Para nós, os Céus não são senão as massas do povo chinês. Se elas se levantam em peso para

escavar conosco, por que razão não haveríamos de acabar com essas duas montanhas?

Capítulo XXII. Métodos de pensamento e de trabalho

A história da humanidade é a história do contínuo desenvolvimento do reino da necessidade para o reino da liberdade. Esse processo não tem fim. Numa sociedade, enquanto existirem classes, a luta de classes não poderá ter fim. Na sociedade sem classes, a luta entre o novo e o velho, entre o verdadeiro e o falso, também não poderá ter fim. Nos domínios da luta pela produção e da experimentação científica, a humanidade nunca deixará de progredir e a natureza nunca deixará de se desenvolver; jamais elas se deterão num nível determinado. Por isso, o homem deve fazer constantemente o balanço de sua experiência, descobrir, inventar, criar e progredir. Todos os pontos de vista inspirados pelo imobilismo, pessimismo, sentimento de impotência, orgulho e presunção são errados. Isso é assim porque eles não correspondem aos fatos históricos do desenvolvimento da sociedade humana ao longo de cerca de um milhão de anos nem aos fatos históricos da natureza conhecida por nós até a data (por exemplo, a natureza refletida pela história dos corpos celestes na Terra, da vida e das diversas ciências da natureza).

Os homens servem-se das ciências da natureza como de uma arma em sua luta pela liberdade. Com vista a conquistar sua liberdade no plano social, servem-se das ciências sociais para compreender a sociedade, transformá-la e realizar a revolução social. A fim de conquistarem sua liberdade na natureza, servem-se das ciências da natureza para compreendê-la, dominá-la e transformá-las, obtendo, assim, da própria natureza, sua liberdade.

O materialismo dialético da filosofia marxista tem duas particularidades mais evidentes. Uma é seu caráter de classe: afirma abertamente que o materialismo dialético serve o proletariado; a outra é seu caráter prático: sublinha o fato de a teoria depender da prática, de a teoria basear-se na prática e, por sua vez, servir a prática.

A filosofia marxista sustenta que a questão mais importante não é compreender as leis do mundo objetivo e poder, por isso, explicá-lo, mas, sim, utilizar o conhecimento dessas leis para transformar ativamente o mundo.

De onde vêm as ideias corretas? Acaso caem do céu? Não. São, então, inatas dos cérebros? Também não. Elas só podem vir da prática social, dos três tipos de prática: a luta pela produção, a luta de classes e a experimentação científica.

A existência é sócia do povo e determina seus pensamentos. Uma vez dominados pelas massas, as ideias corretas, características da classe avançada, se converterá em uma forma material para transformar a sociedade e o mundo.

Empenhados em diversas lutas no decorrer de sua prática social, os homens adquirem uma rica experiência, extraída tanto de seus êxitos como de seus fracassos. Os incontáveis fenômenos do mundo exterior refletem-se no cérebro humano através dos cinco órgãos dos sentidos – visão, audição, olfato, paladar e tato; assim se constitui, no início, o conhecimento sensível. Quando esses dados sensíveis se acumulam suficientemente, produz-se um salto pelo qual se transformam em conhecimento racional, quer dizer, em ideias. Eis aí um processo

do conhecimento. Trata-se da primeira etapa do processo global do conhecimento, a etapa que vai da matéria objetiva ao espírito subjetivo, da existência às ideias. Nessa etapa, ainda não fica provado se o espírito ou o pensamento (incluídas as teorias, a política, os planos e as medidas) refletem corretamente as leis do mundo exterior objetivo; ainda não é possível determinar se são corretos ou não. Em seguida vem a etapa do processo do conhecimento, a etapa que vai do espírito à matéria, do pensamento à existência, e onde se aplica na prática social o conhecimento adquirido durante a primeira etapa, para ver se essas teorias, políticas, planos, medidas etc., produzem ou não os resultados esperados. Em geral, aquilo que obtém bom resultado é correto, e o que fracassa é incorreto, principalmente se se trata da luta dos homens contra a natureza. Na luta social, as forças que representam a classe avançada registram por vezes fracassos, não porque são incorretas, mas porque, na correlação das forças em luta, são temporariamente menos poderosas do que as forças da reação. Assim, fracassam temporariamente, mas tarde ou cedo, acabam por triunfar. Através da prova da prática, o conhecimento humano dá um novo salto que é de uma significação ainda maior que o anterior. Com efeito, só esse salto permite provar se o primeiro é ou não acertado, quer dizer, só ele permite assegurar se as ideias, teorias, políticas, planos, medidas etc., elaboradas ao longo do processo de reflexão do mundo exterior objetivo, são corretas ou incorretas. Não há outro meio de fazer a prova da verdade.

Frequentemente, para se chegar a um conhecimento correto depois de muitas reiterações do processo que conduz da matéria à consciência e da consciência à matéria, quer dizer, da prática ao conhecimento e do conhecimento à prática. Tal é a teoria marxista do conhecimento, é a teoria materialista-dialética do conhecimento.

Todo aquele que quiser conhecer um fenômeno não poderá consegui-lo sem pôr-se em contato com esse fenômeno, isto é, sem viver (entregar-se à prática em seu próprio seio) (...). Se se deseja adquirir conhecimentos, há que tomar parte na prática que transforma a realidade. Se se quer conhecer o gosto duma pera há que transformá-la, prová-la (...). Se se quer conhecer a teoria e os métodos da revolução, há que participar na revolução. Todos os conhecimentos autênticos resultam da experiência direta.

O conhecimento começa pela prática; e uma vez adquirido o conhecimento teórico através da prática, há que levá-lo de novo à prática. A função ativa do conhecimento não se experimente somente no salto ativo do conhecimento sensível ao conhecimento racional, mas, também, e o que é mais importante, no salto do conhecimento racional à prática revolucionária.

Todos sabem que se faz alguma coisa, é impossível conhecer as leis que a regem, saber como realizá-la e levá-la a bom fim, se não se lhe compreendem as condições, o caráter e os laços com as outras coisas.

Se se pretende obter êxito no trabalho, isto é, atingir os resultados previstos, é necessário proceder de maneira que as ideias correspondam às leis do mundo exterior objetivo; sem essa correspondência, fracassa-se na prática. Depois de se ter fracassado, há que tirar daí a respectiva lição e modificação as ideias de maneira a fazê-las concordar com as leis do mundo objetivo, podendo-se desse modo chegar a converter o fracasso num triunfo. É o que se quer dizer com: «A derrota é a mãe da vitória» e «Cada revés torna-nos mais experimentados».

Nós somos marxistas e o marxismo ensina-nos que, para abordar um problema, é necessário não partir de definições abstratas, mas, sim, de fatos objetivos, e determinar nossa orientação, nossa política e nossos métodos na base da análise de tais fatos.

O método fundamental de trabalho que deve enraizar-se no espírito de todo o comunista, consiste em determinar a orientação do trabalho segundo as condições reais. O exame de nossos erros mostra que esses são todos devidos ao fato de nos termos afastados das condições reais existentes em dado momento e em dado lugar, e de termos determinado de maneira subjetiva a orientação a seguir no trabalho.

Nada é mais cômodo no mundo que a atitude idealista e metafísica, na medida em que permite que se afirme seja o que for, sem se ter em conta a realidade objetiva e sem se submeter ao controle dessa. Ao contrário, o materialismo e a dialética exigem esforços, seu fundamento é a realidade objetiva e submetem-se ao controle dessa. Se não se fazem esforços, corre-se o risco de cair no idealismo e na metafísica.

Quando analisamos uma coisa, devemos atender à sua essência, considerando a aparência apenas como o guia que nos leva até a porta. Uma vez transposta essa porta, há que aprender a essência da coisa. Eis o único método de análise seguro e científico.

A causa fundamental do desenvolvimento dos fenômenos não é externa, mas interna; ela reside no contraditório do interior dos próprios fenômenos. No interior de todo o fenômeno há contradições, daí seu movimento e desenvolvimento. O contraditório no seio de cada fenômeno é a causa fundamental do respectivo desenvolvimento, enquanto que a ligação mútua e a ação recíproca entre os fenômenos não constituem mais do que causar secundárias.

A dialética materialista considera que as causas externas constituem a condição das modificações, que as causas internas são a base dessas modificações e que as causas externas operam por intermédio das causas internas. O ovo que recebe uma quantidade adequada de calor transforma-se em pinto, enquanto que o calor não pode transformar uma pedra em pinto, já que as respectivas bases são diferentes.

A filosofia marxista considera que a lei da unidade dos contrários é a lei fundamental do universo. Essa lei vale universalmente, quer na natureza quer na sociedade humana quer no pensamento do homem. Entre os aspectos opostos de uma contradição, há ao mesmo tempo unidade e luta, sendo isso que faz com que as coisas e os fenômenos se movam e mudem. As contradições existem em tudo, mas têm um caráter diferente conforme a natureza de cada coisa ou fenômeno. Para cada coisa ou fenômeno concreto a unidade dos contrários é condicional, temporária, transitória e, portanto, relativa, enquanto que a luta dos contrários é absoluta.

O método analítico é método dialético. Por análise entende-se a análise das contradições nas coisas e fenômenos. Sem conhecer bem a realidade da vida, sem

compreender verdadeiramente as contradições nas coisas e fenômenos. Sem conhecer bem a realidade da vida, sem compreender verdadeiramente as contradições em causa, é impossível fazer uma análise acertada.

A análise concreta duma situação concreta é «o mais essencial, a alma viva do marxismo». Muitos de nossos camaradas, que não possuem um espírito analítico, não procuram analisar nem estudar de maneira repetida e aprofundada as coisas ou fenômenos complexos, preferindo chegar a conclusões simplistas, absolutamente afirmativas ou absolutamente negativas (...). Daqui por diante é preciso remediar esse estado de coisas.

A maneira como esses camaradas encaram os problemas é incorreta. Eles não veem os aspectos essenciais, principais, e destacam os não-essenciais, não principais. Importa assinalar que esses não devem ser descurados, havendo mesmo que resolvê-los um por um. Contudo, não devemos confundi-los com o que é essencial, principal, sob pena de perdermos nossa orientação.

No mundo, as coisas são complexas e determinadas por diversos fatores. Um problema deve ser visto em seus diferentes aspectos e não num só aspecto.

Só as pessoas que têm uma visão subjetivista, unilateral e superficial dos problemas se lançam presunçosamente a dar ordens e instruções assim que chegam a um novo lugar, sem se informarem, primeiro, sobre as circunstâncias, sem procurarem ver as coisas em seu conjunto (sua história e seu estado atual considerado como um todo) nem lhes apreender a essência (sua natureza e sua ligação interna com as outras coisas). É inevitável que tal gente tropece e caia.

No estudo de uma questão é preciso guardar-se de ser subjetivo, de fazer exames unilaterais, de ser superficial. Ser subjetivo é não saber encarar uma questão objetivamente, quer dizer, de um ponto de vista materialista. Eu já falei disso de «Sobre a prática». O exame unilateral consiste em não saber encarar as questões sob todos seus aspectos (...) ou pode ainda dizer-se que é ver a parte e não o todo, ver a árvore e não a floresta. Se se procede assim, é impossível encontrar o método para resolver as contradições, cumprir as tarefas da revolução, levar a bom termo o trabalho que se faz e desenvolver corretamente a luta ideológica no seio do Partido.

Quanto, Suen Tse, ao tratar da arte militar, dizia:

«Conhece teu adversário e conhece-te a ti próprio que poderás, sem riscos, travar um cento de batalhas», ele referia-se às duas partes beligerantes.

Na dinastia Tam, Vei Tchem também via o erro dum exame unilateral quando dizia:

«Quem escutar as duas partes ficará com o espírito esclarecido, quem não escutar mais do que uma permanecerá nas trevas». Não obstante, nossos camaradas veem frequentemente os problemas duma maneira unilateral, razão por que lhes acontece darem muitas vezes com a cabeça na parede.

Lênin dizia:

«Para conhecer realmente um objeto é necessário abarcar e estudar todos seus aspectos, todas suas ligações e “mediações”. Nós nunca o conseguiremos de maneira integral, mas a necessidade é considerar todos os aspectos evita-nos erros e rigidez». Devemos lembrar-nos de suas palavras. Ser superficial é não ter em

conta as características da contradição em seu conjunto nem as características de cada um de seus aspectos, negar a necessidade de ir ao fundo dos fenômenos e estudar minuciosamente as características das respectivas contradições, contentar-se com ver de longe e, após uma observação aproximativa de alguns traços superficiais dessas contradições, tentar imediatamente resolvê-las (responder a uma pergunta, decidir sobre um deferimento, solucionar um problema, dirigir uma operação militar). Essa maneira de agir leva sempre a consequências funestas (...). Encarar os fenômenos de modo unilateral e superficial é ainda subjetivismo, pois, em seu ser objetivo, os fenômenos estão de fato ligados uns aos outros e possuem leis internas; no entanto, há pessoas que, em vez de refletirem os fenômenos tal como são, consideram-nos de modo unilateral ou superficial, desconhecendo-lhes a ligação mútua e as leis internas. Tal método é, pois, subjetivo.

A unilateralidade significa pensar em termos absolutos, quer dizer, é encarar os problemas de maneira metafísica. Quando se trata de apreciar nosso trabalho, aprová-lo inteiramente ou negá-lo em bloco é agir de modo unilateral (...). Aprovar tudo é ver apenas os louvores e não as críticas. Pretender que tudo vai bem a nosso em trabalho não corresponde à realidade. Com efeito, nem tudo marcha como se deseja, ainda há defeitos e erros. Mas dizer que tudo anda mal também não corresponde aos fatos. Torna-se, portanto, necessária uma análise. Negar tudo que é considerar, sem qualquer análise, que tudo está mal feito, que nada merece ser louvado numa obra tão grandiosa como a edificação socialista, nessa grande luta travada por várias centenas de milhões de homens, é considerar que nela tudo não é mais do que falho. Embora os numerosos defensores desses pontos de vista ainda possam distinguir-se dos elementos hostis no regime socialista, sua visão é profundamente errada e prejudicial, só podendo desencorajar-nos. Para julgar nosso trabalho, a aprovação total é tão falsa como a negação total.

Ao examinarem uma questão, os marxistas devem atender não só às partes, mas também ao todo. Uma rã no fundo dum poço dizia que «o céu era tão grande como a boca do poço». Isso não era exato, pois o céu não tem o tamanho da boca dum poço. Mas se ela tivesse dito que «uma parte do céu era tão ampla como a boca do poço», teria dito uma verdade, já que isso corresponde à realidade.

Nós devemos aprender a examinar as questões sob todos os aspectos, tanto em seu aspecto positivo como no negativo. Em condições determinadas, uma coisa má pode produzir bons resultados e, por sua vez, uma coisa boa pode produzir maus resultados.

Ao mesmo tempo em que reconhecemos que no decurso do desenvolvimento geral da história o material determina o espiritual, o ser social determina a consciência social, nós reconhecemos e devemos reconhecer a ação que, em contrapartida, o espiritual exerce sobre o material, a consciência sobre o ser, a superestrutura sobre a base econômica. Isso não é contrariar o materialismo, pelo contrário, é evitar cair no materialismo mecanicista, e perseverar firmemente no materialismo dialético.

Em sua busca da vitória, aqueles que dirigem uma guerra não podem ultrapassar os limites impostos pelas condições objetivas; contudo, dentro desses limites, eles podem e devem desempenhar um papel dinâmico, esforçando-se por

alcançar a vitória. A cena onde se desenrola a ação dos comandantes numa guerra deve ser constituída com base nas possibilidades objetivas, mas nessa cena podem dirigir a representação de muito drama cheio de som e cor, de poder e de grandeza.

As ideias devem adaptar-se à modificação das circunstâncias. Claro que ninguém deve dar livre curso a ideias sem fundamento nem elaborar planos de ação que vão para além das condições objetivas, ou tentar empreender teimosamente aquilo que na realidade é impossível. O problema que se põe hoje, porém, é ainda o da ação nefasta das ideias conservadoras de direita que, em muitos domínios, impede a adaptação do trabalho ao desenvolvimento das condições objetivas. Atualmente, o problema está em que muita gente julga impossível cumprir o que poderia ser cumprido com esforço.

Devemos usar sempre o cérebro e refletir bem sobre todas as coisas. Há um ditado que diz que «basta um franzir de sobrolho para que um estratagema venha à mente» ou, por outras palavras, muita reflexão engendra sabedoria. Para nos desembaraçarmos do vício de agir às cegas, tão generalizado em nosso Partido, devemos encorajar os camaradas a refletir, a dominar o método de análise e cultivar o hábito de analisar.

Se um processo comporta várias contradições, existe necessariamente uma delas, que é a principal e desempenha o papel diretor, determinante, que as outras ocupam uma posição secundária, subordinada. Por consequência, no estudo dum processo complexo, em que há duas ou mais contradições, devemos fazer o máximo por determinar a contradição principal. Uma vez dominada a contradição principal, todos os problemas se resolvem facilmente.

Dos dois aspectos contrários, um é necessariamente principal e o outro, secundário. O principal é aquele que desempenha o papel dominante na contradição. O caráter dos fenômenos é determinado por esse aspecto principal da contradição, o qual ocupa a posição dominante.

Essa situação, porém, não é estática. O aspecto principal e o aspecto secundário da contradição convertem-se um no outro, mudando consequentemente o caráter dos fenômenos.

Não basta formular tarefas, também é necessário resolver o problema dos métodos que permitem cumpri-las. Suponhamos que nossa tarefa seja a de atravessar um rio; sem ponte nem barca jamais conseguiremos fazê-lo. Então se a questão da ponte ou da barca não está resolvida, falar em atravessar o rio é palavreado vazio. Enquanto a questão dos métodos não está resolvida, é inútil falar sobre as tarefas.

Em relação a qualquer tarefa, sem um apelo geral é impossível mobilizar as grandes massas para a ação. Contudo, se os dirigentes se limitam a esse apelo, se em certas organizações não se ocupam, concreta e diretamente, da educação minuciosa do trabalho para que fizeram o apelo – de maneira que, tendo aberto uma brecha num ponto dado, possam, graças à experiência adquirida, orientar o trabalho nos outros setores que dirigem – não terão a possibilidade de verificar se o apelo é ou não justo nem poderão lhe enriquecer o conteúdo. Assim, o apelo geral corre o risco de não produzir qualquer efeito.

Nenhum dirigente poderá dar orientação geral às unidades que lhe estejam confiadas se não adquirir experiência prática do trabalho no contato com determinados indivíduos e problemas em algumas dessas unidades. Há que popularizar amplamente esse método, a fim de que, em todos os escalões, os quadros dirigentes saibam aplicá-lo.

Não podem existir, ao mesmo tempo, várias tarefas centrais numa só região; em cada período, só pode haver uma tarefa central, à qual se juntam outras tarefas de segunda ou de terceira ordem. Por consequência, tendo em conta a história e as circunstâncias da luta em cada região, o responsável geral dessa região deve atribuir a cada tarefa o lugar que lhe convém, e não agir sem plano, passando duma tarefa à outra tarefa, à medida que as diretivas lhe vão chegando da direção superior, pois isso daria lugar a outras tantas «tarefas centrais», conduzindo à confusão e à desordem. Por seu lado, os órgãos superiores não devem atribuir, ao mesmo tempo, muitas tarefas aos organismos que lhes são subordinados, sem as classificarem segundo uma ordem de importância e urgência, e sem uma especificação de qual delas é a central, pois isso desorganiza o trabalho de tais organismos e impede que obtenham os resultados previstos. Conforme as condições históricas e as circunstâncias existentes em cada região, os dirigentes devem considerar a situação em seu conjunto, determinar de maneira correta o centro de gravidade e a ordem de execução do trabalho para um período determinado, e aplicar firmemente essa decisão, atuando de maneira que sejam garantidos os resultados previstos. Eis um dos métodos da arte de dirigir.

Há que estar constantemente ao corrente da marcha dos trabalhos, trocar experiências e corrigir os erros. Não se devem esperar vários meses, meio ano ou um ano, para realizar reuniões de balanço geral dos erros e proceder a uma retificação geral. A espera arrasta graves prejuízos, ao passo que, se os erros são corrigidos à medida que vão surgindo, os prejuízos são menores.

Não se deve esperar que os problemas se acumulem e deem lugar a múltiplas complicações, para só então tentar resolvê-los. Os dirigentes devem tomar o comando do movimento e não deixar-se levar a reboque.

O que precisamos é de um estado de espírito entusiasta, porém calmo e de uma atividade intensa, porém bem ordenada.

Capítulo XXIII. Investigações e estudo

Todos os que têm que realizar trabalhos práticos devem proceder a investigações nas bases. Tais investigações tornam-se especialmente necessárias para aqueles que possuem um saber teórico, mas não conhecem a situação real; a não ser assim, eles serão incapazes de ligar a teoria com a prática. «Sem investigação, não há direito à palavra» é uma afirmação que foi ridicularizada, qualificada de «empirismo estreito», ainda hoje eu não lamento de havê-lo feito, muito pelo contrário, continuo a insistir que, a menos que se tenha investigado, não deve pretender-se o direito à palavra. Há muita gente que «ainda mal acabou de apear-se da carroça», vociferam, esperneiam, multiplicam opiniões, criticando isto e condenando aquilo. A realidade é que, em cada dez indivíduos, dez sofrem uma derrota. E isso acontece porque tanto seus discursos como suas críticas não são fundados em investigações minuciosas, não representam mais do que tagarelice. São incontáveis os prejuízos causados, ao nosso Partido, por esses «enviados imperiais». Por quase todo o lado encontramos tais «enviados imperiais»; eles estão quase em toda a parte. Com toda a razão Stalin afirmava que «a teoria deixa de ter sentido se não está ligada à prática revolucionária». Com razão ele ainda acrescentava que «a prática fica cega se a teoria revolucionária não ilumina seu caminho». A não ser esses práticos cegos, destituídos de perspectivas e de capacidade para prever, ninguém mais pode ser acusado de «empirismo estreito».

Tal atitude consiste em buscar a verdade nos fatos. Por «fatos» entendemos os fenômenos tal qual existem objetivamente; por «verdade» entendemos os laços internos desses fenômenos objetivos, quer dizer, as leis que os regem; por «buscar» entendemos estudar. Nós devemos partir da situação real no interior e exterior do país, província, distrito ou subdistrito, e extrair dela, como guia para nossa ação, as leis que são próprias a essa situação, e não são leis criadas por nossa imaginação, quer dizer, devemos descobrir os laços internos dos acontecimentos que se desenrolam a nossa volta. Para isso, devemos basear-nos nos fatos tal qual existem, objetivamente, e não em nossa imaginação subjetiva, no entusiasmo dum momento ou nos conhecimentos livrescos: há que recolher minuciosamente os materiais e, guiados pelos princípios gerais do marxismo-leninismo, extrair conclusões justas desses materiais.

Muitos camaradas de nosso Partido têm ainda um estilo de trabalho mau em extremo, estilo diametralmente oposto ao espírito básico do marxismo-leninismo, comportam-se como um homem que «tenta apanhar um pardal de olhos fechados» ou como um «cego que tenta agarrar um peixe», não trabalham cuidadosamente, entregam-se a um palavreado pretensioso e contentam-se com conhecimentos fragmentários e mal assimilados. Marx, Engels, Lênin e Stalin ensinam-nos que é preciso estudar conscienciosamente as situações, a partir da realidade objetiva e não os desejos subjetivos; no entanto, muitos de nossos camaradas atuam violando diretamente essa verdade.

Não podem resolver um problema? Pois bem, ide informar-vos sobre seu estado atual e sobre sua história! Assim que essa investigação tiver possibilitado a elucidação de tudo, vocês saberão como resolvê-lo. As conclusões extraem-se no fim da investigação e não em seu começo. Apenas os tolos lançam sós ou em grupo na tortura mental de «encontrar uma solução», «descobrir uma ideia», sem preceder

a investigações. Agir assim, nota-se bem, não poderá de maneira alguma levar a soluções eficazes nem a ideias proveitosas.

A investigação é comparável aos longos meses de gestação, enquanto que a solução do problema compara-se ao dia do nascimento. Investigar sobre um problema é resolvê-lo.

Aplicando a teoria e o método marxista-leninista, nós devemos proceder a investigações e a estudos sistemáticos e minuciosos a respeito da realidade que nos rodeia. Em nosso trabalho não devemos fiar-nos apenas no entusiasmo, mas, sim, como dizia Stalin, agir combinando o entusiasmo revolucionário com o senso prático.

O único modo de conhecer uma situação é investigar a respeito da sociedade, a respeito da realidade viva das diferentes classes sociais. Os que têm o encargo do trabalho de direção devem, segundo um plano definido, dedicar-se a certas cidades e aldeias, a fim de realizarem múltiplas investigações minuciosas, aplicando o ponto de vista fundamental do marxismo, quer dizer, a análise de classes, eis o método fundamental para conhecer uma situação.

Uma reunião de investigação não precisa ser de muito numerosa: bastam três a cinco pessoas, digamos sete ou oito. Para cada reunião importa tomar todo o tempo que seja necessário, importa ter um esquema de investigação, fazer pessoalmente as perguntas, anotar as respostas e discutir com os demais participantes. Assim, a investigação só será impossível ou não dará bons resultados se não tiver um entusiasmo ardente, uma determinação de dirigir-se para a base, uma sede de conhecer, se não tiver a coragem para abater o próprio orgulho de maneira a ser-se um aluno modesto.

A correta disposição das tropas decorre da correta decisão do comando, a qual é um resultado da justa apreciação da situação, apreciação fundada num reconhecimento minucioso e indispensável, cujas informações passaram pelo crivo de uma reflexão sistemática. O comando utiliza todos os meios de reconhecimento possíveis e necessários; pesa as informações recolhidas sobre o inimigo, rejeita a casca e conserva o grão, afasta o que é falso e guarda o verdadeiro, vai de uma coisa à outra, do externo ao interno; depois, tendo em conta suas próprias contradições, procede a um estudo comparativo da situação das duas partes e de suas relações mútuas. É assim que forma seu prejuízo, toma sua decisão e estabelece seu plano. Tal é o processo completo de conhecimento de uma situação pelo que deve passar um chefe militar antes de elaborar seus planos estratégicos, seus planos de campanha ou combate.

Capítulo XXIV. A eliminação das concepções errôneas

Mesmo quando nosso trabalho é coroado de grandes êxitos, não há qualquer razão para que nos vangloriemos e tornemos arrogantes. A modéstia contribui para o progresso, enquanto que a presunção conduz ao atraso. Devemos ter sempre presente essa verdade.

Com a vitória, podem surgir no Partido certos estados de ânimo, como a arrogância, a pretensão de ser homem de mérito, a inércia e a falta de vontade de progredir, a busca dos prazeres e o não querer continuar a levar uma vida difícil. Com a vitória o povo há de ficar-nos agradecido e a burguesia virá adular-nos. Nosso inimigo não pode vencer-nos pela força das armas, é um fato já comprovado. Todavia, a adulação por parte da burguesia pode conquistar os fracos de vontade interior de nossas fileiras. Pode acontecer que existam comunistas, a quem o inimigo armado não foi capaz de vencer, que se comportaram diante dele como heróis dignos desse título, mas que, incapazes de resistir às balas polvilhadas de açúcar, venham a cair derrotados por essas. Nós devemos estar prevenidos contra isso.

Muitas coisas podem converter-se em fardo, em cargas, se nos aferramos a elas cega e inconscientemente. Vejamos alguns exemplos: uma pessoa que tenha cometido erros pode começar a sentir que esses hão de pesar-lhe eternamente, e ficar, por consequência, desencorajada; uma pessoa que não tenha cometido erros pode começar a sentir-se infalível, tornando-se, então, num vaidoso. A falta de sucesso no trabalho pode conduzir ao pessimismo e ao abatimento, enquanto que o êxito pode provocar a vaidade e a arrogância. Um camarada que tenha uma curta experiência de luta pode, por esse fato, começar a furtar-se às responsabilidades, ao asso que um veterano pode começar a julgar-se infalível em virtude de seu longo passado de luta. Um camarada operário ou camponês, orgulhoso pela sua origem de classe, pode começar a olhar de cima para um intelectual, enquanto que esse, em virtude dos quantos conhecimentos que possui, pode começar a manifestar desdém pelo camarada operário ou camponês. Toda a qualificação profissional pode começar a ser considerada como um capital pessoal, o que conduz à arrogância, à vaidade e ao desprezo pelos outros. A própria idade que se tem pode passar a constituir motivo de orgulho: os jovens que se julgam inteligentes e capazes podem começar a desprezar os velhos, e esse, julgando-se cheios de experiência, podem começar a desprezar os jovens. Tudo isso pode passar a constituir uma carga, um fardo, se não se possui um espírito crítico.

Certos camaradas que trabalham no exército tornaram-se arrogantes e comportam-se de maneira arbitrária com relação aos soldados, ao povo, ao governo e ao Partido. Censuram os camaradas que trabalham no plano local e julgam-se acima de qualquer reparo. Não veem senão os seus êxitos, são cegos quanto a seus defeitos. Gostam de ouvir elogios, mas não crítica (...). O exército deve esforçar-se seriamente por vencer esses defeitos.

Um trabalho duro é como uma carga colocada diante de nós, desafiando-nos a transportá-la. Algumas cargas são leves, mas outras, pesadas. Há pessoas que preferem as cargas leves e deixam as pesadas para os outros. Essa não é uma boa atitude. Outros camaradas, porém, comportam-se de maneira diferente: deixam a comodidade para os outros e tomam para si próprios as cargas pesadas, são os

primeiros a suportar as privações e são os últimos a gozar do bem-estar. Esses são bons camaradas. Devemos tomar seu espírito comunista como exemplo.

Não são poucas as pessoas a quem falta o sentido da responsabilidade em relação ao trabalho; preferindo as cargas leves às pesadas, escolhem as leves e deixam as pesadas para os outros. Seja para o que for, tais pessoas pensam primeiro em si próprias e só depois nos outros. Assim que fazem um pequeno esforço, incham-se de vaidade e gabam-se, com medo de que os outros não reparem nisso. Não têm o menor carinho pelos camaradas e pelo povo, tratando-os até com frieza, com indiferença e insensibilidade. No fundo, não são comunistas ou, pelo menos, não podem considerar-se como verdadeiros comunistas.

Há que lutar contra as tendências particularistas que consistem em só ter em conta os interesses de seu próprio setor, descuidando os interesses dos outros setores. Aqueles que ficam indiferentes diante das dificuldades dos outros, que repelem seus pedidos de envio de quadros ou não lhes cedem senão quadros medíocres, «considerando o campo do vizinho como desaguadouro», e se desinteressam completamente das outras unidades, regiões ou pessoas, são particularistas. Perderam completamente o espírito comunista. A recusa em considerar os interesses do conjunto, a indiferença total com relação às demais entidades, regiões ou pessoas, tão são suas características. Há que reforçar a educação desses indivíduos para fazê-los compreender que tudo isso são tendências sectárias que poderão tornar-se muito perigosas se as deixarmos crescer.

O liberalismo manifesta-se sob diversas formas:

Constatamos que alguém está a agir mal, mas, como se trata dum velho conhecido, dum conterrâneo, dum condiscípulo, dum amigo íntimo, duma pessoa querida, dum antigo colega ou subordinado, não nos empenhamos no debate de princípios e deixamos as coisas correrem, preocupados com manter a paz e a boa amizade. Ou então, para mantermos a boa harmonia, não fazemos mais do que críticas ligeiras, em vez de resolver a fundo os problemas. O resultado é prejudicar-se tanto a coletividade como o indivíduo. Essa é uma primeira forma de liberalismo.

Em privado entregamo-nos a críticas irresponsáveis, em vez de fazermos ativamente sugestões à organização. Nada dizemos de frente às pessoas, mas falamos muito pelas costas; calamo-nos nas reuniões, e falamos a torto e a direito fora delas. Desprezamos os princípios de vida coletiva e deixamo-nos levar pelas inclinações pessoais. É uma segunda forma de liberalismo.

Desinteressamo-nos completamente por tudo que não nos afeta pessoalmente; mesmo quando temos plena consciência de que algo não vai bem, falamos disso o menos possível; deixamo-nos ficar sabiamente numa posição coberta e temos como única preocupação não ser apanhados em falta. É uma terceira forma de liberalismo.

Não obedecemos a ordens, colocamos nossas opiniões pessoais acima de tudo. Não esperamos senão atenções por parte da organização e repelimos a disciplina dessa. Eis uma quarta forma de liberalismo.

Em vez de refutar e combater as opiniões erradas, no interesse da união, do progresso e da boa realização do trabalho, entregamo-nos a ataques pessoais, buscamos questões, desafoamos o nosso ressentimento e procuramos vingar-nos. Eis uma quinta forma de liberalismo.

Escutamos opiniões erradas sem elevarmos uma objeção e deixamos até passar, sem informar sobre elas, expressões contrarrevolucionárias, ouvindo-as passivamente, como se de nada se tratasse. É uma sexta forma de liberalismo.

Quando nos encontramos entre as massas, não fazemos propaganda nem agitação, não usamos da palavra, não investigamos, não fazemos perguntas, não tomamos a peito a sorte do povo e ficamos indiferentes, esquecendo-nos de que somos comunistas e comportando-nos como um cidadão qualquer. É uma sétima forma de liberalismo.

Vemos que alguém comete atos prejudiciais aos interesses das massas e não nos indignamos, não o aconselhamos nem obstamos à sua ação, não tentamos esclarecê-lo sobre o que faz e deixamo-lo seguir. Essa é a oitava forma de liberalismo.

Não trabalhamos seriamente, mas apenas para cumprir formalidades, sem plano e sem orientação determinada, vegetamos - «enquanto for sacristão, contentar-me-ei em tocar os sinos». Essa é uma nona forma de liberalismo.

Julgamos ter prestado grandes serviços à revolução e damo-nos ares de veteranos; somos incapazes de fazer grandes coisas, mas desdenhamos as tarefas pequenas; relaxamo-nos no trabalho e no estudo. Eis uma décima forma de liberalismo.

Cometemos erros, damo-nos conta deles, mas não queremos corrigi-los, dando, assim, uma prova de liberalismo com relação a nós próprios. Eis a décima primeira forma de liberalismo.

O liberalismo é extremamente prejudicial nas coletividades revolucionárias. É um corrosivo que mina a unidade, afrouxa a coesão, engendra a passividade e provoca dissensões. Priva as fileiras revolucionárias de uma organização sólida e de uma disciplina rigorosa, impede a aplicação integral da linha política e separa as organizações do Partido das massas populares colocadas sob a direção desse. É uma tendência extremamente perniciosa.

Os liberais consideram os princípios do marxismo como dogmas abstratos. Aprovam o marxismo, mas não estão dispostos a pô-lo em prática, ou não a pô-lo integralmente em prática; não estão dispostos a substituir o liberalismo pelo marxismo. Armam-se tanto de um como de outro: falam de marxismo, mas praticam liberalismo; aplicam o primeiro aos outros e o segundo a si próprios. Levam os dois na bagagem e encontram uma aplicação para cada um. É assim que pensam certos indivíduos.

O Estado popular protege o povo. É somente depois que o povo passa a dispor de tal Estado que pode, por métodos democráticos, educar-se e reformar-se à escala nacional e, com a participação de todos, desembaraçar-se da influência dos reacionários do interior do estrangeiro (influência que, aliás, ainda é muito grande hoje em dia, e que há de subsistir por muito tempo, não podendo ser destruída rapidamente), rejeitas os hábitos e ideias nefastas adquiridas na antiga sociedade, evitar ser arrastados pelos reacionários para o mau caminho, e continuar a avançar em direção à sociedade socialista, à sociedade comunista.

Não é difícil a uma pessoa praticar umas quantas boas ações; o que é difícil é agir durante toda a vida, nunca fazer algo mau. Realizar uma árdua luta durante várias dezenas de anos como se se tratasse de um só dia, e isso sempre no

interesse das grandes massas, dos jovens e da revolução, eis o que há de mais difícil.

Capítulo XXV. A unidade

Unificação do país, unidade do povo e unidade de todas as nacionalistas – eis a garantia fundamental do triunfo seguro de nossa causa.

A unidade do conjunto da classe (proletária) e a unidade da nação inteira só podem atingir-se através da unidade do Partido Comunista; e só com a unidade do conjunto da classe e da totalidade da nação se poderá derrotar o inimigo e concluir a tarefa nacional e democrática.

Nós devemos unir solidamente todas as forças de nosso Partido na base dos princípios da organização e disciplina do centralismo-democrático. Devemos unir-nos a todo o camarada que esteja disposto a observar o Programa, o Estatuto e as decisões do Partido.

Em 1942, nós concretizamos esse método democrático de solução das contradições no seio do povo com a fórmula: «unidade-crítica-unidade». Explicada em detalhe, tal fórmula significa partir do desejo de unidade, resolver as contradições por meio da crítica ou luta e chegar a uma nova unidade assente numa nova base. Segundo nossa experiência, esse é o método correto para a resolução das contradições no seio do povo.

Tal exército (o nosso) conseguiu atingir uma notável unidade em suas próprias fileiras e também com aqueles que estão fora delas. Internamente, há unidade entre os escalões superiores e os inferiores e entre o trabalho militar, o trabalho político e os serviços de retaguarda; externamente, há unidade entre o exército e o povo, entre o exército e os organismos governamentais e entre nosso exército e os exércitos amigos. É imperioso eliminar tudo o que prejudique essa unidade.

Capítulo XXVI. A disciplina

No seio do povo, a democracia é correlativa ao centralismo e à liberdade à disciplina. Em ambos os casos trata-se de dois aspectos de uma mesma entidade, simultaneamente em contradição e em unidade, não devendo nós sublinhar unilateralmente um e negar o outro. No seio do povo não se pode prescindir da democracia nem do centralismo. Essa unidade de democracia e centralismo, de liberdade e disciplina, constitui nosso centralismo-democrático. Sob tal sistema, o povo goza de uma ampla democracia e liberdade, mas, ao mesmo tempo, deve manter-se dentro dos limites da disciplina socialista.

É necessário reafirmar as seguintes regras de disciplina do Partido:

1. Subordinação de cada membro à organização;
 2. Subordinação da minoria à maioria;
 3. Subordinação do escalão inferior ao escalão superior;
 4. Subordinação da totalidade do Partido ao Comitê Central; e
- Todo aquele que viola essas regras de disciplina, sabota a unidade do Partido.

Uma das exigências da disciplina do Partido é a submissão da minoria à maioria. Uma vez que seu ponto de vista seja rejeitado, a minoria deve apoiar a decisão adotada pela maioria. A não ser nos casos de necessidade em que ela pode trazer de novo o problema para consideração em reunião posterior, a minoria não deve de modo algum agir contrariamente à decisão já adotada.

São as seguintes as «Três Grandes Regras de Disciplina»:

1. Obedecer às ordens em todas as ações;
2. Não tomar das massas nem uma orgulha nem a simples ponta de um fio;
3. Entregar às autoridades todos os bens capturados

As «Oito Recomendações» são:

- I. Falar polidamente;
- II. Comprar e vender com honestidade;
- III. Devolver tudo quanto se toma de empréstimo;
- IV. Indenizar por todos os prejuízos que causam;
- V. Não causar prejuízos às plantações;
- VI. Não tomar liberdade com as mulheres; e
- VII. Não maltratar os prisioneiros.

[Todos os oficiais e soldados do nosso exército] devem elevar seu sentido de disciplina e, resolutamente, cumprir as ordens, aplicar nossa política, observar as «Três Grandes Regras de Disciplina» e as «Oito Recomendações», reforçar a unidade entre o exército e o povo, entre o exército e o governo, entre os oficiais e os soldados, bem como a unidade do conjunto do exército, e não permitir a menor violação da disciplina.

Capítulo XXVII. A crítica e a autocrítica

O Partido Comunista não teve a crítica porque nós somos marxistas, temos a verdade ao nosso lado e as massas fundamentais – operários e camponeses – estão conosco.

Um materialista consequente nunca tem medo. Nós esperamos que todos os que lutam ao nosso lado assumam corajosamente suas responsabilidades, vençam as dificuldades, não temam os reveses e as zombarias, nem temam fazer-nos, a nós, os comunistas, críticas ou sugestões. «Aqueles que não temem morrer feridos por milhares de golpes, ousam apeiar o imperador» – tal é o indomável espírito que necessitamos na luta para construir o socialismo e o comunismo.

Nós temos a arma marxista-leninista da crítica e da autocrítica. Nós podemos desembaraçar-nos do mau estilo e conservar o estilo bom.

A prática conscienciosa da autocrítica é uma das características marcantes que distinguem nosso Partido dos demais partidos políticos. Como temos dito, uma casa deve ser varrida regularmente, do contrário, a poeira vai-se acumulando; nossas caras devem ser lavadas regularmente, pois, doutro modo, acabam por ficar cheias de poeira. As mentes de nossos camaradas e o trabalho de nosso Partido podem igualmente ficar cobertas de poeira, razão pela qual devem ser varridas e lavadas também. O provérbio que diz que «a água corrente não apodrece e os gonços das portas não são carcomidos pelos insetos» significa que o movimento constante impede a ação desagregadora dos micróbios e de todos os parasitas. Verificar constantemente nosso trabalho e, durante esse processo de verificação, desenvolver um estilo democrático, não temer a crítica nem a autocrítica e aplicar essas valiosas máximas populares chinesas que dizem «não cales o que sabes nem guardes para ti aquilo que tens a dizer», «ninguém tem culpa pelo fato de ter falado, é ao que escuta que incumbe tirar todo o proveito disso» e «se tiveres cometido erros, corrige-os, mas se os não tiveres cometido, guarda-te de vir a cometê-los», eis a única via para evitar que a poeira e os micróbios políticos infectem a mente de nossos camaradas e o corpo de nosso Partido.

Dentro do Partido, a oposição e a luta entre ideias de naturezas diferentes são um fato frequente; no Partido, isso é um reflexo de contradições que existem entre as classes e entre o novo e o velho no interior da sociedade. Se não existisse contradições no Partido e não houvesse lutas ideológicas para resolvê-las, a vida do Partido cessaria.

Nós somos pela luta ideológica ativa porque é uma arma para se atingir a unidade interna do Partido e demais organizações revolucionárias em benefício de nosso combate. Cada membro do Partido Comunista, cada revolucionário, deve empunhar essa arma. O liberalismo, porém, rejeita a luta ideológica e preconiza uma paz sem princípios, dando, assim, lugar a um estilo decadente e filisteu, provocando a degenerescência política de certas entidades e certos indivíduos, no Partido e em outras organizações revolucionárias.

No combate ao subjetivismo, sectarismo e estilo estereotipado no seio do Partido, devemos ter presente dois objetivos: «tirar lições dos erros passados a fim de evitar erros no futuro» e «tratar a doença para salvar o doente». Os erros do

passado devem ser apontados sem poupar a sensibilidade deste ou daquele indivíduo; é necessário analisar e criticar de forma científica o que havia de mau no passado, de tal maneira que, no futuro, o trabalho seja mais cuidadoso e melhor. É o que significa «tirar lições dos erros passados a fim de evitar erros no futuro». Nosso objetivo, porém, ao apontarmos os erros e criticarmos as falhas, tal como acontece com um médico que trata uma doença, consiste exclusivamente em salvar o doente, e não matá-lo. Um indivíduo com apendicite se salva quando o cirurgião lhe extrair o apêndice. Desde que aquele que cometeu erros não esconde sua doença com medo do tratamento nem persiste nos erros ao ponto de tornar-se incurável; desde que, honesta e sinceramente, deseja ser curado e corrigir-se, devemos acolhê-lo e curar-lhe a doença de maneira que se converta num bom camarada. Jamais poderemos ter Êxito se nos deixamos levar por impulsos momentâneos e o fustigamos desmedidamente. Quando se trata uma doença ideológica ou política nunca se deve ser rude nem imprudente, mas, sim, adotar a atitude de «tratar a doença para salvar o doente», que é o único método correto e eficaz.

Outro ponto que se deve mencionar em ligação com a crítica no interior do Partido é o de certos camaradas que, ao fazerem suas críticas, descutam as questões principais e confinam sua atenção em pontos de menor importância. Não compreendem que a tarefa principal da crítica é expor os erros políticos e de organização. Com respeito às falhas pessoais, desde que não estejam relacionadas com erros políticos ou de organização, não se torna necessário criticá-las demasiadamente, pois, do contrário, os camaradas em causa ficarão perdidos, sem saber o que fazer. Além disso, se tal crítica se desenvolve, a atenção dos membros do Partido passa a concentrar-se exclusivamente em faltas menores, como toda a gente se intimida, torna-se cautelosa em excesso e esquece as tarefas políticas do Partido. Isso constitui um grande perigo.

Na crítica dentro do Partido há que saber guardar-se do subjetivismo, da arbitrariedade e da banalização da crítica; todas as afirmações devem basear-se em fatos e a crítica deve ter um sentido político.

A crítica no interior do Partido é uma arma que serve para fortalecer a organização do Partido e elevar sua capacidade de combate. Contudo, nas organizações do Partido no seio do Exército Vermelho, a crítica não apresenta sempre esse caráter, transformando-se por vezes em ataques pessoais. Disso não só resulta um prejuízo para os indivíduos como, também, para a própria organização do Partido. É uma manifestação do individualismo pequeno-burguês. O método de correção consiste em ajudar os membros do Partido a compreender que o objetivo da crítica é elevar a capacidade de combate do Partido de modo a alcançar-se a vitória na luta de classes, não devendo essa ser utilizada como um meio para ataques pessoais.

Como servirmos o povo, não temos medo de ver apontadas e criticadas as falhas que tivemos. Seja quem for pode apontar nossas falhas; se tiver razão, nós próprios corrigi-las-emos. Se aquilo que propuser beneficiar o povo, nós agiremos de acordo com a proposta.

Acaso nós, os comunistas chineses, que baseamos todas as ações nos mais altos interesses das grandes massas do povo chinês, que estamos convencidos da

justiça absoluta de nossa causa, que nunca nos determos frente a qualquer sacrifício pessoal e estamos sempre prontos a dar a vida pela causa, acaso poderemos sentir pesar em afastar qualquer ideia, ponto de vista, opinião ou método, que não corresponda às necessidades do povo? Acaso poderemos, nós, aceitar que a poeira e os micróbios políticos venham manchar nossa cara limpa e infectar nosso organismo são? Incontáveis são os mártires revolucionários que deram a vida em defesa dos interesses do povo, e nossos corações enchem-se de dor cada vez que os recordamos – poderá, então, haver algum interesse pessoal que não sejamos capazes de sacrificar, ou algum erro que não possamos eliminar?

Nunca devemos contentar-nos com nossos sucessos. Devemos refrear nossa autossatisfação e criticar constantemente nossas falhas, tal como lavamos a cara e varremos o chão todos os dias para remover poeira e manter tudo limpo.

A crítica deve fazer-se a tempo; é necessário desembaraçar-se desse hábito de só criticar depois de consumados os fatos.

Instruídos pelos erros e reveses, nós tornamo-nos mais experimentados e manejados melhor nossos assuntos. Qualquer partido político, qualquer pessoa, encontra dificuldade em evitar os erros, contudo, há que errar o menos possível. Assim que cometemos um erro, devemos corrigi-lo, e quanto mais depressa e a fundo, melhor.

Capítulo XXVIII. Os comunistas

Um comunista deve ser aberto, fiel e ativo, colocar os interesses da revolução acima de sua própria vida e subordinar os interesses pessoais aos interesses da revolução. Em todos os momentos, seja onde for que se encontre, deve ater-se aos princípios justos e travar uma luta sem tréguas contra todas as ideias e ações erradas, de modo a consolidar a vida coletiva do Partido e reforçar os laços existentes entre esse e as massas; um comunista deve preocupar-se mais com o Partido e as massas do que com seus interesses pessoais, atender mais aos outros do que a si próprio. Só quem atua assim pode ser considerado comunista.

É necessário fazer compreender a todos os camaradas que o critério supremo para julgar as palavras e atos dum comunista está em saber se conformam com os mais altos interesses da esmagadora maioria do povo e se beneficiam do apoio dessa maioria.

Em nenhum momento, em nenhuma circunstância, os comunistas colocarão seus interesses pessoais em primeiro plano; pelo contrário, subordiná-los-ão sempre aos interesses da nação e das massas populares. É por isso que o egoísmo, o relaxamento no trabalho, a corrupção, o exibicionismo etc. merecem o maior dos desprezos, enquanto que a entrega desinteressada, o ardor no trabalho, a devoção à causa pública, o esforço intenso e tenaz merecem todo o respeito.

Seja em que momento for, um comunista deve estar pronto a persistir na verdade, pois a verdade concorda sempre com os interesses do povo; em todos os momentos um comunista deve estar pronto a corrigir seus erros, pois todo o erro é contrário aos interesses do povo.

Um comunista deve perguntar sempre pelos porquês de todas as coisas, usar a própria cabeça para pensá-las em todos os aspectos, ver se correspondem ou não à realidade e se estão verdadeiramente bem fundadas. Em nenhum caso um comunista deve seguir cegamente os outros ou encorajar a obediência servil.

Nós devemos encorajar os camaradas a terem em conta os interesses do conjunto. Cada membro do Partido, cada setor de trabalho, cada palavra e cada ação deve partir dos interesses do Partido em seu conjunto. É absolutamente inadmissível violar esse princípio.

Os comunistas devem ser um modelo tanto de senso prático como de previsão e clarividência, uma vez que só pelo senso prático poderão cumprir as tarefas que lhes cabem e só graças a previsão e a clarividência poderão evitar perder-se na marcha para diante.

Os comunistas devem ser os mais clarividentes, sacrificados, resolutos e capazes de apreciar uma situação sem ideias preconcebidas; devem basear-se na maioria das massas e conquistar o apoio dessas.

Os comunistas devem ser um exemplo no estudo; em todos os momentos devem ser alunos e mestre das massas populares.

Ao trabalharem nos movimentos de massas, os comunistas devem ser amigos das massas e não patrões situados acima delas, devem ser professores incansáveis e nunca politiqueiros burocratas.

Os comunistas nunca devem separar-se da maioria das massas nem avançar temerariamente à frente dum pequeno contingente mais adiantado sem ter em conta a maioria; devem preocupar-se em criar laços estreitos entre os elementos avançados e as grandes massas. É o que significa pensar em função da maioria.

Nós, os comunistas, somos como uma semente, enquanto que o povo é como a terra. Para onde quer que formos, devemos unir-nos ao povo, criar raízes e florescer em seu seio.

Para tudo, nós, os comunistas, devemos saber ligar-nos às massas. Se os membros do Partido passarem a vida inteira metidos entre quatro paredes, a coberto das tempestades e cortados do mundo, de que utilidade poderão ser para o povo chinês? De nenhuma utilidade. Não precisamos de gente assim como membro do Partido. Nós, os comunistas, devemos desafiar as tempestades e olhar de frente o mundo: as grandes tempestades da luta das massas, o mundo grandioso da luta das massas.

Os comunistas nunca devem julgar-se infalíveis nem tomar atitudes arrogantes, crendo-se bons em tudo e pensando que os outros não servem para coisa alguma; nunca devem fechar-se em seu quarto, ser fanfarrões ou comportar-se como tiranos.

Os comunistas devem ouvir atentamente os pontos de vista das pessoas que não pertencem ao Partido e dar-lhes a possibilidade de exprimir-se. Se aquilo que essas pessoas dizem é correto, nós devemos aplaudir e inspirar-nos em seus pontos fortes; e mesmo que o que dizem está errado, devemos deixá-las concluir o que estiveram declarando e, depois, dar-lhes pacientemente as necessárias explicações.

Exceto com relação aos incorrigíveis, a atitude dos comunistas frente aos que tenham cometido erros no trabalho não deve ser a de exclusão, mas, sim, a de persuasão, de maneira a ajudá-los a mudar e começar de novo.

Os comunistas não devem desenharr nem caçoar das pessoas que estão politicamente atrasadas, mas, sim, tratá-las amigavelmente, unir-se a elas, convencê-las e encorajá-las a progredir.

Capítulo XXIX. Os quadros

Para assegurar que nosso Partido e nosso país não mudem de cor, devemos não somente dispor de uma linha de uma política corretas, mas, também, educar e formar dezenas de milhões de continuadores da causa revolucionária do proletariado.

No fundo, a questão da formação dos continuadores da causa revolucionária do proletariado consiste em saber se haverá ou não gente que leve por diante a causa revolucionária marxista-leninista, iniciada pela velha geração de revolucionários do proletariado, se a direção de nosso Partido e Estado permanecerá ou não em mãos de revolucionários do proletariado, se nossos descendentes continuarão ou não a marchar pela via correta estabelecida pelo marxismo-leninismo ou, por outras palavras, se nós poderemos ou não evitar com êxito que surja um revisionismo tipo Kruschov na China. Em resumo, trata-se de uma questão extremamente importante, um assunto de vida ou morte para nosso Estado. É uma questão de importância fundamental para a causa da revolução proletária, questão que se arrastará por um período de cem, mil ou mesmo dez mil anos. Baseando-se nas transformações verificadas na União Soviética, os profetas do imperialismo depositam suas esperanças de «evolução pacífica» na terceira ou na quarta geração do Partido chinês. Nós devemos desbaratar completamente essas profecias imperialistas. Em todas as nossas organizações, desde superiores às de base, devemos por toda parte dispensar atenção constante à educação e formação dos continuadores da causa revolucionária.

Quais as condições requeridas para ser digno continuador da causa revolucionária do proletariado?

Ser um genuíno marxista-leninista e não, como Kruschov, um revisionista disfarçado com a capa do marxismo-leninismo. Ser um revolucionário que serve de todo o coração a esmagadora maioria do povo da China e do mundo, e não, como Kruschov, um servidor do interesse de um punhado de membros da camada privilegiada do imperialismo e da reação do plano internacional. Ser um político do proletariado, capaz de unir-se e trabalhar juntamente com a esmagadora maioria. Ela não só deve unir-se com os que partilham seus pontos de vista, mas, ainda, saber unir-se com os que não partilham esses pontos de vista, e até mesmo com aqueles que lhe faziam oposição e que a prática provou os respectivos erros. Contudo, deve estar especialmente vigilante com relação aos arrivistas e conspiradores do gênero Kruschov e impedir que esses malfeitores usurpem a direção do Partido e do Estado, em qualquer dos escalões.

Ele deve dar o exemplo na aplicação centralismo-democrático do Partido, deve dominar o método de dirigir que se baseia no princípio dito «das massas para as massas» e cultivar um estilo democrático que lhe permita escutar as opiniões das massas. Não deve, à semelhança de Kruschov, ser despótico, violar o centralismo-democrático do Partido, fazer ataques de surpresa contra os camaradas ou atuar de maneira arbitrária e ditatorial.

Deve ser modesto e prudente, guardar-se da arrogância e da precipitação; deve estar penetrado do espírito de autocritica e ter coragem de corrigir as falhas e os erros no trabalho. Ele nunca deve encobrir os erros que tiver cometido nem atribuir-se todos os méritos e lançar todas as culpas sobre os outros, à semelhança de Kruschov. Os continuadores da causa revolucionária do proletariado surgem durante a luta das massas e temperam-se nas grandes tempestades da revolução. É ao longo da prolongada luta das matas que importa provar e julgar os quadros, e selecionar e formar os continuadores.

As organizações do Partido devem estender-se por todo o país, e devemos formar, conscienciosamente, dezenas de milhares de quadros e centenas de dirigentes de massas de primeira qualidade. Eles devem ser quadros e dirigentes sabedores do marxismo-leninismo, com uma visão política ampla, competentes no trabalho, penetrados de espírito de sacrifício, capazes de, por si próprios, solucionar os problemas, inabaláveis diante das dificuldades, e leais e devotados no serviço da nação, da classe e do Partido. É nesses quadros e nesses dirigentes que o Partido se apoia na sua ligação com os demais membros e as massas, e é apoiando-se firme na direção desses membros sobre as massas que o Partido pode alcançar o objetivo de derrotar o inimigo. Tais quadros e dirigentes devem ser destituídos de todo o egoísmo, de todo o heroísmo individualista, ostentação, indolência, passividade e sectarismo arrogante; devem ser desinteressados heróis de sua própria nação e de sua classe. Essas são as qualidades e o estilo de trabalho exigido aos membros, quadros e dirigentes de nosso Partido.

Uma vez estabelecida a linha política, os quadros são um fator determinante. Por consequência, formar segundo um plano um grande número de novos quadros constitui nossa tarefa de combate.

O critério que o Partido Comunista deve aplicar em sua política de quadros consiste em ver se um quadro é ou não resoluto na educação da linha do Partido, se observa ou não a disciplina, se está ou não estreitamente ligado às massas, se é ou não capaz de orientar-se por si próprio no trabalho, se é ou não ativo, tenaz e desinteressado. Tal é a política de «nomeações segundo as qualidades individuais».

É necessário manter o sistema da participação dos quadros no trabalho coletivo de produção. Os quadros de nosso Partido e Estado são trabalhadores comuns e não senhores que cavalgam às costas do povo. Aos participarem no trabalho coletivo de produção, os quadros mantêm os laços mais amplos, permanentes e estreitos com o povo trabalhador. Essa é uma medida maior e de fundamental importância num sistema socialista; ela contribui para vencer a burocracia e impedir o revisionismo e o dogmatismo.

Há que saber julgar os quadros. Não se deve apreciá-los apenas por um certo momento ou fato isolado de sua vida, mas, sim, julgá-los por todo seu passado e todo seu presente. Tal é o método principal de julgar os quadros.

É preciso saber utilizar os quadros. Resumindo, ser dirigente envolve duas responsabilidades principais: formular ideias e empregar os quadros. Elaborar planos, tomar decisões, emitir ordens, traçar diretivas etc., tudo isso entra na categoria de «formular ideias». Para pormos as ideias em prática temos de unir os quadros e incitá-los à ação. A isso se chama «utilizar os quadros».

É preciso saber cuidar dos quadros. Há várias maneiras de fazê-lo:

1. Dar-lhes uma orientação. Isso significa deixá-los trabalhar com liberdade para que tenham coragem de assumir responsabilidades, e, ao mesmo tempo, dar-lhes oportunamente instruções, de modo que, guiados pela linha política do Partido, sejam capazes de pôr plenamente em jogo seu espírito criador;

2. Elevar-lhes o nível. Isso significa dar-lhes possibilidades de estudo, educá-los a fim de que elevem seus conhecimentos teóricos e aumentam sua capacidade de trabalho;
3. Certificar-lhes o trabalho e ajudá-los a fazer o balanço das próprias experiências, a multiplicar os êxitos e corrigir os erros. Confiar-lhes trabalho e não controlar a respectiva execução, dispensando-se atenção apenas quando são cometidos erros graves não pode constituir um método de cuidar dos quadros.
4. Relativamente aos quadros que cometeram erros, devemos usar, em geral, o método de persuasão e ajudá-los a corrigir os erros. O método de luta deve adotar-se apenas com relação àqueles que cometeram erros graves e se recusam a obedecer às instruções. E a paciência é necessária. É errôneo classificar levianamente as pessoas de «oportunistas» ou passar levianamente a «travar lutas» contra elas; e
5. Atender às suas dificuldades. Quando os quadros têm dificuldades, em resultado de doenças, problemas materiais, preocupação de ordem familiar ou de qualquer outra ordem, devemos assegurar-lhes tanto quanto possível uma ajuda. Tal é o método de cuidar dos quadros.

Um núcleo dirigente verdadeiramente unido e ligado às massas só pode formar-se progressivamente, no processo da luta das massas, não isolado dessa luta. Na maioria dos casos, o núcleo dirigente não pode nem deve permanecer imutável em sua composição ao longo do começo, meio e fim duma grande luta; há que promover continuamente os elementos ativos que se distinguem no decurso da luta e substituí-los aos membros originais do núcleo dirigente que são comparativamente menos qualificados ou que degeneram.

Se o Partido não dispuser dum grande número de novos quadros trabalhando em plena e total cooperação com os velhos quadros, nossa causa extinguir-se-á. Por consequência, todos os velhos quadros devem acolher com grande entusiasmo os novos quadros e demonstrar-lhes a máxima solicitude. É claro que os novos quadros têm seus defeitos. Há pouco tempo que participam na revolução, falta-lhes experiência e alguns não podem deixar de arrastar ainda vestígios da ideologia viciosa da velha sociedade, sobrevivências ideológicas do individualismo pequeno-burguês. Esses defeitos, porém, podem ser eliminados gradualmente, com educação e têmpera revolucionárias. Como disse, o ponto forte dos novos quadros está no fato de terem um sentido agudo daquilo que é novo e serem, portanto, entusiastas e ativos em alto grau – justamente as qualidades que muitos velhos quadros não possuem. Os quadros velhos e os quadros novos devem respeitar-se mutuamente, aprender uns com os outros e vencer os defeitos através do estudo dos pontos fortes de cada parte, de modo que se unam como um só homem na causa comum e evitem as tendências sectárias.

Devemos preocupar-nos tanto com os quadros que são membros do Partido como com os que não o são. Fora do Partido há muitos indivíduos capazes que esse não deve ignorar. O dever de cada comunista é desembaraçar-se de toda altivez e arrogância, saber colaborar com todos os quadros não-comunistas, prestar-lhes uma ajuda sincera, adotar para com eles uma calorosa atitude de camaradagem e orientar-lhes a iniciativa para a grande causa da resistência ao Japão e reconstrução do país.

Capítulo XXX. Os jovens

O mundo pertence a vocês e a nós também, mas, em última análise, o mundo é vosso. Vocês, os jovens, plenos de vigor e vitalidade, estão na primavera da vida, tal como o Sol às oito ou nove da manhã. Em vocês depositamos nossas esperanças.

O mundo pertence-vos. A vocês pertence o futuro da China.

Devemos fazer toda a juventude compreender que nosso país é ainda muito pobre, que é impossível modificar radicalmente essa situação em pouco tempo e que somente através dos esforços conjugados da nova geração e de todo o povo, trabalhando com suas próprias mãos, é que nosso país poderá, no decurso de várias décadas, se transformar em um país próspero e poderoso. A instauração do regime socialista abriu-nos o caminho que conduz a uma sociedade ideal; mas para que essa sociedade ideal se converta em realidade, temos que trabalhar duramente.

Por falta de experiência política e de convivência social, não sabe comparar a velha China com a nova, não compreende a fundo, facilmente, quão dura e difícil foi a luta de nosso povo para se libertar do jugo do imperialismo e dos reacionários do Kuomintang, bem como o trabalho tenaz que é necessário realizar, com afinco, durante um longo espaço de tempo, para edificar uma radiosa sociedade socialista. Eis a razão por que devemos realizar de maneira constante uma educação política viva e eficaz entre as massas, dizendo-lhes sempre a verdade acerca das dificuldades que surgem, e estudando com elas a maneira de vencer essas mesmas dificuldades.

Os jovens são a força mais ativa e vital da sociedade. São os mais desejosos de aprender e os menos conservadores no pensamento. Isso é assim particularmente na era do socialismo. Nós esperamos que, por toda a parte e em colaboração com as organizações do Partido, estudem curiosamente a forma de pôr inteiramente em jogo a energia de nossos jovens, e não os tratem como se fossem quaisquer outras pessoas, ignorando-lhes as características especiais. Claro que os jovens devem aprender com os velhos e demais adultos, e devem fazer todo o possível para, de acordo com esse, se empenharem em toda espécie de atividade útil.

Que critério permite determinar se um jovem é ou não revolucionário? Como fazer tal distinção? Apenas existe um critério: verificar se esse jovem quer ou não ligar-se às massas operárias e camponesas e se efetivamente se liga a essas. Se quiser ligar-se aos operários e camponeses e o faz efetivamente, é um revolucionário. No caso contrário é um não revolucionário ou um contrarrevolucionário. Se hoje se liga às massas de operários e camponeses, hoje é um revolucionário. Mas se amanhã deixa de ligar-se a elas, ou se, pelo contrário, passa a oprimir a gente simples do povo, passa a ser um não revolucionário ou um contrarrevolucionário.

Enquanto não se incorporam de alma e coração nas lutas revolucionárias das massas, enquanto não se decidem a servir os interesses das massas e a fundir-se com elas, os intelectuais tendem com frequência a ser subjetivistas, individualistas, pouco práticos no raciocínio e irresolutos na ação. Daí que, embora a massa de intelectuais revolucionários chineses desempenhe um papel de vanguarda e sirva de

elemento de ligação para as massas populares, nem todos hão de permanecer revolucionários até o fim. Uma parte abandonará as fileiras da revolução nos momentos críticos e tornar-se-á passiva, podendo até alguns tornarem-se inimigos da revolução. Esses defeitos dos intelectuais só podem ser vencidos no próprio decorrer da luta prolongada travada pelas massas.

Além de continuar a coordenar sua atividade com a tarefa central do Partido, a Liga da Juventude deve realizar um trabalho independente em conformidade com as características especiais da juventude. A China deve cuidar da juventude e preocupar-se com o crescimento da jovem geração. Os jovens devem estudar e trabalhar, mas como eles se encontram na fase do crescimento físico, há que prestar toda a atenção tanto ao seu trabalho e estudo como à sua atividade recreativa, desporto e descanso.

Capítulo XXXI. As mulheres

Na China, os homens estão geralmente sujeito a três sistemas de autoridades (autoridade política, autoridade do clã e autoridade religiosa). Com respeito às mulheres, além de estarem submetidas a esses três sistemas de autoridade, elas encontram-se ainda sujeitas aos homens (autoridade do marido). Essas quatro formas de autoridade – política, clânica, religiosa e marital – encarnam o conjunto da ideologia e sistema feudal-patriarcal, e constituem as quadro cordas grossas que amarram o povo chinês, em especial os camponeses. Mais acima descreveu-se já como os camponeses derrubaram, no campo, a autoridade política dos senhores de terras, a qual constituía a espinha dorsal de todos os outros sistemas de autoridade. Derruba essa autoridade, a autoridade clânica, a autoridade religiosa e a autoridade marital começam a oscilar (...). Entre os camponeses pobres a autoridade marital sempre foi mais débil, pois suas mulheres eram obrigadas, por necessidade econômica, a realizar mais trabalho físico que as mulheres pertencentes às classes ricas, tendo, portanto, mais direito à palavra e maior poder de decisão quanto aos problemas familiares. Nos últimos anos, com a ruína crescente da economia rural, as bases da dominação dos homens sobre as mulheres ficaram minadas. Recentemente, com o surgir do movimento camponês, em muitas localidades as mulheres começaram a organizar-se em associações rural; chegou para elas o momento de levantarem a cabeça, a autoridade marital oscila cada dia mais. Numa palavra, o conjunto da ideologia e sistema feudal-patriarcal está sofrendo um abalo com o crescimento do poder camponês.

Uni-vos, participem na produção e na atividade política para melhorar a situação econômica e política das mulheres.

Defender os interesses dos jovens das mulheres e das crianças, dar assistência aos estudantes refugiados, ajuda aos jovens e às mulheres para que se organizem, a fim de que, em pé de igualdade com os demais, participem em todo o trabalho útil ao esforço da Guerra de Resistência contra o Japão e ao progresso social, garantia da liberdade de casamento e da igualdade entre homens e mulheres, dar aos jovens e às crianças uma educação proveitosa (...).

Na produção agrícola, nossa tarefa fundamental é ajustar em forma organizada o emprego da força de trabalho e encorajar as mulheres a participarem na produção.

Para a construção de uma grande sociedade socialista, é da máxima importância mobilizar as grandes massas de mulheres para que participem nas atividades de produção. Na produção, os homens e as mulheres devem receber um salário igual por trabalho igual. A verdadeira igualdade entre os dois sexos só pode realizar-se no processo da transformação socialista do conjunto da sociedade.

Após a cooperativização agrícola, muitas das cooperativas enfrentaram uma falta de mão-de-obra. Tornou-se necessário mobilizar a grande massa de mulheres que não trabalhavam anterior no campo, a fim de incorporá-las na frente do trabalho (...). As mulheres chinesas constituem uma grande reserva de força de trabalho. Essa reserva deve ser aproveitada na luta pela construção de um país socialista.

É preciso fazer com que todas as mulheres capazes de trabalhar participem na frente de trabalho segundo o princípio de salário igual para trabalho igual. Isso deve ser feito o mais depressa possível.

Capítulo XXXII. A cultura e a arte

No mundo de hoje, toda a cultura, toda a literatura e toda a arte pertencem a classes determinadas e estão subordinadas a linhas políticas determinadas. Realmente não existe arte pela arte nem arte que esteja acima das classes, uma arte que se desenvolve fora da política ou independe dessa. A literatura e a arte proletárias são uma parte do conjunto da causa revolucionária do proletariado; como dizia Lênin, elas constituem «uma pequena roda dentada e um pequeno parafuso» da máquina geral da revolução.

A cultura revolucionária é uma poderosa arma revolucionária para as grandes massas populares. Antes do começo da revolução, prepara ideologicamente o terreno, e durante essa, constitui uma frente de combate necessária e importante na frente geral da revolução.

Nossa literatura e nossa arte servem às grandes massas populares e, em primeiro lugar, os operários, os camponeses e os soldados. São criadas para os operários, camponeses e soldados e são utilizadas por eles.

Os nossos trabalhadores da literatura e arte devem cumprir essa tarefa, têm que mudar de posição, passar-se gradualmente para o lado dos operários, camponeses e soldados, para o lado do proletariado, penetrando no seio desses, lançando-se no coração da luta prática e estudando o marxismo e a sociedade. Só assim nós poderemos dispor de uma literatura e de uma arte que sejam realmente para os operários, camponeses e soldados, uma literatura e uma arte verdadeiramente proletárias.

[Nosso objetivo] é garantir que a literatura e a arte integrem como parte componente no conjunto da máquina da revolução, que funcionem como uma arma poderosa para unir e educar o povo, para atacar e destruir o inimigo, e que ajudem o povo a combater o inimigo com um mesmo sentimento e uma mesma vontade.

Na crítica literária e artística há dois critérios: o político e o artístico (...). Existe o critério político e existe o critério artístico. Que relação há entre eles? Apolítica não é igual à arte nem uma visão geral do mundo é igual a um método de criação e crítica artística. Nós negamos a existência de um critério político abstrato, absolutamente imutável, tanto como negamos a existência de um critério artístico abstrato, absolutamente imutável: cada classe, seja em que sociedade de classes for, tem o seu próprio critério político e artístico. O que nós exigimos é a unidade da política e da arte, a unidade de conteúdo e forma, a unidade de um conteúdo revolucionário com uma forma artística a mais perfeita quanto possível. As obras de arte que não têm qualidade artística não têm força, por mais progressistas que sejam politicamente. Por consequência, nós opomo-nos tanto às obras artísticas que contêm um ponto de vista político errado como à tendência para criar obras de estilo «cartaz e palavra de ordem», as quais, ainda que corretas do ponto de vista político, manifestam uma falta de força artística. No domínio da literatura e arte devemos sustentar uma luta em duas frentes.

Que cem flores desabrochem e cem escolas de pensamento rivalizem, eis a política para promover o desenvolvimento das artes e o progresso das ciências, bem como o florescimento da cultura socialista em nosso país. Nas artes, as diferentes formas e os diferentes estilos podem desenvolver-se livremente, assim como nas

ciências, as diferentes escolas podem rivalizar com liberdade. Nós pensamos que é prejudicial ao desenvolvimento da arte e da ciência o curso a medidas administrativas para impor um estilo de arte em particular ou uma só escola de pensamento, e proibir as demais. O problema do correto e do incorreto na arte e na ciência deve resolver-se pela livre discussão nos círculos artísticos e científicos, através da prática da arte e da ciência, e nunca de maneira simplista.

Um exército sem cultura é um exército ignorante, e um exército ignorante não pode vencer o inimigo.

Capítulo XXXIII. O estudo

Na transformação da China agrícola e atrasada num país industrializado e avançado, nós estamos confrontados com árduas tarefas e a nossa experiência está longe de ser adequada. Sendo assim, temos de saber aprender.

As condições mudam permanentemente, sendo necessário estudar para que as nossas ideias se adaptem às novas condições. E mesmo aqueles que conhecem melhor o marxismo, e são relativamente mais firmes em sua posição proletária, devem também continuar a estudar, devem assimilar o que é novo, estudar os problemas novos.

Nós poderemos aprender aquilo que ainda não compreendemos. Nós não sabemos apenas destruir o mundo velho, nós sabemos, também, construir um mundo novo.

Há duas atitudes para aprender. Uma é a atitude dogmática que consiste em copiar tudo, seja ou não adequado às condições de nosso país. Essa não é uma boa atitude. A outra é a atitude de usar a nossa própria cabeça e aprender aquilo que é adequado às nossas condições, quer dizer, assimilar toda a experiência que nos seja útil. Essa é a atitude que devemos adotar.

A teoria de Marx, Engels, Lênin e Stalin é uma teoria de valor universal. Nós devemos considerá-la não como um dogma, mas, sim, como um guia para a ação. Estudar o marxismo-leninismo não é apenas uma questão de aprender termos e frases, mas, sim, uma questão de estudá-lo como ciência da revolução. Não se trata apenas de compreender as leis gerais deduzidas por Marx, Engels, Lênin e Stalin através de seu estudo extensivo da vida real e da experiência da revolução, mas, sim, estudar sua posição e o método que adotaram no exame e solução dos problemas.

Se, quando conhecemos uma teoria justa, contentamo-nos em fazer dela um simples tema de conversação, e, em vez de a pormos em prática, deixamo-la de lado, essa teoria, por mais bela que seja, não poderá ter qualquer significação.

Há que dominar completamente a teoria marxista e saber aplicá-la; dominá-la com o único objetivo de aplicá-la. Se chegarem a poder aplicar o ponto de vista marxista-leninista no esclarecimento de um ou dois problemas práticos, vocês merecerão elogios e poderá dizer-se que conseguiram certo êxito. Quantos mais problemas forem capazes de esclarecer, quanto mais vastos e profundos forem nessa clarificação, tanto maior será vosso êxito.

Como ligar a teoria marxista-leninista com a prática da revolução chinesa? Para usar uma expressão corrente, diremos que é «disparando a flecha contra o alvo». Quando disparamos uma flecha devemos dirigi-la contra o alvo. A flecha está para o alvo assim como o marxismo-leninismo está para a revolução chinesa. Alguns camaradas, porém, «disparam sem ser contra o alvo», disparam à toa. Esses camaradas arriscam-se a prejudicar a revolução.

Os que têm experiência de trabalho devem dedicar-se ao estudo teórico e ler com seriedade, pois só assim poderão sistematizar e sintetizar as suas experiências

elevando-as ao nível da teoria, e não considerando erradamente as experiências parciais como verdade gerais nem caindo nos erros do empirismo.

Ler é uma forma de aprender, mas praticar é também uma forma de aprender, sendo até a forma mais importante de aprender a fazer a guerra fazendo-a. Uma pessoa que não tenha tido a possibilidade de ir à escola também pode aprender a fazer a guerra – pode aprender no próprio combate. Uma guerra revolucionária é uma empresa de massas; nela acontece com frequência que as pessoas, em vez de combaterem depois de terem aprendido, começam por combater e depois aprendem. Combater é, pois, aprender.

Existe certa distância entre um civil e um militar, mas não há entre eles Grande Muralha, podendo a distância existente ser rapidamente eliminada. A via para eliminar essa distância é tomar parte na revolução, participar na guerra. Quando dizemos que não é fácil aprender e aplicar, queremos dizer que não é fácil aprender a fundo e aplicar com sabedoria. Quando dizemos que os civis podem muito rapidamente transformar-se em militares, queremos significar que não é difícil iniciar-se na arte da guerra. Resumindo essas duas afirmações, podemos citar o ditado chinês que diz: «Nada no mundo é difícil para aquele que se decide a fazê-lo bem». Iniciar-se não é difícil, aperfeiçoar-se não é impossível; basta que as pessoas se dediquem e saibam aprender.

Devemos aprender a fazer o trabalho econômico com todos os que conhecem o assunto (seja eles quem forem). Nós devemos considerá-los como professores e aprender com eles de maneira respeitosa e consciente. Não devemos fingir que conhecemos aquilo que na realidade não conhecemos.

O conhecimento é uma questão de ciência, não admite a menor desonestidade ou presunção. O que se requer é precisamente o contrário – honestidade e modéstia.

A autossatisfação é inimiga do estudo. Se quisermos realmente aprender alguma coisa, devemos começar por libertar-nos disso. Com relação a nós próprios, devemos «ser insaciáveis na aprendizagem» e, com relação aos outros, «incansáveis no ensino».

Alguns se julgam muito sabedores após terem lido uns quantos livros marxistas, mas como não foram fundo em suas leituras, como estas não ganharam raízes em seus espíritos, não sabem como aplicar o que leram e os seus sentimentos de classe mantêm-se como antes. Outros vaidosos, como sabem algumas frases tiradas dos livros, julgam-se extraordinários e incham-se de orgulho. Contudo, assim que se levanta uma tempestade, eles assumem uma posição muito diferente da dos operários e da maioria dos camponeses trabalhadores. Eles vacilam enquanto esses permanecem firmes, mostram-se ambíguos enquanto esses se mostram francos diretos. Para se adquirir uma verdadeira compreensão do marxismo é necessário estudar não apenas nos livros, mas, principalmente, através da luta de classes, do trabalho prático, do estreito contato com as massas de operários e camponeses. Quando, além da leitura dos livros marxistas, nossos intelectuais tiverem obtido certos conhecimentos no contato estreito com as massas de operários e camponeses, e em seu próprio trabalho prático, nós falaremos todos

uma linguagem comum do patriotismo e do sistema socialista, provavelmente, a própria linguagem comum da concepção comunista do mundo. Se assim acontecer, seguramente que todos trabalharemos muito melhor.